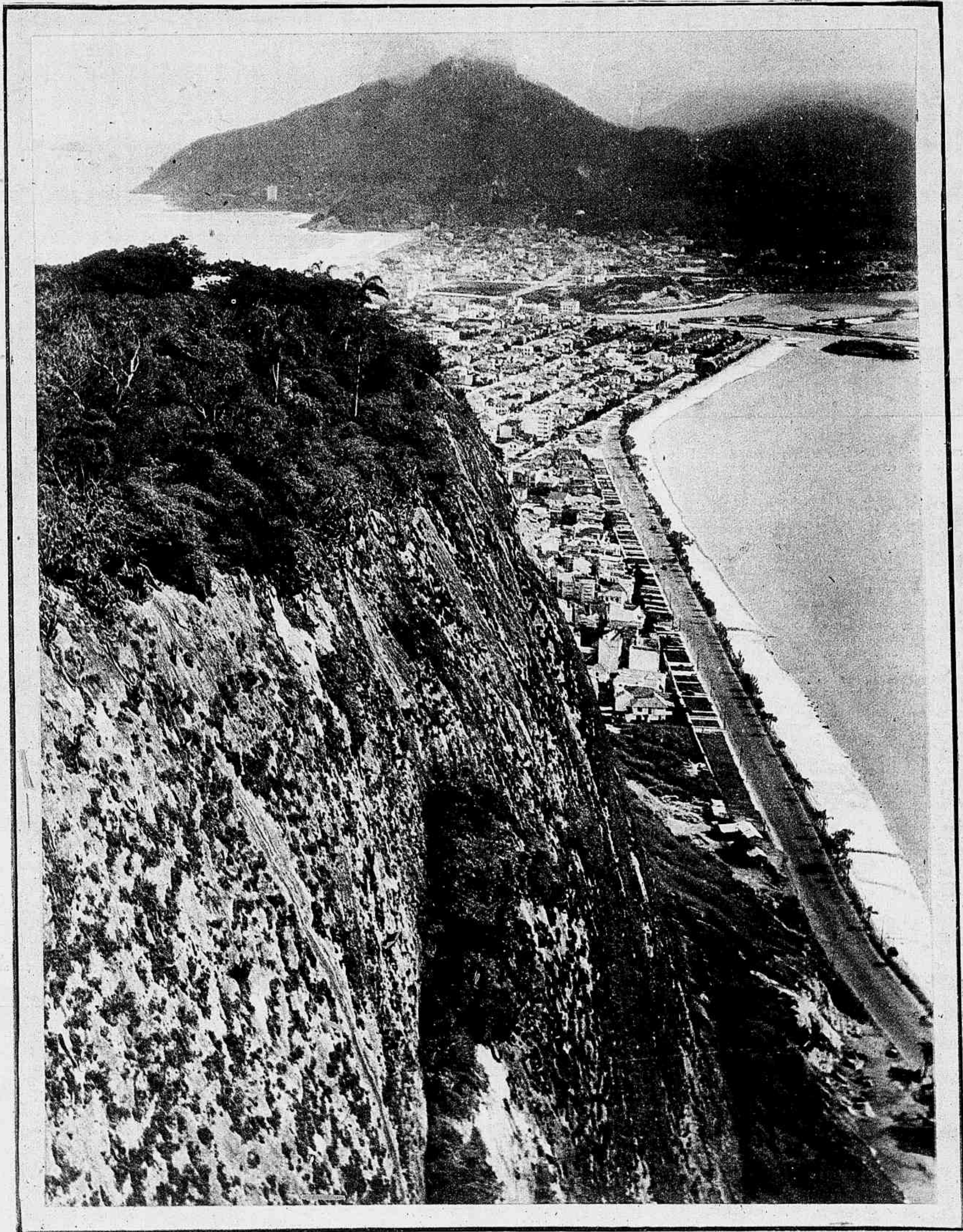


Revista da Semana

ANO XLIII N.º 13 28 de Março de 1942

1\$500 em todo o Brasil



LEBLON E LAGOA RODRIGO DE FREITAS - Rio — Foto de ARNALDO VIEIRA



Cerimônia da re colocação da placa na parede principal do Edifício "Francisco Serrador", no momento em que falava o sr. David Serrador, agradecendo a homenagem.

As 9.30 realizou-se missa na igreja de São Francisco de Paula, à qual, além da excelentíssima família de Francisco Serrador, representada por todos os seus filhos, seus genros, suas noras e seus netos, compareceu elevado número de amigos, admiradores e representantes de autoridades.

As 10.30, em frente ao Edifício "Francisco Serrador", que se está levantando na rua do Passeio, reuniram-se muitos amigos do saudoso industrial da cinematografia e ali, secundando a bela iniciativa da Associação Cinematográfica de Produtores Brasileiros, fizeram recolocar na parede principal do Edifício a placa comemorativa que, a 24 de Maio de 1936, havia sido oferecida a Francisco Serrador e colocada numa das paredes da entrada do antigo Cinema "Alhambra". A placa, que fica à direita de quem entra no Edifício, estava coberta pela bandeira nacional com uma fita de luto. Erguida a bandeira, o escritor Viriato Correia pronunciou o seguinte discurso:

"Fazem muito bem os amigos de Francisco Serrador em realizar esta homenagem. O povo tem memória fraca e costuma esquecer os homens e as obras, mesmo quando as obras são grandiosas e quando são grandes os homens. É preciso fazer com a memória do povo aquilo que se faz com as lâmpadas de azeite quando a luz se vai apagando — atizá-la. É preciso conservar sempre viva a memória popular para o nome de Francisco Serrador. É preciso, porque ele foi um modelo e um exemplo para a própria formação espiritual do povo. Eu já disse uma vez que Francisco Serrador devia ser incluído na galeria dos grandes beneméritos da cidade, ao lado de Estácio de Sá, do Conde de Lavradio, de Luiz de Vasconcelos, de José Clemente, de Paulo de Frontin, de Pereira Passos e de Antonio Prado Junior. E não disse nenhum exagero. Aqueles beneméritos eram figuras de governo e tiveram nas mãos o poder oficial. Francisco Serrador, para produzir o que produziu em bem da cidade, não teve nada, teve apenas ele próprio. Ele próprio que era tudo: a vontade titânica, a tenacidade imperecível, o entusiasmo construtor, a operosidade magnífica, e a fé, a brava, a luminosa e hercúlea fé, que o povo, na sua sabedoria, afirma que tem poder para mover montanhas. E foi justamente a fé a sua virtude máxima. Há, na vida, mil coisas que não se realizam com dinheiro e que a fé as realiza. Para construir o Bairro Serrador (que a cidade, por defeito de memória, hoje denomina Cinelandia), Francisco Serrador não tinha nem a metade do dinheiro necessário, talvez não tivesse uma terça parte, talvez nem mesmo a décima parte tivesse. E construiu-o. Foi a fé o seu grande capital. Meus senhores, é preciso considerar quanto foi grande esse capital, quanto foi formidável o dispêndio dele. Pretender realizar a Cinelandia na época em que Serrador o pretendia, era sonho que só podia ser concebido numa cabeça louca. No Brasil os homens de dinheiro não acreditam no futuro. Para os capitalistas do Brasil o dinheiro só foi feito para ser guardado nas burras de ferro ou para o rendimento seguro das apólices da dívida pública. Ninguém arrisca. Ninguém crê no milagre do trabalho. Os homens não acreditam nos homens. Considerem o trabalho incrível, o ingente trabalho que Serrador teve para mover capitalistas e capitais, as noites sem dormir, os desasossegos, as decepções, as humilhações que

HOMENAGENS PRESTADAS À MEMÓRIA DE FRANCISCO SERRADOR, POR OCASIÃO DO PRIMEIRO ANIVERSÁRIO DE SUA MORTE, OCORRIDA A 22 DE MARÇO DE 1941

passou durante os longos anos em que transformava o velho convento da Ajuda nessa maravilha de civilização e de progresso que é o Bairro que ele construiu. Meus senhores: é preciso perpetuar o nome desse homem. O povo, sempre esquecido e sempre ingrato, já trocou por Cinelandia o nome Serrador que primitivamente dera ao bairro. Amanhã poderá até esquecer quem foi o autor dessa obra. O bronze e a pedra sempre foram, através dos séculos, símbolos da perpetuidade. Juntemos à pedra essa placa de bronze que dá a Francisco Serrador a paternidade da sua obra maravilhosa. Juntemos para que, amanhã, não seja atribuído a outro essa obra que é dele, somente dele, obra que, de tão grande, não pode ser orgulho de um só homem, mas sim o orgulho de toda uma geração — a nossa geração."

Falou também no mesmo ato, em magnífico improviso, o dr. Demétrio Hamann, que se referiu, com o entusiasmo de admirador e de amigo, à obra grandiosa de Francisco Serrador, a quem classificou, com muita propriedade, de preeminente propulsor do progresso da cidade do Rio de Janeiro. Depois de judiciosas considerações em torno da pessoa de Francisco Serrador, entoando um hino de saudade, o dr. Demétrio Hamann aludiu à continuação da obra do insigne cinematografista, através da plêiade brilhante de seus filhos, que todos conhecemos cheios de ardor no trabalho, prosseguindo na mesma trilha luminosa de honradez, de energia e de fé que seu Pai abriu, a golpes de tenacidade e de confiança, na floresta espessa do pessimismo circundante.

Usou da palavra a seguir o sr. David Serrador, que falou em seu nome e nos dos membros da família Serrador, pronunciando o seguinte discurso:

"Meus senhores: Antes de dizer-vos alguma coisa neste instante de saudade e de recordação, agradeço ternamente aos meus queridos amigos dr. Viriato Correia e dr. Demétrio Hamann a generosidade das palavras com que se referiram à memória de meu saudoso pai.

Esta cerimônia é excepcionalmente comovedora para nós, filhos de Francisco Serrador, não somente porque nos toca o amago do coração, mas também porque nos dá, de público, mais uma demonstração de que meu pai, apesar da sua profunda modestia, soube fazer sólidas amizades e conquistar simpatias duradouras, principalmente entre os presentes, que o conheceram em vida como homem de trabalho e de luta.

Recebendo, em meu nome e no de todos os membros da família Serrador, a delicadeza desta significativa homenagem promovida pela Associação Cinematográfica de Produtores Brasileiros, pelo Sindicato das Empresas Exibidoras Cinematográficas, do Rio de Janeiro, e pela Federação dos Sindicatos Patronais do Comércio do Rio de Janeiro — quero testemunhar-lhes, e o faço sinceramente emocionado, a nossa perene gratidão, aproveitando o ensejo para dizer que esta placa, hoje transformada pela saudade em verdadeiro marco comemorativo, constitui mais uma demonstração do desvanecedor apreço que a memória de Francisco Serrador merece a cada um de seus amigos.

Agradeço, também, considerando-a homenagem especial prestada à saudosa memória de meu pai, a honrosa presença, a este ato, do sr. dr. Joaquim Corrêa Pinto, assistente do prefeito do Distrito Federal e representante do exmo. sr. dr. Henrique Dodsworth, digníssimo governador da cidade, na cerimônia das homenagens que ora se realizam.

E, de passagem, senhores, cumprio o dever de consignar neste instante que o Edifício "Francisco Serrador" ainda não está em vias de conclusão, porque a complexidade do processamento da licença definitiva tem levado a ilustre administração municipal, certamente por motivos alheios à sua vontade, a retardar o despacho final, cujos termos, entretanto, estão já submetidos ao estudo do eminente sr. dr. Henrique Dodsworth, aguardando nós que seja atendido o pedido de licença para terminação desta obra, que, como já dissemos noutras ocasiões, será a derradeira contribuição do esforço de Francisco Serrador para aformosear e enriquecer nossa linda cidade, dentro do seu velho programa de colaborar com a municipalidade do Rio de Janeiro.

Meus senhores, mais uma vez, em meu nome e no de todos os membros de minha família, peço que aceitem o meu comovido "muito obrigado!"

Após a tocante cerimônia da re colocação da placa comemorativa do esforço de Francisco Serrador, a qual foi fotografada e cinematografada, dirigiram-se a família e os amigos de Francisco Serrador ao cemitério de São João Batista, onde depositaram flores sobre o túmulo de seu saudoso chefe e companheiro.

No cemitério falou o dr. Domingos Segreto, que pronunciou, diante da emoção de todos os presentes, o seguinte discurso:

"Francisco Serrador:

Aqui estamos para trazer-te as nossas saudades. Aqui estamos, os que tiveram a ventura de viver ao teu lado, anos e anos, admirando teu dinamismo e contemplando a obra que, como verdadeiro gigante, levavas avante, num incessante labor, revendo qualidades de homem de ação, mostrando-nos quanto pode uma vontade firme, impulsionada por um espírito de iniciativa. Aqui estamos para reafirmar-te que continuas em nossos corações e que foste grande no trabalho, na obra que idealizaste e executaste, e no exemplo também que nos legaste!

Nada parou, nada esmoreceu! O teu exemplo perseverante aí está refletido no desenvolvimento da cinematografia, com a sequência de construções de novas casas de exibição; a tua obra continua conduzida pelos teus filhos, na execução do Palácio Francisco Serrador, que será um monumento em pleno coração da cidade a lembrar, as gerações presentes e futuras, o teu nome como um símbolo do trabalho e de virtudes raras de trabalhador incansável. Este Palácio vem dar à tua querida Cinelandia o esplendor a que faz jus, e recordar-nos-á sempre que dali, como de um grande arsenal de atividades, irradiavas centelhas de estímulo e fé na opulência e prosperidade do bairro hoje — com inteira justiça — denominado "Bairro Serrador".

Francisco Serrador — nasceu destinado para os grandes embates da vida; e nessas pelejas, quanto maiores eram as dificuldades, maiores os obstáculos a vencer, era aí que mais se avantajava, crescia e agigantava a tua figura de batalhador invencível. Quando todos pensávamos que em meio desses tropeços parecias fraquejar, era quando superando-te a ti mesmo, vencias galhardamente, realizando assim todos os teus arrojados projetos! Era este o aspecto mais admirável da tua personalidade — vencer o impossível!

Esta perseverança era o que te fazia destacar do plano comum dos homens! E no convívio quase que constante que mantínhamos contigo, todos sentíamos quanto era estimuladora a tua personalidade dinâmica. Portanto, Serrador — pelo muito que soubeste realizar, não morreste; ao contrário, vives cada vez mais envolto na nossa saudade e cercado do nosso respeito.

Manda-nos aqui o Sindicato das Empresas Exibidoras Cinematográficas do Rio de Janeiro, do qual foste um dos sócios fundadores, trazer-te estas flores que dizem da nossa homenagem e da nossa admiração, pela figura inesquecível do amigo e companheiro."



Flagrante da oração de Viriato Correia, oferecendo à cidade do Rio de Janeiro a placa comemorativa.



Quando discursava, no tumulto de Francisco Serrador no cemitério São João Batista, o dr. Domingos Segreto.

PAINEL GAUCHO

Octavio Figueira

ALI, por aquela vastidão ignorada, andavam outrora os tapes, os patos, os minuanos, indígenas despreocupados que nunca haviam imaginado, nem em sonho, que um dia a terra alegre em que viviam lhes seria arrebatada pela civilização. E entretanto, foi.

Resistiram, deram o sangue pelo que era seu e acabaram renunciando à luta desigual.

Deixaram de si, porém, a recordação que vive em um reduzido número de vocábulos, aplicados preferentemente aos acidentes físicos da terra. E deixaram também os seus nomes.

Os tapes ainda existem, rememorados na serra que os evoca sempre; os patos permanecerão nas águas volumosas da lagôa imensa, e os minuanos vingam-se na tortura que o vento frio e constante do inverno inflige à planície inteira.

Ah! o minuano! É o gaúcho que anda pelos ares nas asas de um corcel velocíssimo e incansável. É o vento escandaloso e boêmio que passa como uma surriada, como a vaia irreverente de um moleque vadio. Julho e Agosto, o paroxismo do inverno, são os seus meses preferidos. Vem do sul, e durante três dias, na sua cavalgada alucinada para o norte, assobia furiosamente, pondo a cabeleira das árvores virada para a sua direção imutável; escrespando as águas das sangas, dos arroios e dos rios barrentos, em cujo dorso vogam, ao sabor nervoso da corrente, os tufozinhos verdes, floridos de rôxo, das água-pés. São os murúres da Amazônia que vingam nas águas meridionais, numa surpreendente mudança de habitat.

O minuano vara a planície inteira, de lado a lado, clamando, impenitente; devassando frestas e frinchas; silvando nos portais e parapecitos; invadindo tudo pelo menor orifício que se lhe deparar, como se encontrasse portas abertas e janelas escancaradas. Não há opacidade que se lhe oponha, porque ele tem o dom de passar entre dois póros, como se o fizesse entre as duas fronteiras de uma avenida. É a alma dos antigos donos da terra que alarma os ares, penando e gemendo, furiosa e convulsa, fria como uma geada, cortante como uma navalha, e que tem de completar o seu tríduo de protesto e reivindicação, mas que também exerce a sua esplêndida finalidade de prenunciar o tempo seco e renovar a doçura higiênica dos ares.

A passagem do minuano na planície do sul equivale ao prognóstico do grito da saracura nas selvas da Amazônia: é o sinal seguro do tempo seco. E assim como no extremo norte há os indícios certos das cheias e das vasantes, quando o repique bate nas águas, quando os taxiseiros coloreem a floresta ao se vestirem de flôres, quando a piráiba salta de dentro dos rios, quando o nevoeiro amortalha a planície; assim também no sul,

nos pampas, a «baba de boi» é indicio insofismável e infalível de chuva.

Há duas palmeiras nos plainos gaúchos — o «coquinho» e a «baba de boi da campanha» — que desprendem fios resinosos, verdadeira cópia da baba do paciente ruminante. Quando, como uma névoa estranha, esses fios resinosos flutuam no espaço rebrilhando, esgarçados, é a chuva que se anuncia, e que virá com uma certeza matemática, possivelmente mais verdadeira que as afirmativas das estações meteorológicas.

No sul como no norte, ainda se podem repetir os versos de Guerra Junqueiro:

«..... ó, natureza!

A única Bíblia verdadeira és tu!»

E a natureza, dadivosa e boa, é a mesma que, quando não dá os índices ao alcance de todos, ensina os índices artificiais, ao alcance dos experientes. É ela que, á beira dos rios, quando os discípulos de São Pedro estendem a linha, para a pesca do dourado e da piava, do pintado e do jundiá, os faz passarem-na sobre um maço de palha seca amarrada a um tóco de pau —

o «mexerico» — capaz de denunciar a beliscadura do peixe.

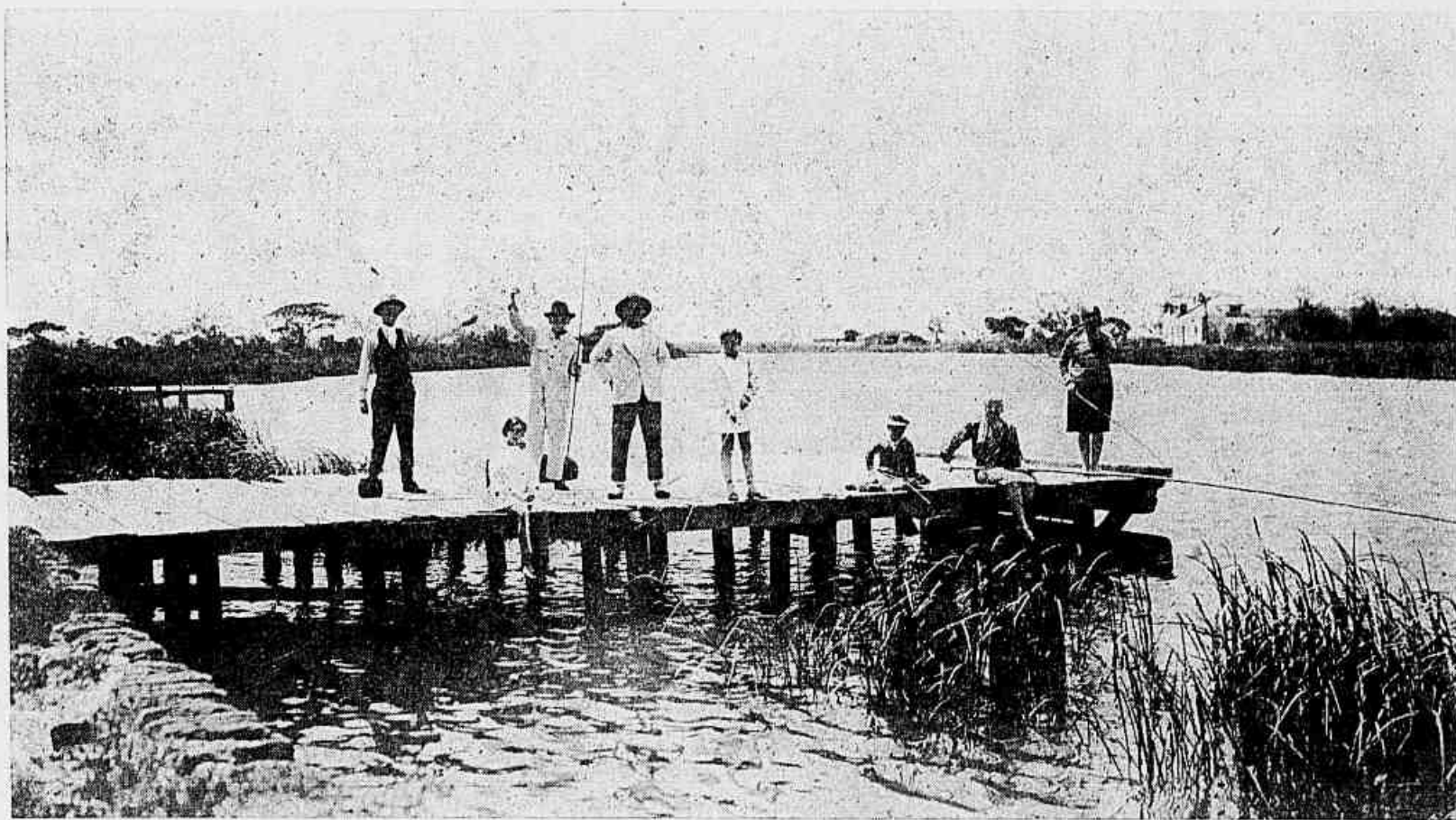
Ainda há pormenores que aproximam as planícies do sul e do norte. Naquela, a língua dos tupís deixou o tijupá, o tijupar ou tejupá — que é, no dizer gaúcho, o tajupar — palhoca rústica, um diedro de vértice apurado, cujas faces tocam o chão, e que serve de abrigo aos trabalhadores; na planície septentrional há o papery, que a linguagem comum adultera para tapery — uma cabana tosca, erguida na mata ou á beira das caudais, para defesa contra o sol e contra a chuva.

Há na planície amazônica o ajury, o putirum, uma fórmula ingênua de coope-

ração que congrega o vizindário para a pesca, para a rôça, para a edificação da choupana; no Rio Grande do Sul há o pichurum, com o mesmo significado de auxílio entre os que moram perto, para o serviço nos campos, para a ajuda mútua. Os dicionários ligam o putirum do norte e o pichurum do sul, condicionando-os à mesma origem tupi do muxirão.

A língua geral deixou o picaú gaúcho e o picaú amazônico, definindo um balaio para guarda de objetos domésticos.

A investigação curiosa terá de encontrar nos dois extremos do paiz a verdade proverbial do contacto aproximador. Tocam-se, em verdade, numa edificante analogia de concepções verdadeiras e de lendas imaginárias. Na realidade e na ficção, a Amazônia e os pampas sulinos, de tão diversos aspectos em tantos e tantos pontos de vista, têm pontos de semelhança que são desconcertantes. Nem parece que Pinzon avistou a fôz do Amazonas em 1500 e que Martim Afonso de Souza ainda em 1531 naufragava no Chuy...



Uma pescaria no arroio Pelotas. (Rio Grande do Sul).

O verso e o reverso da medalha

**BELEZAS NATURAIS NOS
MORROS DO CENTRO —
EMBRIAGUÊS ESPIRITUAL
— DESCENDO O MORRO,
O QUE A GENTE ENCON-
TRA? — CAUSAS DE
EFEITOS TERRIVEIS**

Reportagem de NAPOLEÃO TEJO

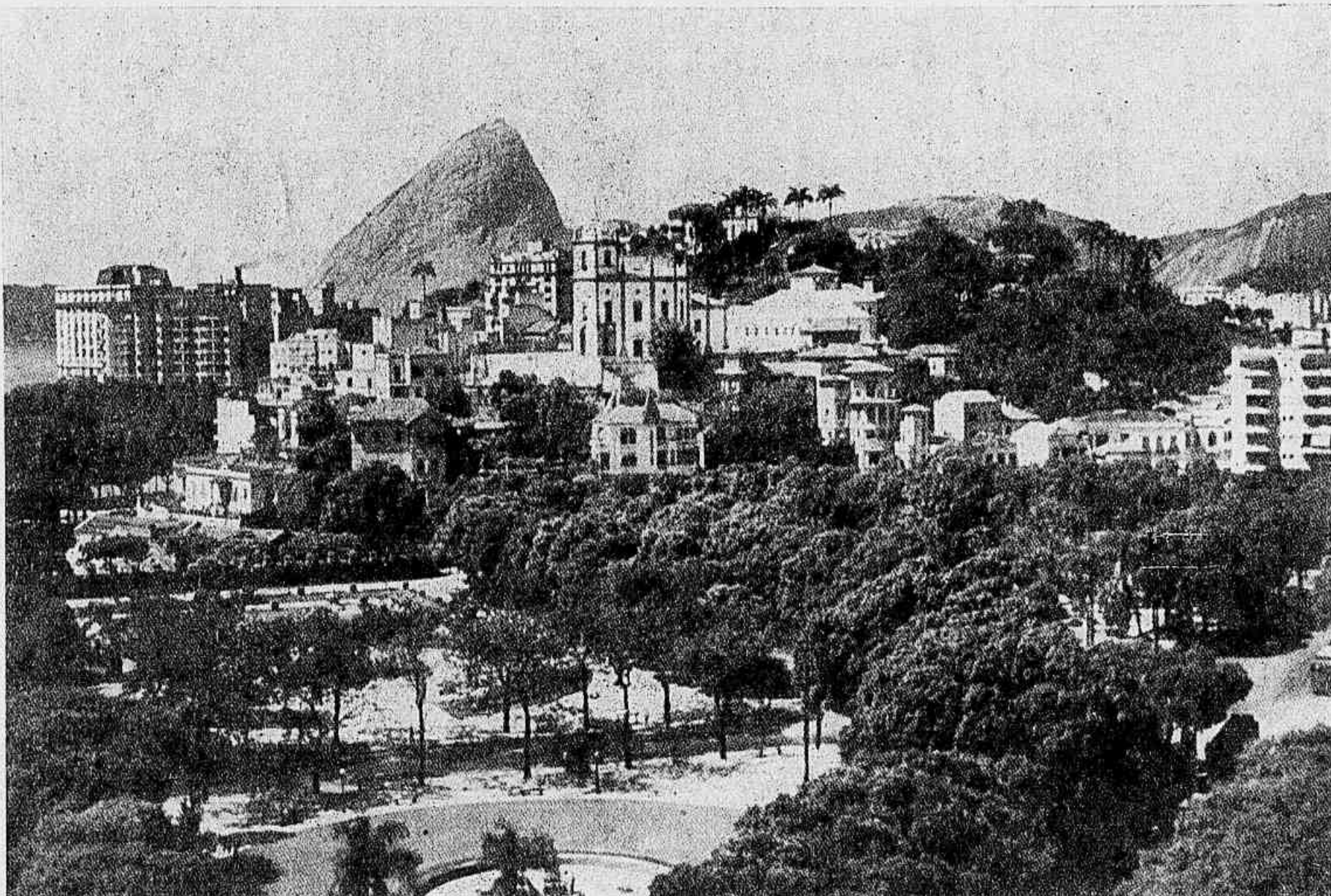
A cidade que tão bem foi cognominada «maravilhosa» tem, de fato, em seus múltiplos aspectos o seu quê de conto de fadas.

E não é preciso ir muito longe, para se verificar a autenticidade da asserção.

Não é necessário subir ao Pão de Açúcar ou ir à Cascatinha para dar pasto aos olhos cansados, de um bonito pedaço de paisagem.

É aqui mesmo no centro, que ireis encontrar, para o descanso do espírito atribulado, um «presente dos deuses».

Basta subir, numa manhã gloriosa de sol, ou mesmo num desses crepúsculos nublados, o outeiro da Gloria ou o morro de Sta. Teresa — a hora não influe, as condições climáticas também não — pois apenas modificam as tonalidades e sendo



Vista do morro da Gloria, tomada de um dos predios da rua da Gloria.
Numa furia de heliotropismo, a cidade se atira para o infinito; no entanto, dormem homens nas sargetas.



Afogando as maguas, talvez. Mas é que elas parece saberem nadar...

assim, dão-nos o prazer das mesmas coisas com uma roupagem diferente. E isto já deve significar muito, pois nada tão enfadonho quanto a repetição, que insensibiliza. Um passeio pois dessa natureza faz um grande bem tanto física como espiritualmente. E é nas alturas que chegamos muitas vezes a conclusões interessantes que não podemos fazer na horizontalidade comum.

Qualquer «João ninguém» pode, por exemplo chegar a uma conclusão de ordem sociológica, dessa natureza: que o homem se civiliza quando transforma a paisagem natural e que essa paisagem transformada reflete-se dentro do individuo que a transformou, angustiando-o num determinismo tremendo. A temperatura amenizada pela brisa marinha, a majestuosidade da Guanabara, o suave perfume dos jardins, a propria simplicidade de umas casas de arquitetura avoenga, desafiadas pela arrogancia das construções modernas, que parecem acotovelá-las, querendo-as expulsar do terreno onde foram plantadas, também nos chamam a atenção para a propria disparidade dos destinos humanos.

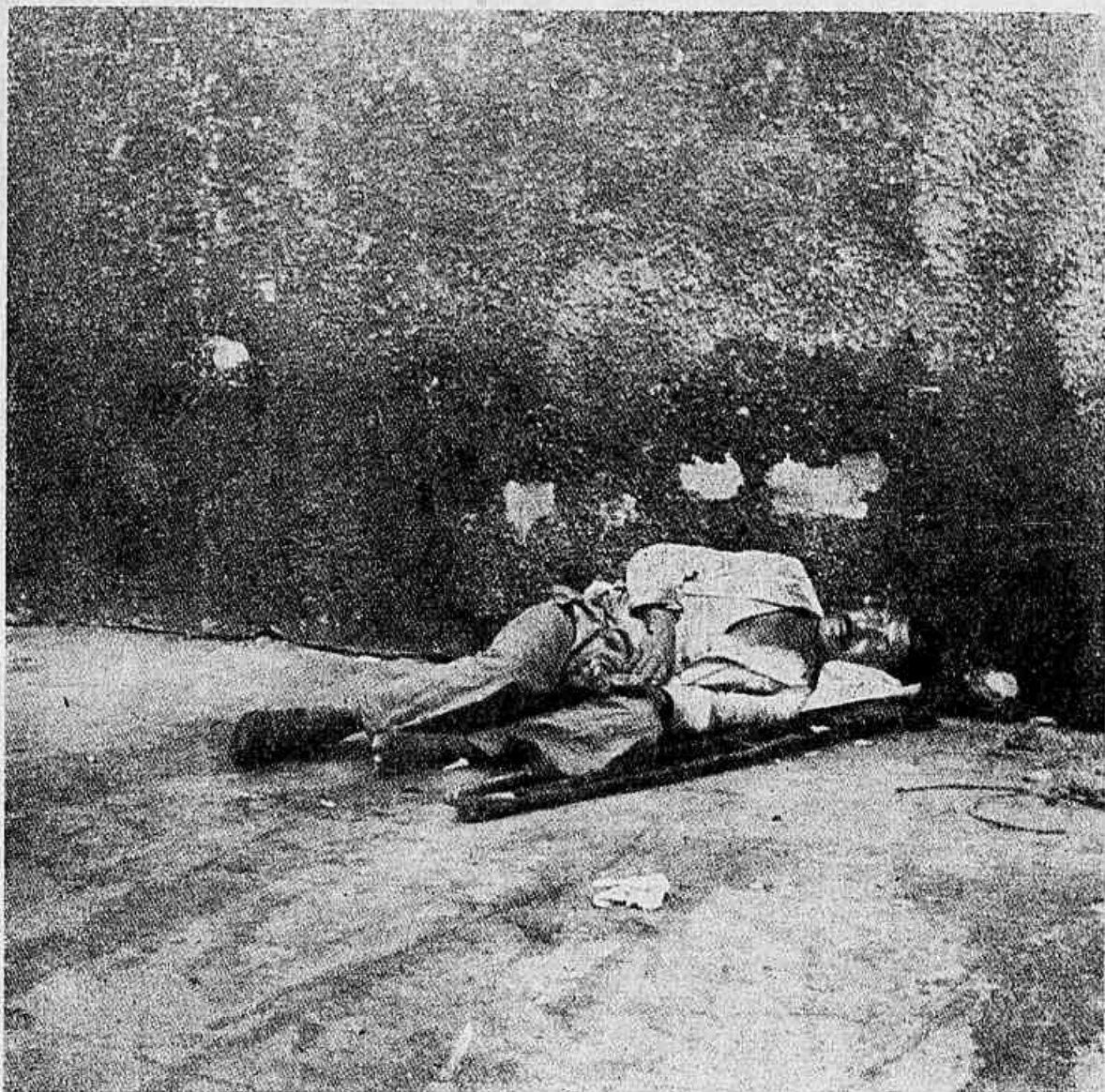
Mas, deixando essas considerações de ordem filosofica, desçamos — é preciso notar, caro leitor, que vais descer comigo, agora, o morro de Sta. Teresa, onde estivamos, eu e tu, inebriados de céu, de ar, de luz, de paisagem enfim — desçamos até aos Arcos, escorregando naquelas anfratuosidades do calçamento mal ajustado. Braços dados, como velhos amigos de infancia, rindo e conversando, vamos satisfeitos, com as maravilhas que vimos, com os nossos conceitos sobre a sociedade e sentímos até um forte apetite que nos apressa os passos. Mas de repente os teus olhos, como os meus encontram qualquer coisa que te faz parar de repente.

Estamos bem ao pé da Ponte dos Arcos, entrada para a rua Joaquim Silva. Que será o que te fez parar estarecido? Vejamos. Na distancia, na incerteza da penumbra vespertina, se me afigura um monte de trapos que não deixa precisar contornos — ali bem debaixo de um dos arcos. Mas... é um homem que ali jaz, de papo para o ar, quasi descomposto, dormindo de boca aberta onde moscas incivis, voejam e pousam advinhando fermentações. Como será possível chegar o nosso *homo sapiens* a uma tal degradação? Muito simples, é um produto das circunstancias: orfandade precoce, ou quando não isso, miserabilidade paterna, espirito incompreendido de boêmio, falta de escolas, mas seja qual for a causa inicial, o fato é caro leitor, que ele ali está, num incisivo argumento das mazelas sociais, estragando as tuas sensações esteticas e o apetite que te deu o nosso pitoresco passeio. E não se pode deixar o local, sem uma certa angustia. Mas porque vamos ficar abstraidamente estudando as causas, quando mistér seria curar os efeitos. Tomo-te pelo braço. Vamos entrar aqui pela rua Joaquim Silva e sair na Teotônio Regadas. E meu amigo, infelizmente a mesma cena se repete, como se repetem os «botequins» onde o alcool em larga escala é ingerido por mil e um individuos, que gastam nababescamente o dinheiro conseguido numa semana de trabalho exaustivo, e ainda por cima sub-alimentados. Quem sabe si em casa, não ficou uma pobre mulher rodeada de crianças que pedem pão e que á sua falta crescem raquíticas, numa predisposição para o infortunio. Ah leitor, já sei que estás horrorizado, mas si comigo seguires verás a repetição da cena triste. Perdôa se te magoei a sensibilidade, mas te aconselho, não te aventuras a passar por estas ruas a deshoras, si isto te faz mal aos olhos e naturalmente ao coração. E isso, porque não te quero levar á Saúde, praça da Harmonia, Avenida Mem de Sá e não te assombres si eu te mostrar o mesmo na Avenida Rio Branco, no coração da cidade. Apanha o teu pacato bonde e vai para casa. Talvez eu tenha sido um pouco rude mostrando-te este outro fascies da cidade. Antes de nos despedirmos, porém, quero ainda te dizer uma coisa. Lê com atenção os jornais da 2.ª feira, e compara-os com os dos outros dias da semana.

Vê, que o numero de desastres, de atropelamentos, de suicídios, de crimes passionais é muito maior. O trabalho da policia aumenta prodigiosamente.

Os hospitais enchem-se e o Necroterio nem se fala.

Si o espirito não me engana, dizia Rousseau, no seu Discurso sobre a Origem da Desigualdade, que cada cidade comporta em si duas cidades. Essas desigualdades sociais são plenamente justificaveis por uma lei de harmonia. O contraste é uma necessidade. É preciso que



Como dizia o poeta:

"Alcool para esquecer os tormentos da vida
E cavar, sabe Deus, um tormento maior".

existe a planície rasa e a montanha altaneira. Mas que vale a beleza ciclopica da montanha sem a produtividade da planície plebeia?

Justifiquemos com uma subtilidade, invocando a seleção natural. Os fortes evitam o flagelo do alcool e procuram se aperfeiçoando vingar as estradas da vida. Os fracos se encharcam com o «veneno branco» e tendem a desaparecer.

Mas quem vai se ressentir, com o desaparecimento deste pseudo-fraco, não é o forte que não se deixou dominar pelo vicio, mas a coletividade à qual pertencem ambos, e para quem os braços inutilizados e os cerebros avariados representam um capital capaz de produzir grandes rendimentos. Isso si não levarmos em conta que esse «fraco» não tem culpa de o sêr, pois êle é mero produto das circunstâncias em que nasceu e viveu a infância.

♦ ♦

Leitor amigo, o bonde em que vijas para o teu trabalho honesto traz nas rodas vestígios de sangue. E' a humanidade, que vai marchando para a Perfeição e nem nota que a Miséria lhe anda nas pegadas.

Mocinhas e Mulheres

As congestões e inflamações de certos órgãos internos



Certos órgãos internos das mulheres congestionam-se e inflamam-se com muita facilidade.

Para isto, basta um susto, um abalo forte, uma queda, uma raiva, uma comoção violenta, uma notícia má ou triste, molhar os pés, um resfriamento ou alguma imprudência.

Moléstias graves podem começar assim.

Justamente os órgãos mais importantes são os que se congestionam e inflamam mais depressa, sem que a mulher sinta nada no começo.

Nada sentindo no começo da congestão interna ou da inflamação, a mulher não se trata a tempo de evitar que a doença se agrave e vá piorando cada vez mais.

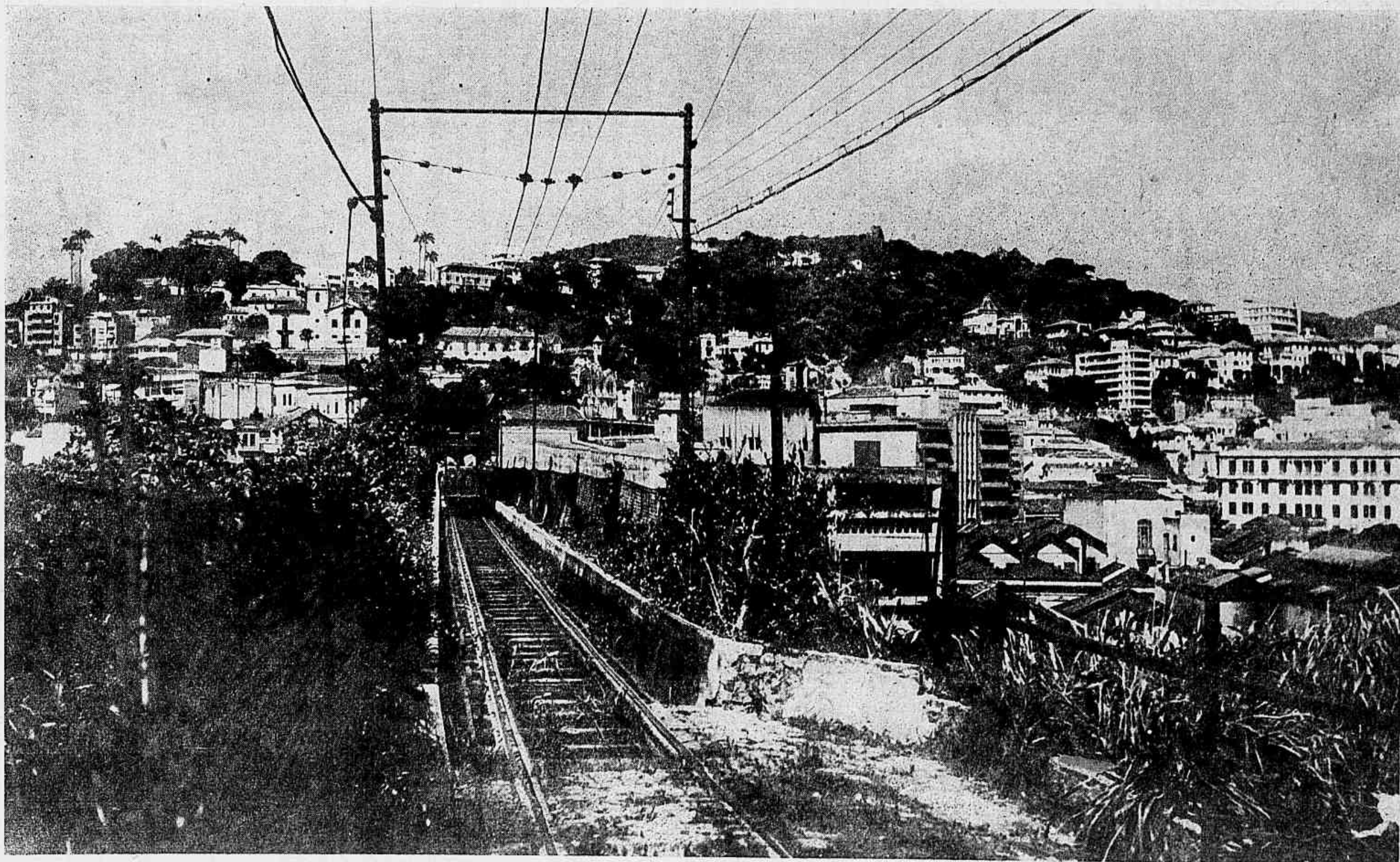
E' esta a causa das moléstias mais perigosas!

Para tratar as congestões e as inflamações útero-ovarianas, use *Regulador Gesteira* sem demora.

Regulador Gesteira trata os padecimentos nervosos produzidos pelas moléstias do útero, pêsso no ventre, dores, cólicas e perturbações da menstruação, debilidade, palidez e tendencia a hemorragia, provocadas pelos sofrimentos do útero, fraqueza geral e desânimo provenientes do mau funcionamento dos órgãos útero-ovarianos, tristezas súbitas, palpitações, tonturas, calor e dores de cabeça, enjôos, dores nas cadeiras, falta de ânimo para fazer qualquer trabalho, cansaços e outras sérias alterações da saúde causadas pelas congestões e inflamações do útero.

Regulador Gesteira trata estas congestões e inflamações internas e as complicações provenientes destas inflamações.

Comece hoje mesmo
a usar *Regulador Gesteira*

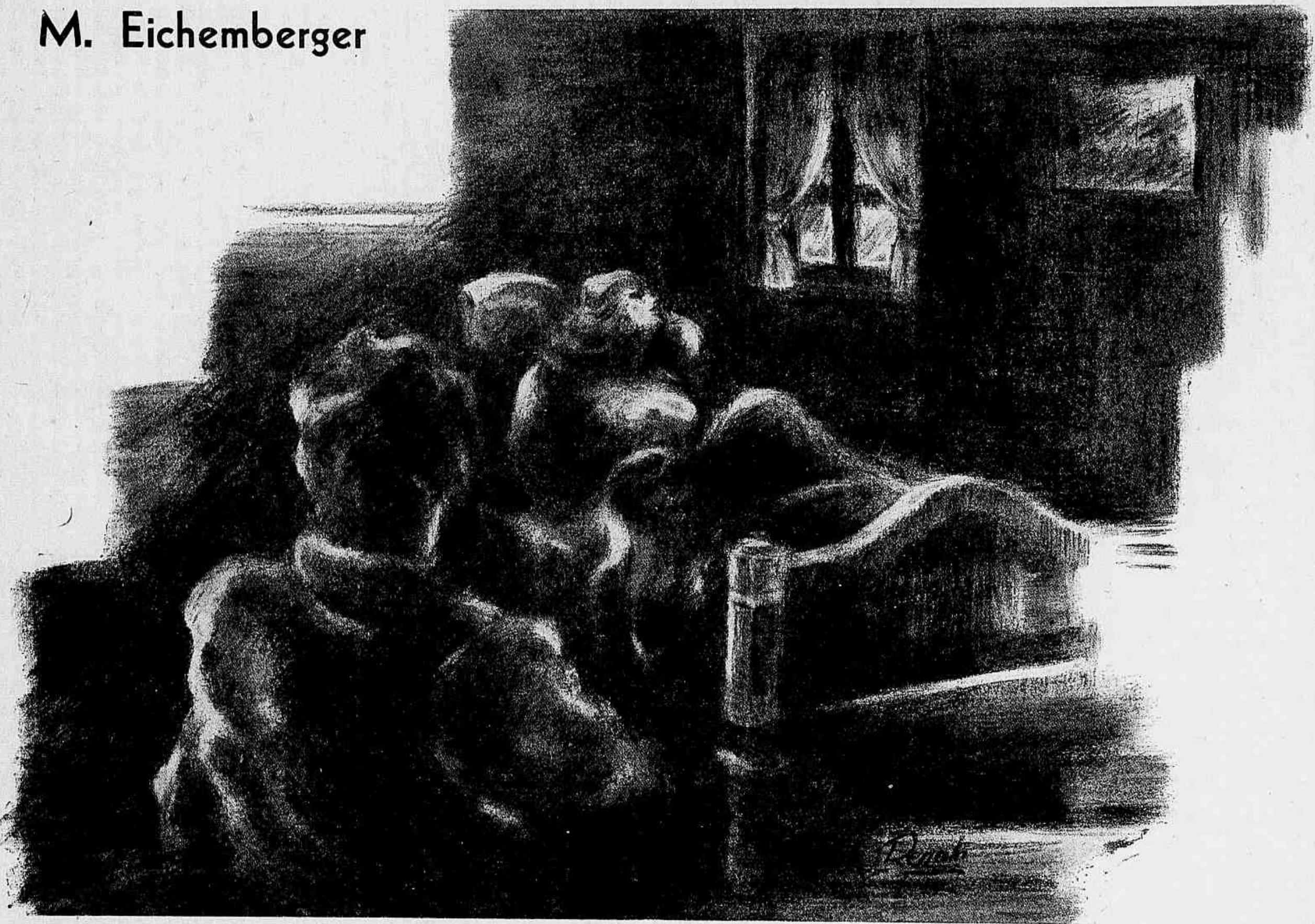


Morro de Sta. Tereza. Vista tirada do Morro de Sto. Antonio.

[E' aqui mesmo] no centro que ireis encontrar, para descanso do espirito atribulado, um "presente dos deuses".

Anjo da Guarda

M. Eichemberger



ENTARDECIA. Naquela hora melancólica que antecede a noite, muito abstraída a entrelaçar umas plantas trepadeiras estava Selma quando a sua atenção foi despertada por gritos angustiosos que partiam do bosque próximo.

Cheia de cuidados, a jovem camponesa que reconhecera naquele apelo a voz de sua filhinha Lisete, encantadora criaturinha de seis anos, deixou a ocupação e correu a ver o que teria acontecido.

Não muito distante dali avistou a pequenita que lhe vinha ao encontro, toda chorosa e branca de terror.

— O que tens, querida? — perguntou-lhe a mãe, erguendo-a carinhosamente nos braços.

— Mamãezinha!... — respondeu a criança ainda em soluços. — Eu vi...

— Vistes o que, meu bem? — interrogou aquela um tanto apreensiva.

— Eu vi, — continuou Lisete apontando a distancia — lá perto do precipício... Uma cousa branca que veio vindo para perto de mim... Que medo, mãezinha...

— lamuriava a garota toda tremula, agarrando-se ao pescoço da mãe.

A jovem apertou-a contra o peito como para protegê-la de um súbito perigo. Falou com doçura acariciando-lhe os cabelos revoltos:

— O que fostes fazer lá, meu amor?

— Apanhar uma flor azul, muito linda... Mas não vou mais naquele lugar, nunca... Acho que vi um fantasma...

E a menina repetia medrosa:

— Mamãezinha, eu vi um fantasma...

Dolentemente chegou até elas o badalar de um bronze longínquo. A camponesa dobrou os joelhos sobre a verdosa relva obrigando a criança a fazer o mesmo.

E elevou ao céu uma breve oração na qual, como praticava todas as tardes aquela mesma hora, implorou à Virgem o apoio para a filhinha amada...

Terminada a prece, e ainda de joelhos, tomando as mãos de Lisete, esclareceu com meiguice:

— Sabes, queridinha, que não vistes fantasma algum?

— Mas eu vi mesmo um vulto branco que vinha do meu lado... Mamãe pensa que falei uma mentira?

— Não, tu não mentiste porque és uma menina boazinha... Mas quero dizer-te que o que vistes não era nenhum fantasma...

— O que era então? — perguntou a pequenita possuída de infantil curiosidade.

— O teu Anjo da Guarda. Estavas em perigo. Podias cair no precipício se ele te desamparasse...

Arregalando os grandes olhos côr das trevas, a criança pareceu compreender. Ergueram-se ambas e, de mãos dadas, encaminharam-se para casa, enquanto no firmamento calmo, muito limpo e muito azul, aparecia a primeira estrela.

—oOo—

— Lisete! Lisete!... Por onde andarás essa vadia? — gritava da porta de miserrima choupana, uma mulher obesa e de estatura avantajada.

— Estou aqui, a apanhar lenha — respondeu com voz débil a pessoa aludida que momentos depois apareceu por entre o matagal próximo.

Era esta uma adolescente, palida e franzina, de uma beleza mística e doentia. Na cabeça, de onde pendiam duas volumosas tranças negras que lhe caíam graciosas pelos ombros perfeitos, trazia um pequeno feixe de galhos secos que andara cando pelo campo.

Passou toda tímida pela mulher que a mirava bestializada e, entrando na palhoça foi alojar a carga a um canto, bem rente do fogão. Fazia frio. Procurando reanimar o lume, atirou alguns gravetos sobre as brazas adormecidas. Depois, com a ligeireza que lhe era própria, começou a lavar os pratos que tinham servido a simplicíssima refeição da família.

— Já recolheste os ovos de hoje? — perguntou a impertinente mulher que seguia de braços cruzados os menores movimentos da moça.

— Sim. Encontrei oito ao todo.

— E a roupa que foi hoje levada á fonte?

— Também já recolhi toda, enxutinha... Mesmo porque, o tempo não está muito firme. Parece que teremos chuva á noite...

— E com a chuva aumentará o frio, para maior castigo — interrompeu a outra, lastimando-se com ironia. — Como si não bastasse a miséria que paira sobre nós...

— Tenho fé que virão melhores dias, — atreveu-se a sugerir Lisete — pois Deus nunca abandona os que depositam confiança nele.

— Qual o que! Quanto a mim entregaria de bom grado a alma ao diabo, conquanto pudesse viver regaladamente.

Ao ouvir tal blasfemia a moça estremeceu. Um trovão ribombou no espaço, indo perder-se ao longe, no infinito.

— E dizer-se que esta situação desesperadora podia ser reparada com facilidade si não fosses tão estúpida!

Lisete fixou aquela, suplicante.

— Repito, poderíamos ter de tudo si não fosses uma imbecil, uma idiota que, falha de juízo, rejeita a sorte que lhe vem ao encontro...

— Não sei o que quer dizer com isso.

— Ah! Não sabes? Faz-te de ingenua mas na verdade não passas de uma hipócrita. Sim, porque si soubesses agradar ao senhor Hébert, as cousas tomariam outro rumo...

A donzela sentiu as faces em brasas. Ergueu os olhos tristes para a madrastra que a fitava irada, despejando nela todo o sarcasmo da sua aversiva expressão. E, molestada, quis afastar-se daquela presença odiosa, mas a megera vedou-lhe os passos ao tempo que vociferava:

— Pensas então que é por minha causa que ele de quando em vez nos presta favores? Pensas ainda ser por mim que pôs á nossa disposição este rancho em suas terras? Certamente que não!...

A moça ouvia de olhos baixos. A outra prosseguiu:

(Continúa na pagina 44)

Santos e Efemérides da Semana

MARÇO

28 São Gontran. — Filho de Clotário I e neto de Clovis e de Santa Clotilde, nasceu em 545. Rei de Orléans e de Borgonha em 563, por herança, acalmou as frequentes dissensões que havia entre seus irmãos, bateu os lombardos e fez cessar suas incursões em seu território. Por morte de seus três irmãos, declarou-se protetor de seus sobrinhos, fez sagrar Clotário II, que era filho de seu irmão Chilperico I, rei de Soissons, e legou seus estados a Chilperico II. Fundou vários conventos e fez respeitar as regras dos concílios. Morreu em 593 e foi enterrado em Chalon-sur-Saône, onde suas relíquias foram profanadas.

— **Veneravel Perenna.** — Virgem, filha de um pastor do Oriente, que morreu, desde a mais tenra infância, uma notável e imensa piedade.

— Nasce em Cabo-Frio (E. do Rio) Antonio Gonçalves Teixeira de Souza, poeta e romancista (1812). — Nasce em Queluz, hrje Lafayette (Minas Gerais) Lafayette Rodrigues Pereira, notável jurista, político, filósofo, ministro de Estado, da Academia Brasileira (1834). — A vila de Campos dos Goitacás, na província do Rio de Janeiro, é elevada à categoria de cidade (1835). — Falece no Rio Francisco Xavier Paes Barreto, presidente do Ceará, Maranhão e Bahia e ministro da Marinha e dos Estrangeiros (1864). — Falece em consequência de ferimentos em combate no dia anterior, o comandante do couraçado «Tamandaré», primeiro-tenente Antônio Carlos de Mariz e Barros, filho do almirante visconde de Inhaúma (1866). — Falece no Rio José Pereira da Costa Mota, ministro do Supremo Tribunal Federal (1880).

29 Santo Eustásio. — De uma nobre família de Borgonha, seguiu S. Columbano a Luxeuil e o sucedeu como abade do célebre mosteiro. Deu uma extensão considerável ao mosteiro, que contou logo com mais de seiscentos religiosos e se tornou a capital monástica das Gálias. Arrastado pelo gosto da prédica, foi levar o Evangelho às nações pagãs, e converteu os bávaros. Morreu em 625.

— **Santa Matrona.** — Virgem e mártir do Oriente. Sucumbiu, supliciada, por não ter concordado em abjurar sua religião.

— Chega à bahia de Todos-os-Santos Tomé de Souza, primeiro governador-geral do Brasil (1549). — É fuzilado na Bahia José Ignácio Ribeiro de Abreu e Lima, o «Padre Roma», participante da revolução de 1817 em Pernambuco (1817). — Inaugura-se o tráfego da E. F. D. Pedro II (hoje Central do Brasil), até Queimados (1858). — Falece em Caxambú (Minas) Martinho de Campos, estadista, senador (1887). — Falece em São Paulo o poeta maranhense Teófilo Dias, patrono da cadeira 36 da Academia Brasileira (1889). — Falece no Rio e é sepultado no cemitério de S. Francisco Xavier o almirante Joaquim Marques Lisboa, marquês de Tamandaré (1897). — Falece no Rio Alberto Torres, ministro de Estado, presidente do E. do Rio, pensador, filósofo, ministro do Supremo Tribunal (1917).

30 São João Clímaco. — Nascido na Palestina em 525, aproximadamente, juntou-se aos solitários do monte Sinai, apesar do voto de seus pais, e passou cinquenta anos consecutivos nos desertos. Adquiriu fama de santidade, que lhe proporcionou numerosos prosélitos. Morreu em 605, esgotado pelas penitências e privações de toda sorte.

— **Santa Ulfa.** — Virgem, viveu na solidão perto de Amiens e fundou com Santa Aurea e várias outras de suas companheiras um convento nessa cidade, onde morreu pelo fim do século VIII.

— Nasce em São Paulo Olegário Herculano de Aquino e Castro (1828) e João Mendes de Almeida Junior (1856), ministros do Supremo Tribunal. — Celebra-se em Nápoles o casamento de D. Pedro II, imperador do Brasil e da princesa D. Tereza-Cristina-Maria de Bourbon (1843). — Inaugura-se na praça da Constituição, hoje praça Tiradentes, no Rio, a estátua de D. Pedro I, primeiro monumento que teve a capital do país (1862).

31 São Benjamim. — Diácono da Igreja da Pérsia, que foi preso por motivo da sua fé sob o reinado de Isdeberge e torturado, finalmente, por não ter renunciado a pregar. (Ano 420, aproximadamente).

— **Santo Acácio.** — Bispo de Antioquia, resistiu durante a perseguição de Décio e se negou a sacrificar aos ídolos. O imperador, abalado por essa firmeza, deixou-o em liberdade.

— **Santa Balbina.** — Filha do tribuno militar São Quirino, batizada ao mesmo tempo que ele por Santo Alexandre. Seu pai converteu-se devido ao seu exemplo e foi martirizado. Cortaram-lhe a língua, os pés e as mãos e, por fim, a cabeça. Após haver reunido os membros esparsos do desgraçado, Balbina dedicou-se ao Senhor. Encontrou as cadeias de S. Pedro, que conservou até a morte, verificada sob Adriano (século II).

— Nasce na Bahia José Lino Coutinho, ministro de Estado (1784). — Nasce em Ouro Preto (Minas) Afonso Celso, jornalista, poeta, romancista, professor, da Academia Brasileira e do Instituto Histórico (1860). — Extingue-se a escravidão africana no Amazonas (1884).

ABRIL

1 São Hugo. — Quando bispo de Grenoble, deu a S. Bruno e seus companheiros a posse da Grande-Chartreuse. Morreu em 1132, aos cento e tantos anos.

— **São Valéry.** — Guarda de rebanhos, depois monge em Saint-Germain-d'Auxerre e em Luxeuil. Estabeleceu-se no Ponthieu. Depois da sua morte, em 622, seu eremitério foi transformado em convento, no local onde mais tarde se ergueu a cidade de Saint-Valéry.

— **Santa Jaquelina.** — Nasceu em Roma, de uma fa-

mília nobre e rica, desistiu da fortuna e das honrarias e retirou-se do mundo. Construiu numa árvore, em plena solidão, uma cabana de ramos onde viveu durante nove anos. Morreu em 1230, depauperada pelo jejum, mortificações e penitências de toda sorte.

— **Santa Teodora.** — Virgem romana, irmã de São Hermes, martirizada sob Adriano, em 132.

— Falece no Rio João Vieira de Carvalho, barão, conde e marquês de Lages, marechal de campo, ministro da Guerra cinco vezes e interino dos Negócios do Império (1847). Falece no Rio João Crisóstomo Calado, marechal do Exército (1857). — Falece em São Paulo Alcantara Machado, professor, político, escritor, da Academia Brasileira, nascido em 19 de Outubro de 1875 em Piracicaba (1941).

2 São Francisco de Paula. — Nasceu em Paula, na Calábria, em 1416, e morreu em 1507. Retirou-se muito jovem para a solidão, nos confins da Calábria, onde logo ganhou fama de santidade, e aí fundou com alguns dos seus discípulos um convento, dos Mínimos. Luís XI, perigosamente enfermo, fez-o ir à França, esperando ser curado pelas suas orações; mas o piedoso eremita só pôde dar ao rei resignação e ajudá-lo a morrer cristãmente.

— **Santa Teodósia.** — Jovem virgem de Tiro. Aos dezito anos, por haver saudado os mártires, foi por sua vez

martirizada em Cesaréia, na Palestina, e lançada ao mar, quando da perseguição de Diocleciano, no dia 2 de Abril de 308.

— É reconquistado aos espanhóis o Rio Grande (1776). — É realizada no campo do Erário, no Recife, a bênção das bandeiras da República proclamada em Pernambuco (1817). — É inaugurado o atual Banco do Brasil (1854).

3 São Ricardo. — Nasceu em 1198, perto de Worcester. Bispo de Chichester, na Inglaterra, foi durante longos anos chanceler do rei Eduardo. Tornou-se notável por uma bondade sem exemplo e uma infinita caridade. Fundou hospitais para os velhos padres e para os pobres. Sagrado bispo em 1244, não durou muito à frente de sua diocese, falecendo em 1253.

— **Santa Agapa.** — Foi queimada viva na perseguição de Diocleciano, por haver conservado as Santas Escrituras, contrariamente ao edito dos Imperadores (304).

— **Santa Fara.** — Virgem consagrada a Deus, construiu o convento de Faremoutiers, na diocese de Meaux, do qual se tornou abadessa, e onde morreu em 655.

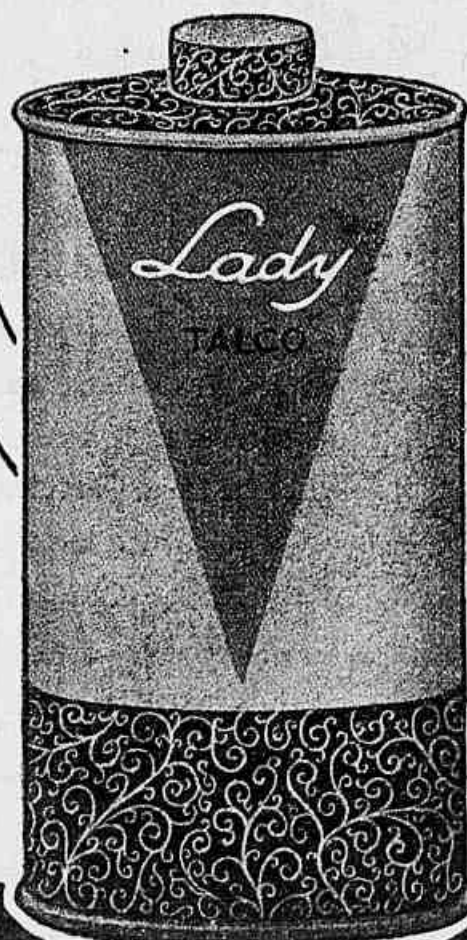
— Salvador Corrêa de Sá e Benevides é nomeado governador do Rio de Janeiro (1637). — Parte do Rio para a Bahia a esquadra brasileira sob o comando do almirante Cochrane, na guerra da independência (1823).



Dois gemelos
INSEPARÁVEIS

NOS BRINQUEDOS,
NAS MANHAS E NO
USO DO
TALCO LADY

As crianças gostam e os adultos preferem, após o banho, o Talco Lady, como complemento necessário à higiene da pele, nos dias quentes para refrescar e perfumar o corpo.



T. TARQUINO

TALCO
Lady
REFRESCANTE * BÓRICO * PERFUMADO

A VENDA EM TODO O BRASIL

Estranho encontro

Conto de *HORACE VAN OFFEL*

Sendo embora autor de numerosos volumes e conhecidíssimo no mundo das Letras, o sr. Tomé dormia habitualmente debaixo de uma das pontes do Sena. E não era apenas um hábito mas também uma necessidade e um verdadeiro gosto — pois ele adorava o cenário do velho Paris, especialmente à hora vespéral em que o sol doura os cimos de Nôtre Dame e dá a esse templo o aspecto de uma alta galera fustigando as ondas com os seus remos agudos e colossais.

Certa noite, vagueando Tomé pela margem do Sena, avistou um homem que caminhava na sua direção — homem de grande estatura e mais majestoso que um rei. Envergava uma túnica azul e tinha a fisionomia de Jesus Cristo, tal como a representam os pintores antigos. Tomé julgou reconhecer nele um desses vagabundos lunáticos que, às vezes, aparecem por Montmartre e se dizem enviados do Céu. Querendo então divertir-se, disse-lhe baixinho:

— *Quo vadis, Domine?*

O desconhecido sorriu:

— Ia a tua casa, Tomé.

— Muito obrigado! respondeu Tomé. — Embora, porém, eu não deseje contrariá-lo, devo declarar-lhe que me é impossível crer. Nenhum dos fatos ou argumentos com que se pretende provar a sua divindade, resiste ao menor exame. Dê-me outros melhores, si pode.

— Queres que faça um milagre?

— De nada serviria. Todos os milagres do Evangelho, juntos, não conseguiriam abalar-me. Nem sequer os mortos erguendo-se das sepulturas.

— Também, não era a esse gênero de milagres que eu me referia. O milagre seria tornar-te crente, retomar o espírito que te emprestei e substituí-lo por um espírito sem vontade e sem memória. Exiges isso de mim, Tomé?

— Com franqueza, não. Entretanto...

— Os homens que pretendem provar com palavras e algarismos a minha divindade, são tão ineptos como aqueles que tentam demonstrar o contrario. Que importam essas vãs disputas de professores? Falemos antes como artistas. Tu és Tomé, novelista admirável. Conheces a fundo o mister de inventar e metodizar as narrativas. Todos os contos são conhecidos, desde as lendas chinesas, hindús, as *Mil e uma noites* et cetera, até às amáveis fantasias desses jovens de hoje, denominados "dadaístas". Ora, poderás citar-me uma novela que suporte a comparação com o Evangelho, quanto ao fundo, à forma, ao interesse dramático, à diversidade dos personagens, à verdadeiros caracteres? Um crítico mais ou menos experiente distingue sem custo o que foi visto do que foi imaginado. Ousarias sustentar que as páginas que relatam a minha condenação e suplicio sejam páginas de romance? Onde estão os pintores, os escultores, os poetas capazes de sair completamente de si próprios, subtraindo-se à influencia do seu meio e do seu tempo? Aquiles, que é grego em Homero, torna-se um francês galante em Racine e um inglês brutal, boxista em Shakespeare. Os deuses e as deusas, os santos e as santas de Rubens são flamengos. As corteزas, os anciãos, os anjos revoltados e os diabos que um dos teus mais ilustres confrades põe em cena — todos eles leram Voltaire e Renan. Basta, porém, de exemplos. No Evangelho, seja em Mateus, Lucas, Marcos ou João, tudo é diferente. O herói é universal e os outros personagens falam e agem, todos eles, conforme a sua casta e a sua raça: Herodes como um rei judeu; Pilatos como um prefeito romano; Pedro como um artífice; Marta e Maria como zelosas, submissas donas de casa. Como podes crer, Tomé — tu que não crês em nada — que um homem tenha conseguido compor esse livro tão superior aos recursos, ao genio e aos instintos do homem?

— Perdão! retrucou Tomé. — Mas não posso deixar de lhe res-

ponder ao pé da letra. Si há realmente um Deus, como pôde ele, autor desta bela obra, criar tão mesquinha humanidade?

— Eis o erro! ensinou Aquele que caminhava na sombra. — A humanidade não é mesquinha. Acompanha-me e eu te mostrarei o que basta ao meu amor.

Tomé e o seu guia subiram para o cais. Não longe da praça St. Michel entraram numa casa em cujo sexto andar morava Rosa Piédoiseau. Era uma pobre costureira e tão velhinha que se lembrava do reinado de Luiz Felipe. Sobre a sua porta ardia uma lâmpada. O visitante entrou sem bater. Rosa pôs os óculos e imediatamente o reconheceu:

— Senhor! exclamou ela. — Sois Vós, enfim!

— Sim, Rosa, sou eu que te venho ver.

— E' demasiada honra para mim. Não quereis sentar-vos um momento? Quem é esse senhor que vos acompanha? São Pedro?

— Não. E' Tomé.

— Tomé, o incrível? Pobre Tomé!

— Boa Rosa... disse Aquele a quem a velhinha havia reconhecido.

— Estou de passagem. Desejas alguma coisa? Encontrei a tua casa asseada, acesa a tua lâmpada. Fala. O teu desejo será satisfeito.

— Senhor, não desejo mais nada. Estou velha de mais. Tão velha que, às vezes, na igreja, confundo as orações. Tenho comprado os maiores livros de orações, com as letras mais grossas, mais negras na brancura da página... Falta-me a vista. Quisera descansar.

— Reclamas o teu lugar no Paraíso?

— Um pequenino lugar, Senhor, para continuar a amar-vos e servir-vos.

— Assim seja! decidiu Aquele que entrara sem bater à porta.

E, tendo abençoado a costureira, fez sinal a Tomé para que o acompanhasse.

Quando chegaram de novo ao cais, disse Tomé:

— Noto uma contradição entre as suas palavras e os seus atos. Não afirmou o senhor que, para dar a certeza, era preciso um milagre? Ora, a certeza acaba o senhor de a dar, sem milagre, a Rosa Piédoiseau. Por que tal diferença?

— Nada dei a Rosa Piédoiseau. A certeza, já ela a possuía na simplicidade do seu coração. Esta noite, Rosa entrará no Paraíso, integralmente, com todas as suas esperanças e todas as suas recordações. Tinha fé, ela! Tu não a terás nunca, nem quando me vires andar sobre o rio. Estranha aberração a tua, que te faz tomar uma enfermidade da alma por um sinal de valor e um título meritorio!

E Aquele que não convencera Tomé desceu as escadas do cais, partiu, caminhando sobre a agua, em direção ao Louvre. E desapareceu.

Quando a agua serenou completamente, refletindo o filete de ouro das estrelas, Tomé acreditou — a gente tem por força que acreditar em alguma coisa — que tivesse delirado.

— Quer dizer que isto, cá por dentro, não está regulando muito bem... considerou ele com os seus botões. — Vamos dormir.

No dia seguinte, lembrou-se de Rosa Piédoiseau e resolveu ir ver si ela realmente existia. Perto da praça St. Michel ficou surpreso ao reconhecer a casa da véspera. A entrada estava forrada de negro. Tomé dirigiu-se à porteira:

— Mora aquí a senhora Piédoiseau?

— Aquí mesmo, sim, senhor. Mas, coitadinha, morreu ontem. Daquí a pouco é o enterro.

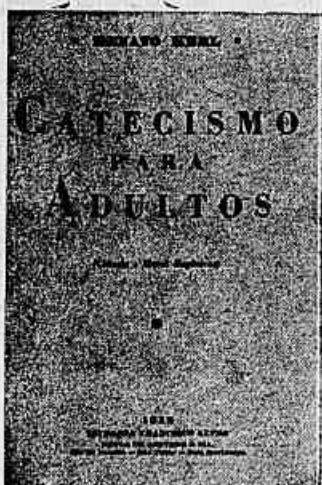
Tomé sentiu-se vacilar, encostou-se à parede. À esquina da rua aparecia nesse momento o carro funerario, de última classe mas puxado por um cavalo branco — por que Rosa Piédoiseau era donzela.

— Ora aí está um encontro capaz de abalar um espírito menos forte que o meu... disse Tomé consigo.

LIVROS NOVOS

CATECISMO PARA ADULTOS, de Renato Kehl — Rio de Janeiro, 1942.

O sr. Renato Kehl não descansa no seu empreendimento em favor... de todos nós. Fez da Eugenia um apostolado. Consagra-lhe sem duvida aquilo que considera o melhor da sua inteligência, dos seus cuidados mentais, do entusiasmo e da devoção do seu espírito. E nesta última obra — última, entende-se, até à presente data mas a que de certo muitas outras no mesmo sentido se hão de seguir — assume especialmente a feição de paladino.



Vem a campo por sua dona, a Eugenia. No capítulo **Opositores à doutrina eugênica**, vemo-lo combater todos os rebeldes e todos os sofistas. Responde, golpe sobre golpe, aos que acusam a Eugenia de atentar contra a liberdade individual; ou lhe atribuem propósitos condenáveis de caráter racista; ou a julgam capaz de alterar o ritmo natural dos fenômenos biológicos; ou lhe consideram os preceitos em desacordo com a doutrina cristã, etc., etc.

Depois de rebater em todos os sentidos as hostilidades àquilo que se lhe tornou uma crença e um ideal, recorre ainda, como reforço destinado à refrega derradeira, ao que sobre a questão disseram cientistas, filósofos, sociólogos, prelados, homens de Estado, homens de letras, outros grandes homens. E assim, depois da sua minuciosa exposição e dos seus poderosos argumentos, resolve aproveitar todos os elementos alheios, capazes de nos convencer.

A bem dizer todos estamos convencidos. Já o estávamos antes deste livro. Mas o sr. Renato Kehl prossegue na missão a que se entregou de corpo e alma — e naturalmente só teremos que lh'o agradecer.

♦ ♦ ♦

TOBIAS MONTEIRO, JORNALISTA E HISTORIADOR, conferência de Eloy de Sousa — Rio de Janeiro, 1942.

Foi a convite da Sociedade de Folklore Brasileira e em sua sede, na cidade de Natal, que o sr. Eloy de Sousa tratou, com sincera e nobre eloquência, da individualidade e da obra do seu ilustre conterrâneo.

Fazer o elogio dum morto constitui tarefa simples, fácil, no sentido da liberdade que se tem — e de que sempre mais ou menos se abusa. Podem tais louvores ultrapassar longamente a medida do justo, do razoável. Todo o cidadão extinto só por isso faz jús a respeito e admiração superiores os que até à véspera do falecimento lhe competiam. Ninguém se lembra de recriminar o panegirista porque se excedeu em generosidade para com um desaparecido. Mas os encômios públicos e solenes a um vivo exigem reflexão demorada e tem que obedecer a um critério tanto quanto possível aproximado da perfeição. Todo o exagero os prejudica se os não torna de efeito contraproducente. E aquele que pretendeu exaltar uma individualidade, pode, por excessivo entusiasmo, torná-la ridícula — e a si próprio...

Acudiram-nos estas considerações — como em outras ocasiões terão acudido a muita gente — porque o presente trabalho do sr. Eloy Sousa nos deu a impressão de conciliar a alta admiração e a justiça pura. Os seus conceitos são, como a sua linguagem, veementes, ardorosos e de extrema afetividade; quem, porém, conhece há bastante tempo o sr. Tobias Monteiro, quem lhe acompanhou a carreira de jornalista e homem de letras, pode confirmar e proclamar como tudo aquilo é, duma parte, espontâneo e, da outra, merecido.

♦ ♦ ♦

COISAS DE TEATRO, versos de Paulo Orlando — Rio de Janeiro, 1942.

O sr. Paulo Orlando, autor de numerosas revistas e outras peças populares, conhece o teatro, especialmente o carioca, por fora e por dentro. Anda pelos bastidores como nós por nossa casa. Todas as figuras que na cena vivem ou com ela têm alguma relação se lhe tornaram familiares. Se fosse pintor, poderia fazer-lhes, da primeira à última, o retrato de côr. Como é humorista, faz-lhes epitáfios, epigramas ou madrigais, conforme o sexo, a inteligência e outras condições pessoais. Sempre ligeira e como que despretenciosa, a sua verve ora morde, ora sopra, quando não faz as duas coisas ao mesmo tempo. Em algumas destas inscrições tumulares há verdadeiras violências, verdadeiras bordoadas: Se as vítimas realmente tivessem já morrido, seriam capazes — como se dizia nos dramas da velha guarda

— de se erguer do túmulo, para responder à afronta. Vivas e sãs como continuam, provavelmente se limitarão a sorrir. E, em verdade, é o melhor que tem a fazer.

J. L.

ROMANCE QUE A PRÓPRIA VIDA ESCREVEU, de Alvarus de Oliveira. — Rio, 1942.

Recebemos a 3.ª edição de **Romance que a própria vida escreveu**, de autoria do nosso brilhante confrade Alvarus de Oliveira, uma das expressões da nova geração de intelectuais brasileiros.

O fato de estar o romance em apreço já na terceira tiragem mostra que obteve sucesso. E o volume que agora nos veio às mãos, de cujo mérito nos ocupamos quando surgiu a 2.ª edição, oferece aspecto gráfico mais agradável.

— O jovem escritor anuncia para breve a 2.ª edição de **Grito do Sexo**, além de novos livros, entre os quais mencionamos: **Cronicas da Metropole**, **Drama do Subconciente** (romance) e **Feira de Ideias**.



OPULENTE em malte, a Malzbier da Brahma é uma cerveja nutritiva por excelência. Equilibra as refeições deficientes e torna os alimentos mais assimiláveis pelo organismo. A Malzbier da Brahma — ligeiramente adocicada — é leve, saudável e refrescante. Acaba com a sede e nutre. No seu almoço, lanche ou jantar, lembre-se sempre da Malzbier da Brahma. É uma bebida que dá o que o seu paladar pede: delicioso sabor.



Malzbier DA BRAHMA

DESPERTE A BILIS DO SEU FIGADO

Sem Calomelanos—E Saltará da Cama Disposto Para Tudo

Seu fígado deve derramar, diariamente, no estômago, um litro de bilis. Se a bilis não corre livremente, os alimentos não são digeridos e apodrecem. Os gases incham o estômago. Sobrevém a prisão de ventre. Você sente-se abatido e como que envenenado. Tudo é amargo e a vida é um martírio.

Uma simples evacuação não tocará a causa. Nada há como as famosas Pillulas CARTERS para o Fígado, para uma acção certa. Fazem correr livremente esse litro de bilis, e você sente-se disposto para tudo. Não causam dano; são suaves e contidas são maravilhosas para fazer a bilis correr livremente. Peça as Pillulas CARTERS para o Fígado. Não aceite imitação. Preço 3\$000

Revista Técnica de Propaganda

Recebemos o numero de «Publicidade» correspondente a Fevereiro e Março do corrente ano, com artigos interessantes em torno da especialidade.

Entre os autores que colaboram, figura o seu diretor, jornalista Alvarus de Oliveira.

CABELLOS BRANCOS

CASPA
Queda dos Cabellos

JUVENTUDE ALEXANDRE

A beleza é obrigação

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feio quem quer. Essa é a verdade. Os cremes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alface ultra-concentrado que se caracteriza por sua acção rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme, observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade, encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alface permite à pele respirar, ao mesmo tempo que evita os pontos, as manchas, as asperezas e a tendência para a pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e sadia volta a imperar com o uso do Creme de Alface "Brilhante".

Experimente



Senhoras!

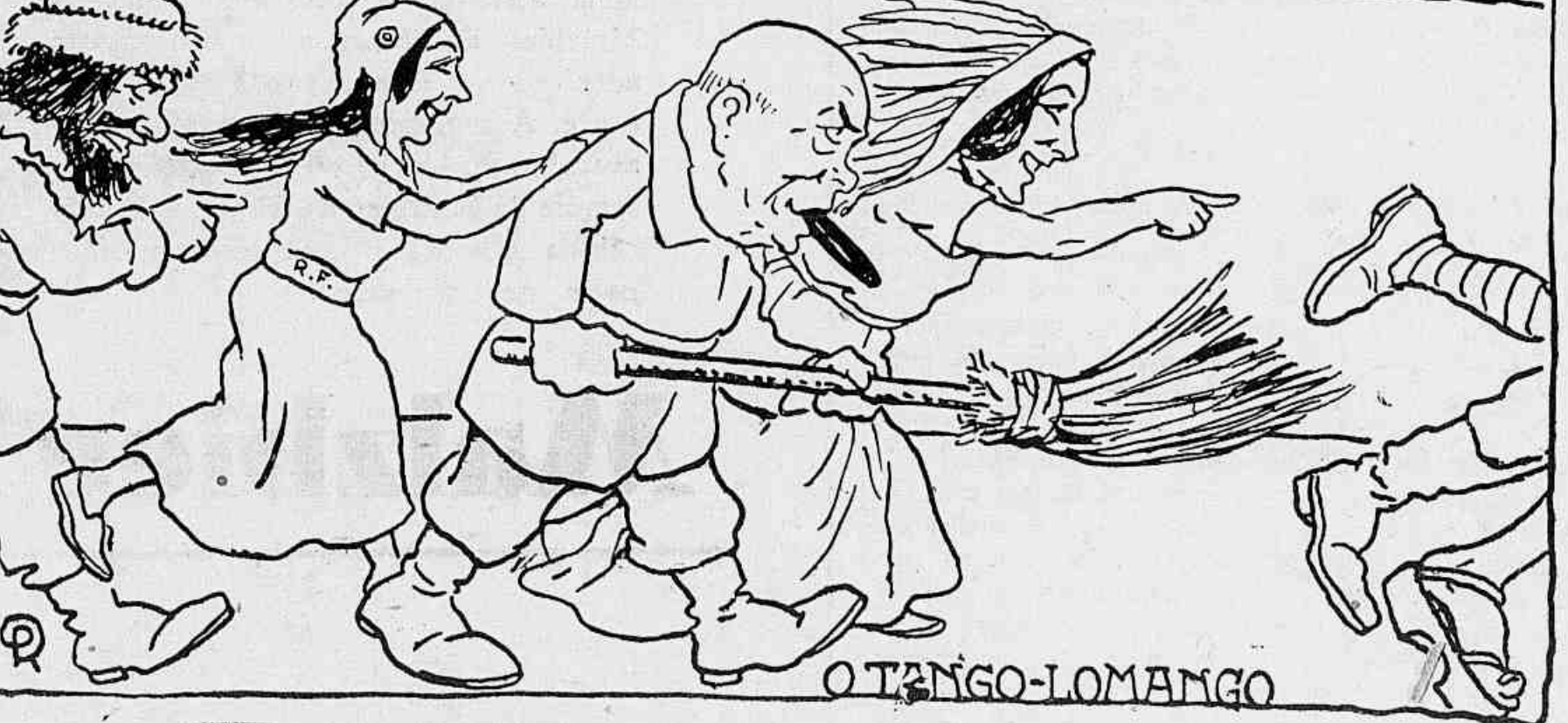
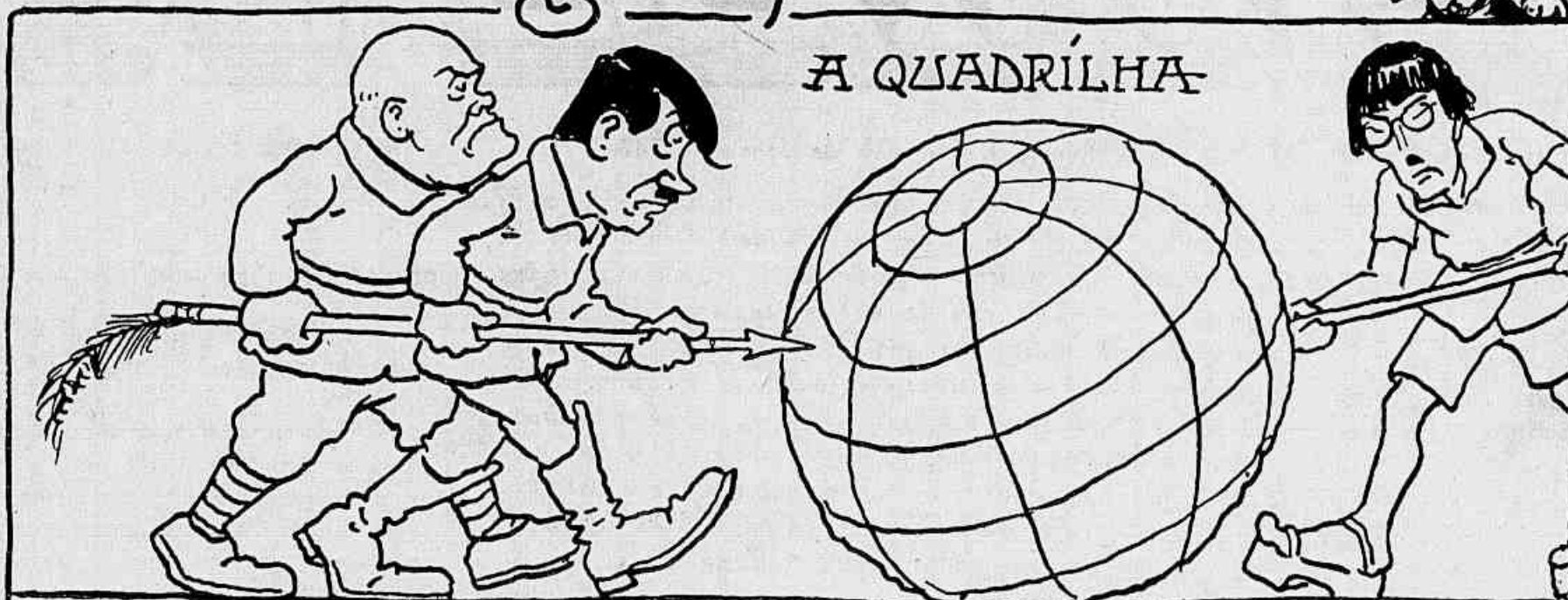
CAPSULAS

MENAGOL

PARA FALTA DE MENSTRUACAO

APR. PARA CADA MÊS, 20-30-40

Coreografia



A SEMANA QUE PASSOU

(DE SEGUNDA A DOMINGO)

A nota culminante e impressionante da semana foi a revelação divulgada por toda a imprensa sobre as atividades japonesas no nosso país, especialmente no grande Estado de São Paulo, quartel-general dos risonhos e enigmáticos suditos do Micado. Toda uma trama urdida através de anos ficou patenteada aos brasileiros na acusação formulada por um jovem nipo-brasileiro, nascido na nossa terra e registrado no consulado da terra de seus pais, mas que apregoa entusiasticamente a sua qualidade de compatriota nosso.

Se já não viessemos, de uns tempos para cá, sentindo a necessidade de cautelas que até então julgávamos desnecessárias, a revelação agora divulgada seria uma formidável advertência. De qualquer modo, porém, põe ela em dolorosa evidência a circunstância de termos nós aberto os braços amigos e recebido neles os braços disfarçados de tamanduás e ursos.

Dura verdade!

—oOo—

LADY GODIVA. — A lenda inglesa de Lady Godiva que, para aliviar o povo de Coventry dos impostos, não vacilou em cobrir a carne apenas com o manto de ouro dos cabelos e assim, montada a cavalo, atravessar a cidade; essa lenda que insinua esse único meio como o capaz de abrandar os rigores do marido da abnegada lady, que arrancava ao povo tudo o que o mais absorvente fisco pode arrecadar, acaba de sofrer um reparo bem sério.

Não consta que, através de longuíssimos anos, tenha alguém procurado corrigir a lenda. Só agora, quase em meio do século XX, o Sr. Parsons fez um arrazoado e concluiu por achá-la absurda e impossível a nudez de Lady Godiva, embora integralmente protegida por véu natural. O retificador terminou por dizer que o cavalo é que estava nu... isto é, sem arreios nem sela...

"Et voilà justement comme on écrit l'histoire..."

Isto é: a história e a lenda também...

—oOo—

A SEGUNDA INFANCIA. — A Espanha perdeu uma das suas macrobias. Bem se pode dizer uma das suas, porque essa que entregou agora a alma a Deus, aos 105 anos de idade, ainda deixou na terra uma irmã que é um pouquinho mais velha, pois está nos 107. E outras deve haver por lá...

A que morreu, porém, era notável por uma particularidade. Embora encontrasse divertimento ao lêr e costurar, preferia brincar com bonecas. Esse era o seu passatempo predileto.

O *on revient* não se aplica apenas ao primeiro amor. Com os velhos, aplica-se à primeira idade. A velhice acentuada é uma acentuadíssima reaproximação da infância. E só por isso a pobre velhinha, na mais comovedora das nostalgias, brincava com bonecas, como seus filhos, e netos, e bisnetos, e ela própria também, há quantos e quantos anos...

—oOo—

AÇOUGUEIROS DIPLOMADOS. — Quando, há meses atrás, se falou aqui em uma "academia" para barbeiros, a cousa pareceu um tanto esdrúxula. Seria necessário, mesmo, para fazer a barba do próximo, um curso regular com direito a um diploma? Agora, ha cousa bem mais esdrúxula, noticiada por Londres: a *Butchers University*, isto é, na nossa língua, a Universidade dos Açougueiros.

Mas ha uma explicação plausível: é que a teoria da arte de cortar a carne ensina o método utilíssimo de diminuir o desperdício.

Entretanto, doutores na sua arte, conhecedores eméritos de chãos e alcatras de lagartos e patos, partidores escrupulosos, com o senso perfeito da medida e do peso, nenhum desses açougueiros diplomados conviria ao infame Shylock...

NO BRASIL E' ASSIM! — Informam de Porto Alegre que um oficial do Exército inventou um novo combustível, a que deu o nome de "Manol". Trata-se de um produto misto de mandioca, mamona, arroz e milho.

Adiantam as informações que varias experiencias se realizaram, e todas elas com ótimos resultados, inclusive o da constatação de não ficarem danificados os motores. Ainda mais: o novo combustível é de custo muitíssimo menor que o da gasolina.

O Brasil é, realmente, uma terra maravilhosa. Repitamos mais uma vez que Pero Vaz de Caminha foi um estranho vidente que vislumbrou da beira da praia todo o esplendor da nossa riqueza.

Razões de sobra tinha também o matuto. Olá se tinha. E agora ele já pode aplicar a sua celebre frase até aos combustíveis:

— Plantando, dá!

—oOo—

O "MUTIRÃO". — O prefeito do município mineiro de Senador Firmino pôs em prática — dizem que pela primeira vez no Brasil — o "mutirão" oficial.

Oficialmente, é possível.

O mutirão, ou muxirão, existe no norte e existe no sul. E' o putifim amazônico, é o pixurum gaúcho. E' a mesma ajuda que muitos prestam, gentilmente, por entre comes e bebes, a um lavrador, a um pescador, a um construtor, etc.

Entretanto, a ideia do prefeito foi magnífica. Os munícipes ouviram o seu apelo e mercê do esforço alegre que vêm empregando tem feito aparecer as estradas de que o município carecia.

Assim, um velho hábito popular entrou oficialmente na vida de um rincão mineiro e, dados os resultados, é o caso de se recomendar seja imitado o exemplo.

—oOo—

OS CASOS ORIGINAIS. — A polícia da cidade baiana de Feira de Sant'Anna recebeu uma queixa original. Um infeliz, com mulher e filhos, morava com um compadre, que também tinha mulher. A coisa foi bem durante algum tempo. Agora, porém, virou! O compadre carregou a mulher e os filhos do infeliz e deixou a sua. No arrolamento do que teria de levar, o compadre não se esqueceu de uma egua, que aliás era sua. O outro, o infeliz, apela para a polícia. Conformar-se com a perda da mulher, mas acha que deve ser indenizado.

Não faltará quem pergunte:

— E o compadre não deixou a mulher?

Deixou. Deixou sim. Mas... — são expressões da notícia — não serve, por estar fora de forma! E o infeliz quer a pé firme que o compadre lhe dê como indenização... a egua!

RIGADIN

Abrigos contra os bombardeios aéreos

A experiência de Barcelona e de outras cidades bombardeadas durante a guerra civil de Espanha demonstra que, á medida que a gente se foi habituando aos bombardeamentos aéreos, e que aprendeu a proteger-se deles, foram diminuindo sensivelmente as baixas. Porém cabe dizer aqui que nem Barcelona nem outra cidade qualquer, que se saiba, tem sido bombardeada tão continuamente como Londres.

Nos dois dias de Março de 1938 — o dia 17 e o 18 — em que Barcelona foi alvo de um continuo, desapiadado e mais ou menos promiscuo bombardeamento, morreram 875 pessoas e foram feridas 1500; ficaram completamente destruídos quarenta e oito edifícios, e setenta e cinco sofreram destroços consideráveis.

A eficácia dos abrigos contra ataques aéreos depende do dinheiro que se gaste na construção deles, da natureza do solo e de ainda outros fatores.

Os mais utilizados e mais bem conhecidos de Londres são os chamados abrigos Anderson, assim chamados em honra ao ministro de Segurança Interior, Sir John Anderson. Esses pequenos abrigos, construídos de modo a servirem nos pátios das casas suburbanas, são de lamina de aço galvanizado, com um milímetro e meio de espessura. Dão abrigo a quatro ou seis pessoas e tem 2 metros de comprimento, 1,37 de largura e 1,82 de altura. Pesam uns 362 quilos e para serem instalados, encaixam-se numa cova com 90 centímetros de profundidade, e levam depois, em toda a volta da estrutura, um reforço de terra bem calcada, com 60 centímetros de espessura. São considerados á prova de choques de explosão e de pedaços de granadas dos canhões anti-aéreos — não dos tiros diretos — e diz-se que foram provados como satisfatórios, fazendo-se instalar bombas de 227 quilos a apenas 15 metros de distancia, sem prejuízo para os ocupantes. Este tipo de abrigo, que oferece a

vantagem do baixo custo e da rapidez e facilidade de fabricação, presta-se mais para o terreno de muitas partes de Londres do que os abrigos profundos.

A comissão oficial, que investigou as vantagens e desvantagens dos diversos tipos de abrigos contra os bombardeamentos aéreos, informou que, em vista da natureza do terreno de Londres, e da enorme rede de canos de gás, de agua e de esgotos, só ao cabo de dois anos seria possível construir tuncis capazes de abrigar 160.000 pessoas.

Em face disso, o Governo pôs maior empenho no fornecimento de pequenos abrigos Anderson, na adopção de medidas protetoras especiais, tais como as de tetos de betão reforçado, andares baixos especialmente seguros e caves profundas, na construção de novos edifícios, e na conversão de caves e subterrâneos e outros recintos em abrigos profundos.

Muitos deles, embora ofereçam bastante proteção ás explosões, fragmentos de projeteis e golpes diretos de bombas pequenas, não protegem contra os golpes diretos das bombas maiores. Os abrigos que protegem contra este perigo existem também, mas em numero relativamente reduzido. O distrito de Southwark tem um proximo da rua Borough High, tendo-se aproveitado para esse fim um tunel de ferrovia subterraneo, que não estava sendo utilizado e que tinha 21 metros de profundidade. E' uma caverna de betão com 800 metros de comprimento, que foi tornada habitavel ao custo de 50 mil libras esterlinas e onde se podem refugiar 14.000 pessoas. Oferece completa proteção contra as maiores bombas.

Os abrigos profundos, para que ofereçam absoluta proteção, devem ficar a pelo menos 12, 15 ou 20 metros abaixo da superficie, ou ter mais ou menos metade de qualquer dessas profundidades e levar por cima uma abobada com 4 metros de espessura, com

posta de duas camadas de betão, com areia entre ambas para amortecer a força da bomba. Esses abrigos custam 15 ou 20 libras esterlinas por pessoa. Os que se necessitam para proteger 20.000.000 habitantes custariam, portanto, mais de 300 milhões de libras esterlinas.

A cidade de Londres dispõe hoje de alguns desses abrigos profundos, e a maior parte dos seus edificios publicos tem caves que são verdadeiramente

á prova de bombas; porém o alto custo e a dificuldade da sua construção, bem como a dificuldade de dispersar a gente durante um bombardeamento aereo, em vez de aglomerá-la, explicam a ausencia de um maior numero.

Até agora, os abrigos, tanto os de pouca como os de muita profundidade, demonstraram a sua utilidade e é provavel que hajam salvado muitas vidas. Mas a sua verdadeira prova ainda não chegou.

A CAIXA ECONOMICA DO RIO DE JANEIRO EM 1940

RIO — 1941

Acabamos de receber o volume em que está enfeixado o relatório do sr. Carlos Coimbra da Luz, a propósito das atividades da *Caixa Economica do Rio de Janeiro*, durante o ano de 1940.

Confecionada pelo Serviço Grafico do Instituto Brasileiro de Geografia e Es-

tatística, a obra apresenta feição agradável e própria ás publicações de sua natureza. São, ao todo, mais de trezentas paginas através das quais o sr. Carlos Coimbra da Luz esclarece com brilhantismo e segurança como têm decorrido as atividades da instituição ora sob a sua ogerosa presidencia.

O preambulo do Relatório constitue uma das partes preciosas do livro, porque o autor faz interessantissima apreciação a contar de 1930.

E', pois, justo o interesse que o trabalho do eminente financista mineiro despertou em nossos círculos economicos, financeiros e administrativos.

CALENDARIO CAFEIRO

Recebemos do Departamento Nacional de Café interessante bloco-folhinha para 1942.

E' uma serie de quadros a côres referentes ao café do Brasil em todas as fases: plantio, colheita, industrialização, consumo, etc.

Agradecemos.

Agora muitos usam DENTADURA POSTIÇA com mais comodidade

FIXODENT, um pó alcalino (não ácido), de agradável sabor, mantém as dentaduras postiças firmes na boca. Para comer e falar com mais comodidade, experimente um pouco de **FIXODENT** sobre sua dentadura postica. Não fica na boca nenhuma sensação pegajosa. Combate o "cheiro característico de dentadura" — perfuma o hálito.

Compre **FIXODENT** hoje mesmo, em qualquer farmácia ou depósito dentário. Solicite amostras.

Distribuidora para todo o Brasil:
ODONTOLOGIA AMERICANA
Av. Rio Branco, 114 - 1.º andar
Rio de Janeiro

87-B

◆◆◆

OUTROS RIRAM...

Sogras e genros



— Confessa que atirou sua sogra pela janela?
— Foi num momento de irreflexão...
— Mas devia ao menos pensar no perigo de machucar alguém que fosse passando por baixo!



— Senhor diretor, desejava ir assistir ao enterro de minha sogra...
— Ora, que novidade! E quem é que não desejaria isso?



— Resolvi suicidar-me na cama de minha sogra porque, assim, tenho certeza de a contrariar.



— Deixe-me dizer-lhe que sua filha é uma criatura azeda, hipócrita, brigona, uma peste, enfim!
— E então? Pensa que se ela assim não fosse eu a deixaria casar com o senhor?

Verdadeiros amigos



O automovel de Henrique enguiça na estrada, longe de qualquer povoado ou habitação. E assim Henrique não pode telefonar.

É um excelente marido, apaixonado pela esposa que igualmente o adora. E nunca, até agora passou uma noite fora de casa.

No restaurante



— Esta moeda que o senhor me deu de gorgeta é falsa.
— Mas você me tinha dado no troco.
— Naturalmente. Havia de ficar com ela?



— Escute, garçon... O peixe está fresco?
— Não sei dizer. Trabalho na casa apenas há oito dias...



— Garçon, veja o que encontrei neste ovo. Um pinto!
— Mas, num ovo, que queria o senhor encontrar? Um aeroplano?



Hum, que cheiro bom! Quem é mamãe?

Arte moderna



— Mas que estupidez, que barbaridade! Puzeram o meu quadro de pernas para o ar!
— Não faça escândalo, senhor. Repare que lhe deram o primeiro prêmio...

Mães!



na necessidade de um laxante para seu filhinho, dê-lhe o ENO "Sal de Fructa" que é de paladar saboroso, de efeito suave e seguro! Mas não confunda: —

ENO "Sal de Fructa"



Por volta da meia noite, a esposa, inquieta, resolve telegrafar a cinco dos melhores amigos de Henrique, os quais moram por aquelas redondezas.

Dizia o telegrama-circular: "Henrique saiu com o automovel e não voltou até agora. Estou assustadíssima. Diga se tem notícias dele."



A pobre senhora passou a noite em tormentos, esperando o toque de campainha que lhe anunciasse a chegada do marido ou dalguma notícia a seu respeito. Pela madrugada, a campainha retine com insistência...

E imagine-se a surpresa da excelente senhora ao receber cinco telegramas que diziam mais palavra menos palavra: "Tranquile-se. Henrique passou a noite aqui em casa e está bem".

PSICOLOGIA DE ALGIBEIRA

Por ARY KERNER

La connaissance des hommes est une science qui s'apprend. Je regrette et j'ai déploré à plusieurs reprises que, dans nos grandes écoles, il n'y ait pas de cours de psychologie appliquée aux affaires.

(M. P. GIRARDET)

DENTRE as questões modernas, de caráter comercial, surgidas com a organização científica do trabalho, a psicologia ocupa uma posição de destaque pela importância insuperável que o seu conhecimento representa para o equilíbrio e desenvolvimento de uma empresa e maior êxito para seus dirigentes.

O velho ditado «Quem vê cara não vê coração» passou para o rol das cousas esquecidas, das velharias passadistas.

O homem moderno, através do conjunto fisionômico, dum olhar, duma atitude ou duma palavra, vislumbra logo a personalidade de quem está á sua frente, nos seus traços gerais da psicologia humana e nos detalhes que lhe são peculiares. Arma terrível nas mãos dum hábil manejador das particularidades individuais, das suas tendências ou fobias, a psicologia tudo vence, por se valer dessas mesmas tendências, boas ou más, para chegar aos seus fins, sejam eles de direção ou de persuasão.

O psicólogo não ouve, não sente, não vê e não sabe senão no momento preciso ou quando deva entrar em ação. Entretanto, não lhe escapam as minúcias mais ínfimas que caracterizam um indivíduo na sua vida pública e particular. Uma esmola, um gesto servil, uma fraqueza, uma covardia, um olhar frio, uma expressão generosa, uma atitude cortês, uma manifestação patológica são tão observados como uma botina por engraxar, uma barba por fazer, um banho por tomar, um café por pagar... que constituem elementos valiosos ao estudo psicológico dum indivíduo.

Entretanto, não basta ser psicólogo. Não basta conhecer a alma do interlocutor, do amigo, do rival ou do concorrente. É preciso ser hábil para saber conduzir seus passos á meta almejada, usando dos meios eficazes para tal ou qual caso, agindo com a prudência precisa.

O psicólogo tanto póde crêr em Cristo como em Buda ou Maomet, tanto póde ser simpático ás doutrinas de Augusto Comte como ás de Allan Kardec; tanto póde ser republicano ou monarquista, presidencialista ou parlamentarista, fascista ou comunista, torcedor do America ou do Fluminense, partidário do eixo ou da democracia.

Não importa. No momento em que as suas funções o exigem, que urge alcançar a sua finalidade comercial ou política, aquele que fôr psicólogo e homem de negócios tem que perder a personalidade. Ele é o cidadão que quer vender, o político que precisa de voto, o negociante que necessita de freguezia, o representante que quer suggestionar, convencer e... conseguir.

Fôre da sua atividade êle poderá dar tréguas ao seu eu, porém com a necessária reserva.

O mais recomendável nesses casos, é sempre evitar palestras de caráter partidário. É um processo mais digno e mais eficaz. Poupa o ensejo de concordar com o católico fervoroso para quem Lutero é um cão, Galileu um idiota, Pombal um bandido e Zola um excomungado... com o francez exaltado para quem De Gaulle é o unico que poderá salvar a Nação á beira do abismo, evitando os protestos de solidariedade ao economista que «não acredita no Brasil ou ao sportman que se desiludiu com o profissionalismo, ao nazista que despreza a democracia...

Aqui se aplica a grande filosofia do inglês que recomendava: «Be silent or say something better than silence...» É melhor calar pois «quem cala consente» sem todavia dizer nada de positivo.

A psicologia para dar resultado precisa ainda cercar-se de muitos outros elementos. O senso da oportunidade, a observação, o apuro no vestir são elementos indispensáveis ao bom psicólogo.

Que pensar dum vendedor de tintura para cabelo que se aproximasse dum homem idoso que está de chapéu na cabeça, para lhe oferecer o preparado, sem antes cumprimentá-lo com uma grande reverência para obrigá-lo a tirar o chapéu e provar que não é careca?

E dum cavalheiro que procurasse o chefe de uma repartição, e, para entabolar palestra, falasse sobre o carnaval, o entusiasmo dos bailes, a alegria das ruas, a beleza dos prédios, sem observar que o mesmo está de luto, tendo por certo passado o carnaval entre quatro paredes, pensando, quem sabe? n'uma herança de milhares de contos, tendo êle, apenas, como legado, uma dúzia de camisas usadas ou um «patek cebola» do tempo do Imperador?

É por isso que entre a expressão de Talleyrand: «A palavra foi dada ao homem para dissimular o pensamento» e a máxima do inglês, recomendo sempre esta última, que, além do mais, deixa o caminho aberto para a contra-marcha...

Quanto á representação é um fator de maior importância. É um cartão de visitas de grande efeito para o público sempre propenso á primeira impressão.

O traje apurado abre caminho para uma recepção mais cordial, mais reverente, porque, é justo reconhecer, a indumentária bem cuidada, discreta e distinta, revela geralmente um cidadão de escól, fino, de tratamento, com quem será um prazer ter um entendimento.

Rousseau, referindo-se a uma solenidade em que recebera grandes homenagens, disse com muita convicção: «Les honneurs que j'ai reçus c'est mon habit qui me les a valus».

E, quando falham todos êsses meios, é porque o homem que se procura, ou não se interessa pelo assunto ou não se deixa levar por lóbias ou cantigas e quer demonstrações «palpáveis» de simpatia e solidariedade. Com êsses intransigentes não adianta teimar. Eles também querem se «defender» e o «argumentum ad cruenam» é o único que talvez possa dar resultado...

Como o Norte-Americano aprecia o Brasil

O grande magazine norte-americano "Goodness", traz uma interessante crônica de William Root, apreciado jornalista, que nos visitou há pouco tempo, na sua excursão pela América do Sul.

Vamos, com a devida venia, transcrevê-la linhas abaixo, para conhecimento de todo aquele que se interessa pelo desenvolvimento de nossa famosa e linda Ilha do Governador.

El-la:

"O Rio é simplesmente maravilhoso! Descrevê-lo é quase impossível; é bem a mais linda cidade da Terra!

Na minha curta permanência ali, tive ocasião de percorrer os seus pontos mais interessantes. Visitei as fúrnas da Tijuca; a Pedra do Imperador, a Cascatinha, Pão de Açúcar, Corcovado, Paqueta e a famosa Ilha do Governador, localizada no centro da baía de Guanabara, a meia hora de barca do Cais Pharoux, ou seja da Avenida Rio Branco, principal arteria daquela soberba Capital.

Que ilha! Um verdadeiro assombro de beleza dentro daqueles seus vinte e oito quilômetros quadrados!

Fiquei estupefato ante tamanha beleza e encantos sem par; estasei-me de verdade! Revirei-a de baixo a alto: aqui, a praia da Ribeira, mais adiante a de Zumby, depois Cocotá e mais além Freguezia! Que praias! Tão boas como a de Copacabana, iguais às de Miami!

O que mais me impressionou, e é neste ponto que eu chamo a atenção de meus leitores, foi o fato de encontrar dentro do coração da Ilha uma magnífica e bem traçada "cidade-jardim" em formação: "JARDIM-CARIOCA", dotada de um gigantesco e sábio plano urbanístico, que honra o Brasil e eleva o Continente Sul-Americano!

Nesse verdadeiro jardim tropical, tudo foi estudado, dês do arruamento, verdadeiramente tentador, com o seu traçado de ruas curvas e circulares até o transporte, por meio de bondes elétricos e ônibus luxuosos!

Pois foi de lá, desse rincão cheio de encantos e poesia, donde se descortina a magnificência da cordilheira dos Orgãos e o estupendo panorama da "Cidade-Maravilhosa", que eu resolvi rabiscar estas linhas para dizer ao povo americano que, no Brasil, o trabalho de urbanismo está tão adiantado que nada nos fica a dever, nem à Grã-Bretanha e França! Jardim Carioca é a amostra dessa minha asserção! Dentro desse jardim maravilhoso, o Governo do Brasil mandou levantar cerca de 200 bangalôs, em centro de jardim, para funcionarios de diversas repartições e onde vivem como príncipes!

O mais interessante é que JARDIM CARIOCA é uma empresa particular que se organizou para vender terrenos em prestações e os vende ainda, beneficiando extraordinariamente aos seus clientes. Entre estes, o proprio Governo Brasileiro é um deles! O Ministerio do Trabalho, por intermedio de seus Institutos de Previdencia Social, adquiriu á Empresa cerca de 250 lotes de terrenos e neles está edificando uma linda e graciosa "cidade-jardim" para os seus associados! São filas intermináveis de mimosos bangalôs dotados de absoluto conforto, agua, luz elétrica, radio e telefone, onde todos vivem felizes!

Aos meus patricios, quando em excursão pelo Brasil, o meu conselho: "Não deixem de visitar a Ilha do Governador, notadamente o JARDIM CARIOCA."

JARDIM CARIOCA

OS MELHORES TERRENOS DA ILHA DO GOVERNADOR

Vendas a longo prazo, sem juros e ainda com direito a sorteios de quitação. Solicitem prospectos e informações à Av. Rio Branco, n. 108 6.º andar, fones: 42-3812 e 42-3554.

IN ILLO TEMPORE

ESCRAGNOLLE DORIA

Do patrimonio historico nacional tem desaparecido muita cousa valiosa alienada pela cobiça ou destruida pela incompreensão dos homens, muitos dos quais mofam do valor de tal patrimonio, por isso dignos de pena. Pensam que vivem limitando-se ao hoje.

No patrimonio historico do Rio de Janeiro era de grande significação evocativa o edificio onde 1826 a 1889, salvo poucos fechamentos por obras, funcionou o Senado do Imperio.

Consagraram o edificio sucessos magnos e a vida de brasileiros insignes ou representativos de mandato legislativo vitalicio na antiga e presenteada casa do conde dos Arcos.

Em 1825, por quarenta e quatro contos vendeu Arcos a propriedade na qual residio até 1821, propriedade constando de casa principal, outra terrea e chácara estendida até a rua das Flores, ora General Caldwell.

Aos poucos, materialmente, o Senado perdeu terreno, dele privado por uns e outros, para isto ou aquilo, com ou sem pretexto de utilidade publica tantas vês invocada para cobrir exclusivamente o interesse particular.

Sem arquitetura notavel o edificio do Senado era apenas casa decente de época decorosa. Primando no arranjo interno, o espirito inclinado a comparações fantasistas lembraria talvez concha rugosa guardando perola de preço.

A joia do Senado era o salão de sessões, pequeno, de conjunto harmonioso, em meia sombra quebrando vivos de luz exterior, de tribuna á direita e á esquerda para a Familia Imperial e gente de corte, e para o corpo diplomatico, convidado obrigatorio de grandes solenidades publicas.

Adjacentes ao salão das sessões a sala imperial reservada ao monarca, a sala azul, a sala amarela onde os donos da casa recebiam visitantes ou solicitantes. Num recanto a sala do café, privativa dos senadores e nos écos de palestras politicas, pois que de politicos era.

Vês ou outra, por ocasião de discussões prolongadas, ao cahir ou ao entrar franco da noite, o edificio conhecia a luz do gaz ao iluminar-se o Rio de Janeiro, antes as vêlas prestando bons serviços.

Desenho precioso e nitido de Boulanger permite-nos ver o interior do Senado em 1858. Luiz Aleixo Boulanger, mestre de escrita de D. Pedro II, foi calígrafo admiravel. Cegou a poder de microscopisal-a. No genero seus trabalhos enternecem mostrando sacrificio e desdita.

Traçou Boulanger **Quadro Figurativo** «indicando na Camara dos Senadores o lugar onde cada um de seus membros costumava sentar-se». Diga-se que cada senador, até 1889, teve sempre no recinto lugar fixo ante balastrada provida de carteira para guardar papeis ou dar mesa para escrever.

No fundo do salão ampla cortina verde, caindo em pesadas dobras de pano superior, velava o lugar do trono de onde o imperador se dirigia ao poder legislativo, congregados em Assembléa Geral Senado e Camara, lendo-lhe a fálá do trono na abertura ou encerramento de sessões ordinarias, de Maio a Setembro, ou extraordinarias e gratuitas conforme exigências de interesse publico.

Abaixo do sólio imperial, dominando o recinto, ficava a Mesa do Senado ocupada por um presidente e quatro secretarios. Ao official da ata, funcionario graduado da Secretaria do Senado, aos redatores de debates, ortopedistas de periodos entortados ou supressores de expressões inconvenientes, aos taquígrafos de lapis veloz enchendo quartos de papel com sinais cabalísticos para profanos, eram reservadas varias mesinhas para os mistéres de cada um, a do official da ata proxima á Mesa.

Em hemiciclo o recinto do Senado dividia-se em quatro bancadas, duas centrais, de face á Mesa, e duas outras menores na proximidade da mesma Mesa, cuja taboa da lei era o regimento. Da Mesa, quando não senadores, se dirigiam á assembléa os ministros de Estado recebidos e reconduzidos por senadores formando comissão designada pelo presidente e em geral composta de três membros.

Mercê do **Quadro Figurativo** de Boulanger é possível reviver bem o Senado e seu recinto em 1858. Presidia a camara Manoel Inacio Cavalcanti de Lacerda, barão de Pirapama, magistrado na carreira judiciaria elevado ao Supremo Tribunal de Justiça. No Senado dispensava bécia, conservando serenidade de juiz.

Eram-lhe companheiros na Mesa, ladeando-o, Silva Mafra, senador catarinense, antigo militar, e Martins Vallasques, senador pela Bahia e magistrado. A ambos se juntavam o padre Cunha Vasconcellos, senador pela Paraíba e de fugaz lembrança nas paginas de **O Velho Senado** de Machado de Assis, e Jobim, senador pelo Espirito Santo e medico-professor de medicina.

Olhando os ocupantes das bancadas do Senado de 1858 se podia repassar historia patria em humana encarnação, pois muitos senadores haviam sido ou eram figuras centrais de importantes sucessos nossos.

Cada bancada tinha parte anterior e parte posterior. Na parte anterior da pequena bancada esquerda, perto de janela, sentavam-se d. Manoel de Assis Mascarenhas, na mocidade diplomata de expressões macias, requeridas pela carreira, na velhice orador parlamentar vehemente; Souza Franco, conspirador pela Independencia, no Pará, em verdes anos; o barão de Pindaré, maranhense, da terra onde se falava bem e se escrevia com vernaculo intacto, Pindaré, amigo do peito de Vergueiro. Na ponta da bancada o visconde de Albuquerque, o multi-ministro, liberal a quem se antolhara difficil distinguir um liberal de um conservador.

Na parte posterior da bancada ficavam Nabuco, o jurisconsulto, o marquês de Itanháem e o visconde de Sapucahi, ligados á adolescência, educação e instrução de D. Pedro II. Perto de ambos Dias de Carvalho, colega senatorial de Caxias que o conhecera implicado na revolta mineira de 1842.

Na bancada seguinte, maior e fronteira á Mesa, sentavam-se na parte anterior Barros

Leite, magistrado sisudo; Jequitinhonha, escarnekedor-mór, Angelo Carlos Muniz, proprietario no Maranhão onde como em todas as províncias a aristocracia rural tinha influencia grande. Em seguida ficava Vergueiro, o homem procurado, desejado e não encontrado no Sete de Abril; Silveira da Motta, de catedra na Faculdade de Direito de S. Paulo; Sinimbu, o **gentleman** viajado; Candido Batista de Oliveira, o matematico perplexo ante certos x dos problemas politicos.

Na parte posterior da bancada sentavam-se Araujo Ribeiro, armado de dicionario, ao qual recorria quando alguma palavra de orador não lhe parecia vernacula; Mendes dos Santos, jurisconsulto e como se não bastasse filologo; Joaquim Francisco Vianna, funcionario publico chegado a ministro da Fazenda, Paula Pessôa.

Depois de Paula Pessôa, outro homem do Ceará, o padre Alencar, o proclamador da Republica na sua província e por ela senador do Imperio e finalmente adepto da escola do bom senso, esta com Evaristo por maior.

Segunda bancada maior, fronteira á Mesa, parte anterior. Ocuparam-a sucessivamente Caxias, Abrantes, Olinda, Monte Alegre, Muritiba, Eusebio e Gonçalves Martins, o futuro visconde do S. Lourenço, de tantos serviços á nativa Bahia, ministro referendador da concessão da primeira estrada de ferro no Brasil, presidente da Bahia que antes, tão antes dos jangadeiros cearenses do fim do Imperio, proibira o desembarque de escravos por saveiros nas aguas e plagas da cidade do Salvador.

Os donos das cadeiras da parte posterior da segunda bancada maior fronteira á Mesa emparelhavam com os colegas da parte anterior. Chamavam-se Abaeté, Itaboraí, Uruguai, Pimenta Bueno, deles dignos visinhos Manoel Felizardo, o general de tantos serviços civis, e Souza Ramos, ainda não barão das Duas Barras, nem visconde de Jaguarí, mas logo em principio de carreira recomendado pela energia com que, presidente do Piauí,

nesta provincia puséra termo a influencia politica com geitos de barão feudal e correlativo posso, quero e mando.

A Souza Ramos, na bancada, sucediam José Manoel da Fonseca, o redator em S. Paulo de **O Novo Pharol Paulistano**, e o barão de Antonina. Este de condutor de tropas creara em si mesmo um brasileiro prestante, um cavalheiro perfeito, exemplo ainda não posto em relevo do poder da vontade, tema de livro inteiro de Samuel Smiles.

Faltam na visão do Senado de 1858, permitida pelo **Quadro Figurativo** de Boulanger, os ocupantes da pequena bancada á direita de quem entrava no recinto por sua porta central, bancada junto á janela como a esquerda. Eram aqueles ocupantes Fernandes Chaves, barão de Quaraim, ardoroso politico sul-riograndense que tanto se agitára e agitára a sua terra para morrer bem longe dela, na Italia, em Pisa; Herculano Penna, presidente de oito provincias nossas, por força de cargos conhecedor de corografia patria; João Antonio de Miranda tirado da magistratura para presidir o Pará, o Maranhão, o Ceará, e vir a ser senador por Mato Grosso; Diogo de



Busto de José Egydio Alves de Almeida, visconde e marquês de Santo Amaro, primeiro presidente do Senado do Império (Sessão de 1826).

Vasconcellos, irmão do famoso Bernardo, sem ser por ele eclipsado, propugnador do casamento civil quando ministro da Justiça; Lopes Gama, visconde de Maranguape.

No Senado de 1858 havia cadeiras não ocupadas, os donos em ausencia: Angelo Ferraz, presidindo o Rio Grande do Sul, Fernandes Torres governando S. Paulo, de cuja Faculdade de Direito fôra lente, Carlos Carneiro de Campos, o 3.º visconde de Caravellas, regendo Minas.

No **Quadro Figurativo** de Boulanger não se encontra menção do lugar onde se sentariam João Mauricio Wanderley, Almeida Albuquerque, Mello e Souza, barão do Pontal, o barão da Boa Vista, o barão de Suassuna e Francisco Antonio de Souza Queiroz, barão de Souza Queiroz.

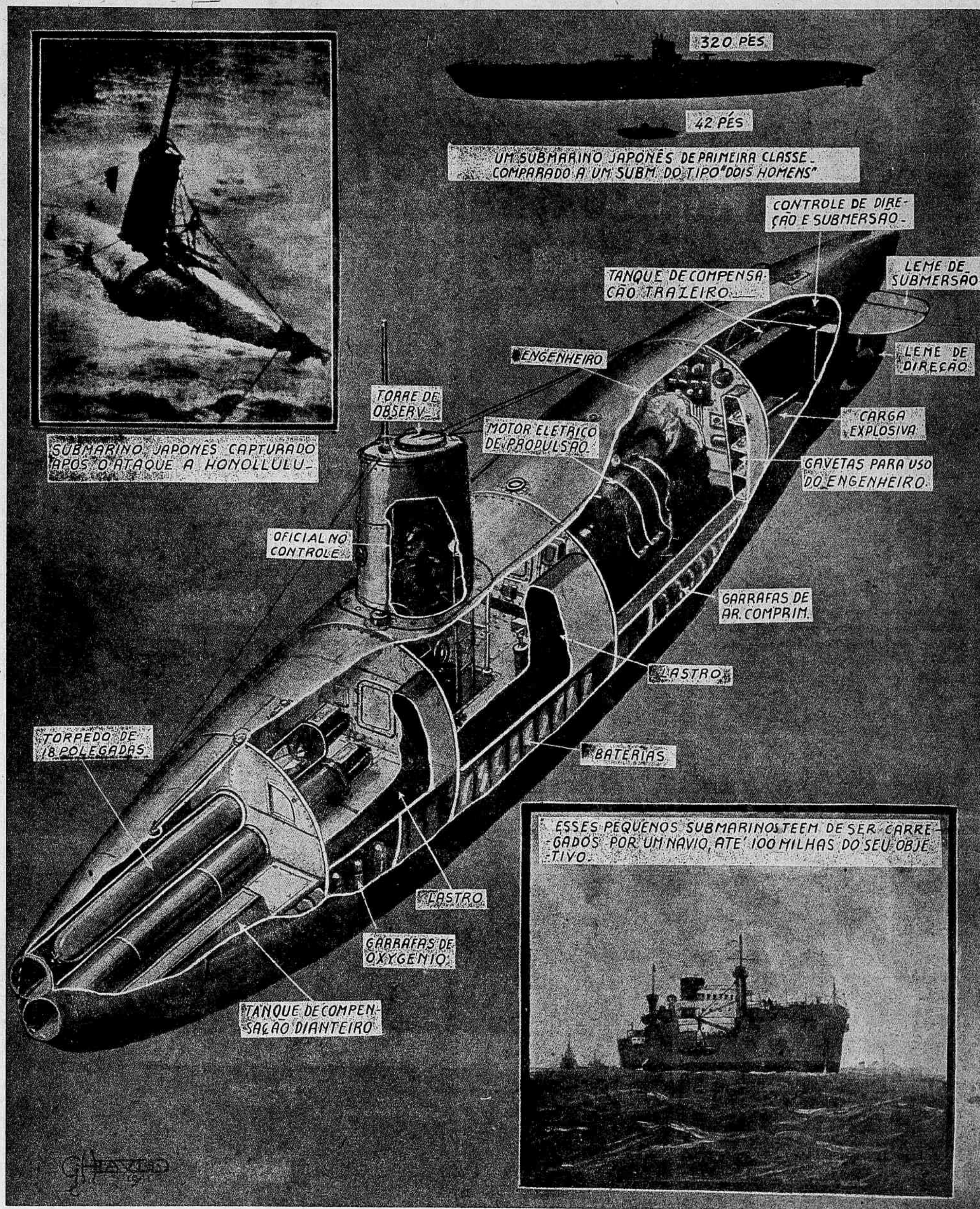
Suassuna teria dilatada vida senatorial, pois escolhido representante de Pernambuco em 1839 morreria em 1880, senador por espaço de quatro decenios e pouco. Souza Queiroz senador em 1848, privado do cargo em 1889 pela Republica e falecido em 1891, estaria também quatro decenios e pouco no Senado, no qual pouco assiduo, mais morador em S. Paulo do que na camara vitalicia, aliás sem aceitar recebimento de subsidios.

A falta de indicação das cadeiras dos citados senadores no **Quadro Figurativo** de Boulanger explica-se talvez por ausencia temporaria dos que ás vezes se demoravam nas provincias cuidando de negocios partidarios ou retidos por qualquer outra causa. Em geral, a abertura ou o encerramento das sessões legislativas determinavam um chega e torna de senadores e deputados vindos ou partindo para as suas provincias, os deputados a bem da conservação de seus interesses eleitorais possivelmente minados nas suas ausencias.

Do Senado de 1858 chegariam a 1889, ano da extinção da corporação, os senadores Muritiba, Souza Queiroz, Sinimbu e Silveira da Motta. Em 1915, por **O Paiz**, Carlos de Laet divulgar um fato registrado por Silveira da Motta. Disse este a Laet que na abertura das Camaras, em Maio de 1888, como de costume, D. Pedro II deixára o cetro para proceder á leitura da fala do trono. Ao entregar a determinada pessoa a insignia escapou da mão imperial e veio ao tapete. Não obstante a superioridade do seu espirito — disse Laet — fundamente calou em Silveira da Motta a penosa impressão do acidente. Com voz entristecida observara o também velho senador:

— E' a ultima vês que o Velho vem ao Senado. Não se enganou. Cinco meses depois da mão do imperador escapava para sempre o cetro que a Maioridade lhe entregára e sustivera em quasi meio seculo de reinado.

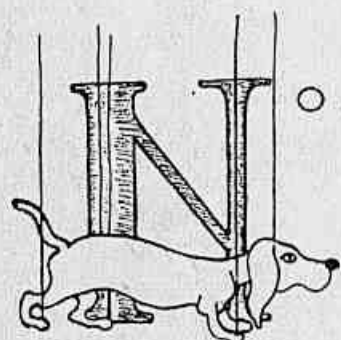
O "submarino mosquito": uma surpresa que durou um dia



O Departamento Naval dos Estados Unidos, atendendo à curiosidade que os telegramas referentes a uma nova arma submarina japonesa despertaram em todo o mundo, forneceu informações detalhadas em torno do assunto, permitindo assim uma perfeita reconstituição desse novo instrumento de combate. Trata-se do submarino tripulado por dois homens, pela primeira vez empregado durante o ataque a Pearl Harbour no dia 7 de Dezembro de 1941. Uma dessas unidades foi apreendida pelos americanos. O seu comprimento é de 13 metros e 86 centímetros, sendo coberto de chapas de $\frac{1}{4}$ de polegada e dividido em 5 compartimentos. A torre de comando tem 4 $\frac{1}{2}$ pés de altura. Conduz dois torpedos de 18 polegadas e uma carga de 300 libras de explosivos, cuja finalidade permanece obscura. De pequena velocidade, essas embarcações devem ser transportadas a uma distância de 100 milhas do objetivo, pois o seu raio de ação não vai além de 200 milhas. Sem qualquer combustão interna, esses submarinos são movidos, tanto em cima d'água como em baixo, por motores elétricos. Os tubos torpedeiros são idênticos aos dos submarinos grandes, sendo que os torpedos são transportados dentro desses tubos. A tripulação é formada de dois homens: um oficial encarregado da direção, submersão e dos disparos dos torpedos, e um engenheiro a quem cabe o controle do complicado maquinismo.

Guignol

por
Sebastião
Fernandes



N meu bairro, com o progresso cinematográfico da pracinha, já estou contando os dias do teatrinho de guignol. Forçosamente desaparecerá. Desaparecerá porque é o destino do teatro, mesmo que pensemos de modo diferente. Falam num novo arruamento sacrificando árvores, diminuição de canteiros e alamedas para a vitória da máquina.

Nascemos para ser atropelados. Não é fatalismo...

Já é muito conhecida a frase: «RIO—cidade sem jardins.»

De teatro, também se fala no assunto, mas aparecem logo largos risos de outras formas de crítica ainda mais tristonhas. Se não há jardins, como poderemos ter em cada bairro um teatrinho para a gurizada?

Com o verão que se prolonga por vários meses, vivem todos a reclamar a falta de arborização e contra a vitória impenitente do cimento, asfalto e macadame. O teatro infantil depende dos jardins. Sabendo-se quanto o jardim embeleza e higieniza as cidades, compreende-se o amor com que devíamos tratar o assunto. E não é só o tema versado: teatro. Porque teatro infantil só dá função aos domingos, ao passo que o CINEMA não precisa de jardim e é uma porta-aberta a semana inteira...

Por observação muito pessoal e íntima noto que o teatrinho já é encanto para uma criança de três anos. Aliás duas coisas, aos domingos, na praça, deslumbram Elbinha: o vendedor de bolas policrômicas e o teatrinho.

E' mesmo inenarrável, quando noutro dia da semana, ela ao passar pelo jardim, olha a casinha de espetáculo e diz desolada:

— O teatro está fechado!

Os dirigentes, os homens que ditam leis, os maiores do poder, precisavam bem sentir e observar a causa do teatro nacional que pede casa para as numerosas companhias que correm terras distantes, porque na Capital da Republica ha deficiencia de acomodação.

Bastariam uns simples dados estatísticos para provar quanto os teatros sofreram com a concorrência dos cinemas. Mas para que estatística se o fato é conhecido de todos nós, vamos duas vezes por semana ao cinema e passamos meses sem ir ao teatro?

A arte cênica envelheceu?

Existem muitos elementos para respondermos á pergunta. A par de poucos teatros, outros destruídos, os preços das entradas são elevados.

Bastaria relancear um rápido olhar pelo numero de teatros demolidos e dos cine-

acabou, e já se fala no teatro Recreio.

O teatro Fenix mudou de nome e acabou cinema Opera que aliás, sendo cinema não leva ópera alguma. A arte de Molière tem, entre nós, o destino de ser, como já foi, uma arte de saltimbancos. Vida de nomade. E' preciso destacar o fato de que na praia de Botafogo existiu um «Guignol». Teve o destino dos outros teatros. Só consegue vingar o cinema, porque é como tiririca: dá em qualquer terra.

O cinema é feliz porque é só armar um barracão e a fita vem prontinha.



mas construídos. Além disso existem teatros que foram substituídos por cinematógrafos. Foi um dia os teatros São José, Lírico, Trianon, e houve um caso gossâdissimo: o do teatro Casino, sobre o qual correu a lenda de que ia ruir, pois as paredes estavam fraquinhas; e depois a cidade vivia sobressaltada com os estrondos de bombas para poder arrebentar as mesmas paredes frágeis. O Alhambra

Mas o teatro exige muita coisa. E as reformas constantes e mirabolantes aumentam a atrapalhão. Senhores bem intencionados mas que começam por demolir... porque é mais fácil. Depois vêm as discussões. E a «confusão é geral». Todos falam. Os problemas multiplicam-se. Todos são técnicos. Mas esquecem a principal tecla que é o espectador infantil. Em todas as ruas a criança começa a ver

cartazes coloridos do edificio grande e, em casa, só se fala em fitas, enredos, artistas, uma publicidade que o teatro jamais conheceu. Forçosamente que a criança acaba também interessada pelos espetáculos cinematográficos. No entanto, não seriam precisas grandes verbas pesando nos orçamentos para formar a publicidade teatral; bastavam casinhas e jardins.

Agora, um dos raros teatrinhos da cidade tem seus dias contados.

Não nos admiramos de vêr mais um teatro demolido. Porque só mesmo a criança é que pode dar valor áquela casinha, com uma portinha, onde aparecem bonecos que, uma vez por semana, dão um pouco de alegria e felicidade.

A época é realista e qualquer traço de sentimentalismo é ridículo. A cidade cresce e exige o arrazamento da casinha do teatro assim como algumas árvores demolidas para o vasto progresso citadino. Assim já se fez com o circo de cavalinhos. Depois, colocaremos alguns play grounds no ultimo andar de arranha-céus para os meninos modernos não serem tristes. O jardim é feio, as ruas já estão estreitas para os bolidos. Os coretos são desnecessarios porque todos, em casa, têm radio para ouvir anuncios. Também morreu a banda de musica. Aquela casinha no jardim é anti-estética pois não faltam cinemas com fitas de tiroteio, que é o melhor sinal do século. Mas nos cinemas as crianças só entram depois dos quatro anos. Depois dos quatro anos é que os roubos e metralhadoras interessam.

TEATRO JOÃO MINHOCA...

No meio da agitação dominical, separado pela parede mole dum pano branco, ficam os bancos, diante do qual vai começar a felicidade que dura dez minutos. E custa só duzentos réis. E' o teatro.

A criancinha ficou esperando a semana inteira. Para os pedagogos e psicólogos esse ponto deve ser bem grifado. E' na cidade onde a criança não sabe onde se divertir. O teatro infantil é sempre um espetáculo que agrada, porque são raríssimos os autores que verdadeiramente sabem escrever para criança, sobretudo no genero mais difícil, que é o teatro.

Ora, a vitória do teatro João Minhoca está nisto: os autores de enredos e os que falam são, na sua maioria, tão ingênuos como os meninos, e por isso, sem a pretensão de escrever ou assinar peças em três atos, xaropada de fundo educativo, mas um ato rapidissimo, quasi todo improvisado de banalidades que na forma simplissima vai mais rapidamente agradar a criança. Levo sempre Elbinha para ver o teatrinho. Mistura de Walt Disney (não é Disney de «Fantasia»...) com fitas de pastelão. Um unico ato duma singeleza notavel. Todos os gramáticos e professores importantes deviam não só assistir como obrigar os plúmiferos das letras a assistirem todos os domingos a um ato daqueles. Acabariam, pelo menos, mestres em clareza. Beleza e forma poetica não aparecem e muito menos humorismo, mas esse teatrinho ensinaria de uma forma leve e engraçada coisas que faltam aos nossos anedotistas e teatrólogos radiofônicos. Não ha campanhas nem as classicas três pancadas. O moço que cobra as entradas dá uma pancada no procênio e o eterno pano de boca que continha um desenho surrealista levanta. Se no teatro a indumentária é uma coisa muito séria e exigente, no cinema é duma riqueza perigosa e provo-

cante; no Guignol os atores não mudam de roupa, seja o enredo passado na rua ou numa sala de visita. Acredito que não seja pobreza de indumentária mas é que a velocidade de mudança de peça exigiria um guarda-roupa fregoliano. Guignol propriamente não tem espírito. É uma graça que está ao sabor da voz rouquenha ou falsete que lhe emprestam os atores. Guignol é divertimento puramente infantil, embora apareça com as mães ou papais algum domingueiro levado pelo espírito de ver uma distração por duzentos réis. Um espetáculo por duzentos réis! É uma coisa tão original, tão inédita nos tempos que correm, que nem devemos tratar do assunto em altas vozes senão, amanhã mesmo temos que pagar um tabelamento mais alto.

Na evolução do **teatrinho João Minhoca** os fantoches foram diversão dos adultos; agora é das crianças, muito embora as **marionettes**, **Pupazzi**, **burattini**, bonecos atores movidos por cordeis á luz da ribalta, a imitação humana dos gestos caricaturais ainda sejam preferidos por adultos.

Não pode ser o teatro na forma clássica de **drama e comedia** pois é uma caricatura e, sendo intencionalmente infantil, fica afastada qualquer especie de drama para tornar-se somente comedia. Ou melhor: pantomima. E observamos que, se os meninos virem seus companheiros fantasiados, com bigodes e barba, num palco, não lhes darão tanta atenção e valor como com os bonecos falando. Não vendo os empregados por traz dos bastidores articulando os cordeis finíssimos e falando, dentro da sua ingenuidade dão grande importancia ao espetáculo; e a ignorancia provoca uma alegria difficil de ser medida e compreendida pelo adulto. Se lhes explicarmos o mecanismo que está oculto, pouco acreditarão e farão deduções tais que nosso espírito experimentado e analítico se perde em conjecturas nem sempre verdadeiras.

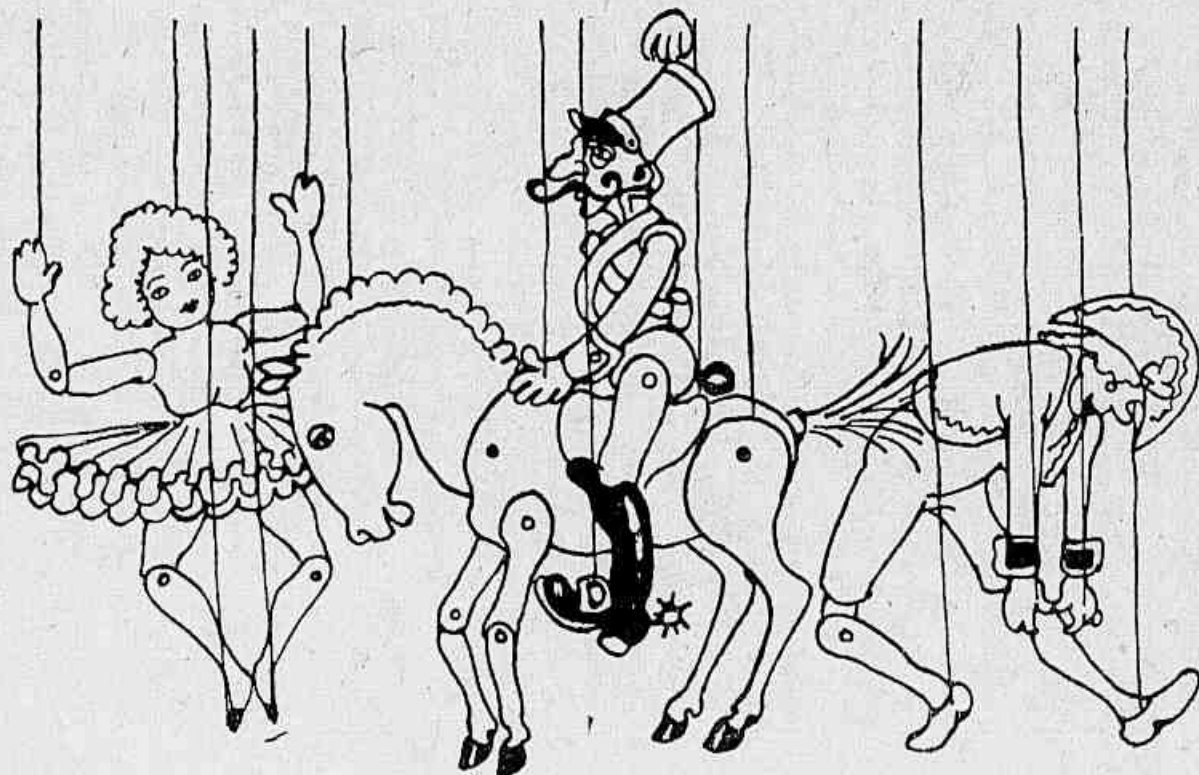
Temos assistido a todas as funções de bonecos de cordeis com cenários numa simplicidade adoravel. O repertório é pequeno e os personagens quasi não variam. Elbinha só com três anos, já toma partido gostando do negrinho, mas não lhe agradando a mulherzinha de voz fanhosa e laço rubro no vestido e cabelo. Póde ser da voz ou da falta de gosto no trajar, o caso é que a garota não gosta da unica personagem feminina.

De nossa parte não ocultamos em admirar os trabalhadores ocultos. Põe na boca dos títeres um fraseado cheio de giria; trejeitos de voz, ora fanhosa ora rouca, de tom grosso como um português ou pastoso e descansada do negro. Rir, procurar sempre rir num riso que contamina, com histerismo, riso zombeteiro, sarcástico, muita habilidade nem sempre facil.

Existem duas escolas de Guignol: fantoches suspensos por fios e bonecos mexidos com a mão. A da pracinha é dos títeres movidos por fios quasi invisiveis seguros por atores num «passarele» mostrando a modestia dos homens dos bastidores. A criança tem máxima alegria porque vê o movimento livre dos bonecos como se ninguém os governasse. É um encanto.

Com superioridade também rimos das crianças sem notarmos que a vida é toda assim e agora saíu um livro de Thiessen para mais positivar. Os outros bonecos articulados...

E a alegria da garotada é também explicada por ser a idade em que a menina gostando de ter boneco ao colo, no mais puro idílio maternal, vai encontra-lo falando, e ainda mais movimentando-se.



Os enredos mesmo simples provocam muitas deduções e sugestões.

Se o moleque dá na patroa uma bruta cabeçada, isto é o ponto mais gozado da peça e pode ser repetido, porque todas as crianças acharam imensa graça, pois a cabeçada na barriga é espetáculo que pode acontecer fóra do teatro. Acho que os meninos não devem pensar assim porque isto não deve ser feito, mas acredito e devo lembrar que com os meus cinco anos qualquer cena de cabeçada na barriga era ótimo divertimento.

Noutra historia vejo o dono da casa mandar o moleque comprar um bilhete de loteria. Está aí uma coisa contraproducente para as crianças, porque o bilhete sai premiado e levam os pedagogos a pregar que não devemos ensinar contos de fadas aos filhinhos. Graças a Deus, Elba, com três anos, ainda não sabe o que é a fortuna, mas fica apreciando os bonecos que acabam todos se engalfinhando porque

a historia falou em dinheiro e tinha que acabar em briga feia.

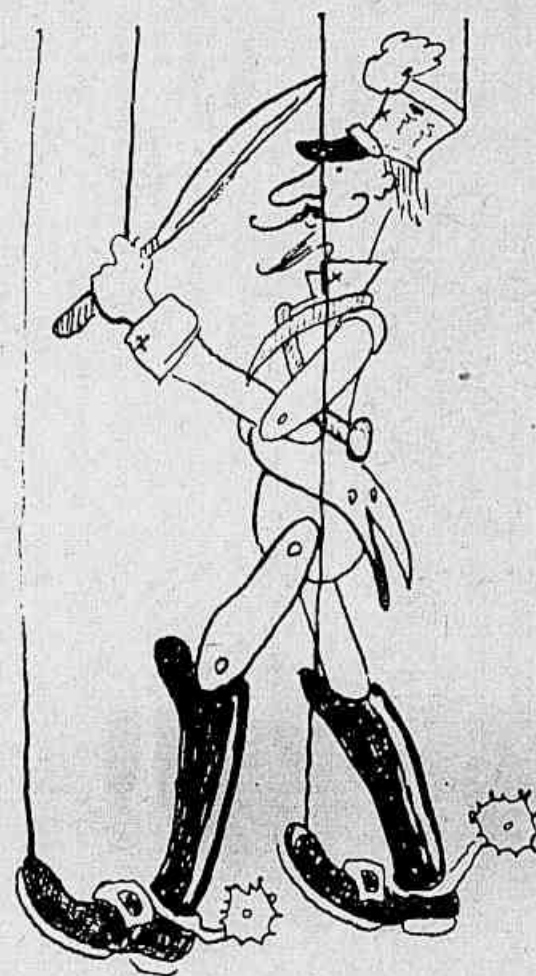
Quando o pano desce, levanto-me para sair. Elba segue-me contente porque viu o teatro que esperou a semana inteira. Quasi sempre não se contenta com uma só peça; ficamos sentados e esperamos outra vez o pano levantar para outra historia de esperteza e ladino acabar em pancadaria, que é a forma de terminar historias onde ha bonecos seguros por cordeis. Mas só nos bonecos articulados é que acaba em pancadaria?



Também noto que nas historias apresentadas nenhuma fala em amor.

Esta observação vem mostrar como estamos mal educados com o cinema que quer em todas as teclas o **I love you**... No guignol da pracinha ninguém ama, ninguém namora, não se fala em amor. No próprio cinema falsamente infantil quasi todas as fitas têm o «mocinho» ou meninote que namora e vai casar. No guignol não ha historias de amor!

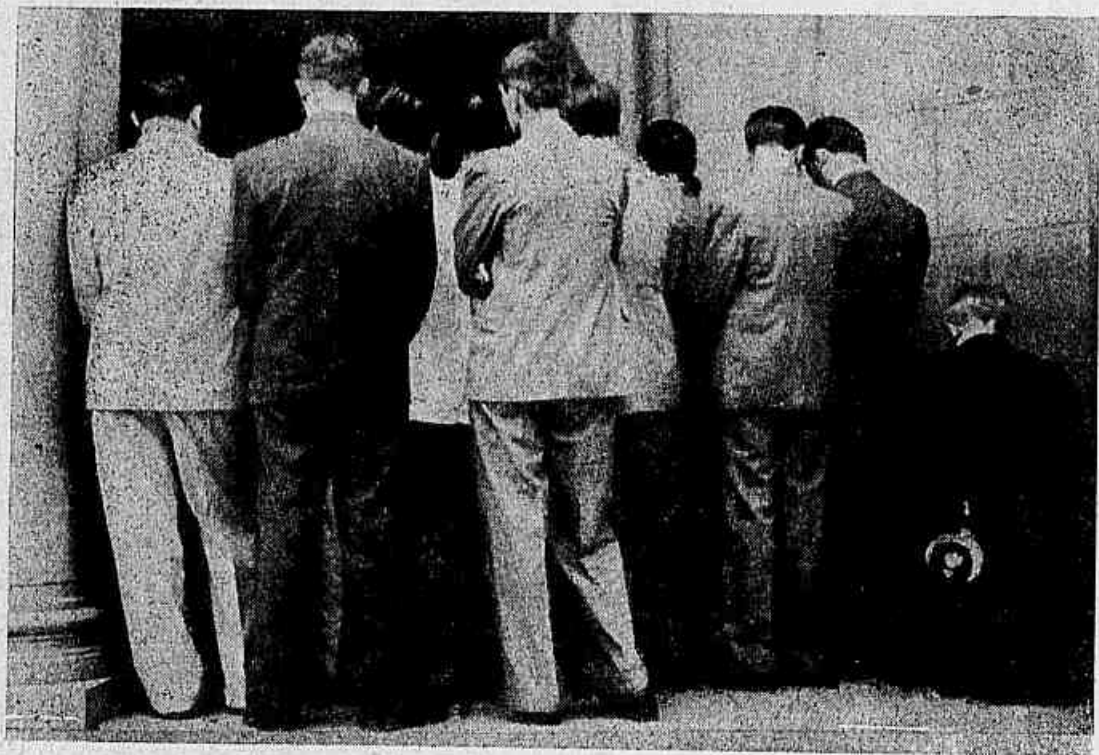
O que aparece sempre é muita briga. E nisto talvez reside o sucesso dos atos perante a gurisada. Porque a tendencia da criança é para armar uma briga e bater. O ato de virarem cadeiras e mesas é que provoca mais alegria. Para os guris uma mesa ou cadeira de perna para o ar é sempre sucesso garantido. Ora no teatro



verdadeiro, a historia gira em torno de diálogos mais ou menos cômicos, mas os objetos ficam quietinhos nos seus lugares. Daí o fracasso. A petizada quer é alguma coisa virada pelo avesso. Nisto não estamos de acordo porque somos grandes e hipocritamente arrumados, mas no fundo, se pudessemos, quantas cadeiras quebraríamos como fazem mais detalhada e abertamente os que declaram guerras?

Para um ato teatral o enredo como a intriga é muito leve, porque, na verdade, a platéia mirim, mesmo sem dar muita importancia á historia, gosta é dos bonequinhos andando sozinhos...

Se no cinema só existe o **happy end** e o «mocinho casa e é o «bem» da fabula, ali, no teatrinho João Minhoca, é tudo quanto ha de mais chocante porque acabam os bonecos numa luta tremenda bailoiçando, todos grudados sem que se saiba quem vencerá na luta, porque o pano desce rapido. A criança fica sabendo, que, no teatro, como na vida, isto é com os vizinhos, a historia acaba em pancadaria. Quanto a mim fico raciocinando sobre a veracidade teatral e a mentira cinematográfica, e vendo que o mundo é mesmo composto de duas partes bem diferentes.



SÃO PAULO, como o Brasil todo, demonstra inequivocamente a religiosidade do seu povo. Os lindos templos da Capital Bandeirante congregam aos domingos, por ocasião dos ofícios religiosos, multidões. E' a fé que transborda, numa exuberancia magnifica, da alma da gente de São Paulo, a cidade ciclópica que se está preparando para a próxima reunião do Congresso Eucarístico.

A religiosidade demonstrada quotidianamente é um indice claro do que irá ser em majestade, a formidável assembléia católica cujos atos preparatorios se vêm processando auspiciosamente.

Os instantaneos que ornarn estas paginas são insofismáveis depoimentos da fé religiosa da nossa gente. A nossa objetiva, que bem poderia surpreender flagrantes semelhantes em todas as igrejas de São Paulo, limitou-se, porem, á Basílica de São Bento e á Igreja da Consolação.



DE SÃO PAULO

INSTITUTO ROENTGEN

Radioterapia superficial e profunda

DRS. ALVARO FORTES-FERNANDO AZZI.

Rua Barão de Itapetininga, 139
Salas 10, 11, 12 e 14 -- Tel. 4-0394

— SÃO PAULO —



Quando fôr a São Paulo

... não deixe V.S. de incluir em seu programma de passeios ou digressões uma visita aos

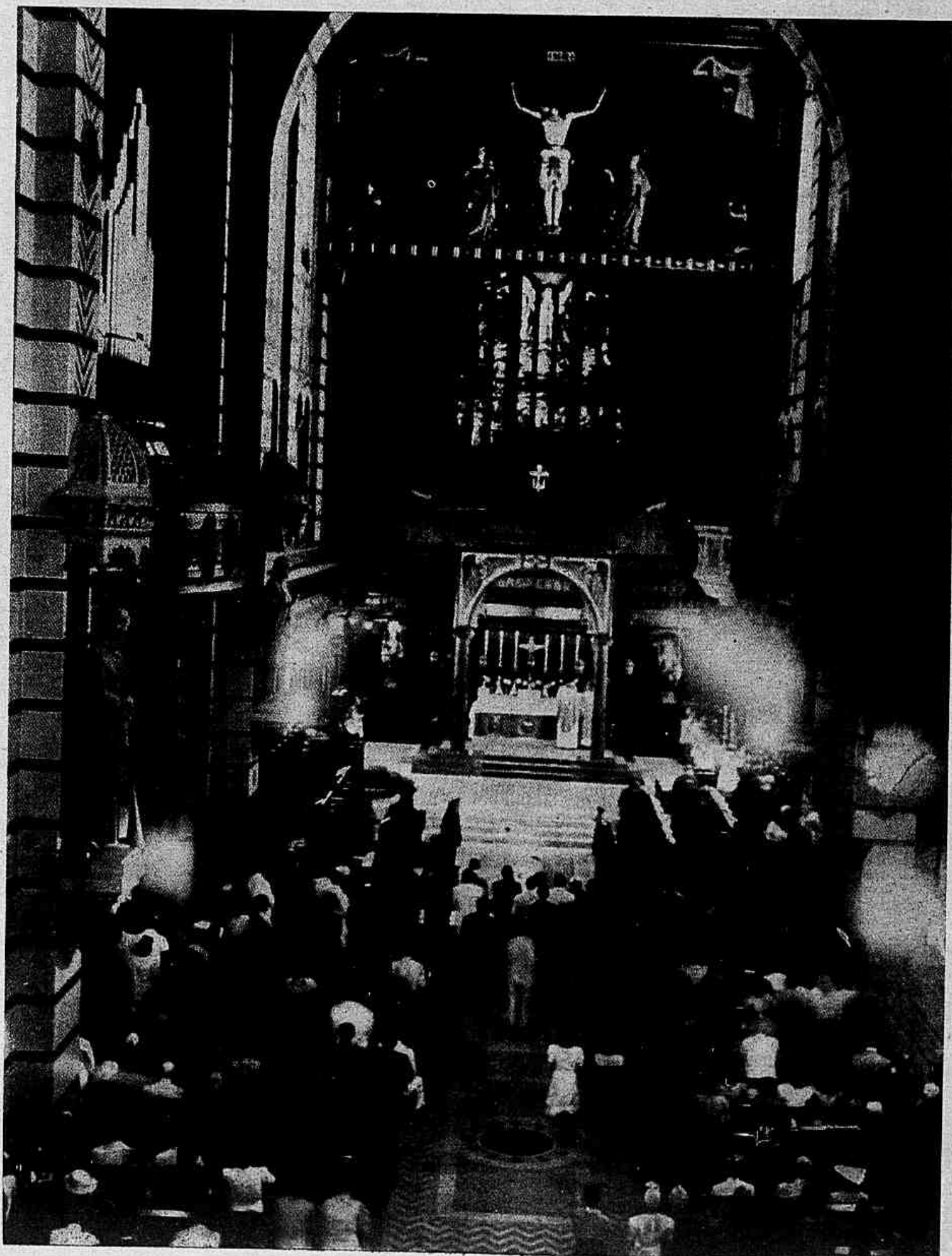
Maiores Estabelecimentos de Modas do Brasil

★

• Restaurante • Salão de Chá • American Bar (4a. sobreloja)

CASA ANGLO BRASILEIRA

Successora de **MAPPIN STORES**
D. RAMOS DE AZEVEDO - S. PAULO



Homenagem ao marechal Esperidião Rosas



A mesa que presidiu aos trabalhos da sessão solene, notando-se em torno ex-alunos do Colégio Militar atualmente exercendo cargos de relevo na vida publica paulista.



O dr. Sales Pacheco, delegado de policia da capital de S. Paulo e ex-aluno do Colégio Militar, saudando os seus antigos colegas na memoravel reunião.



O retrato a oleo do insigne educador Marechal Esperidião Rosas, inaugurado no Centro Cívico Major Sucupira, com a presença de seus ex-discipulos, no Colégio Militar, residentes em São Paulo.



O major Paulo Rosas Pinto Pessoa, comandante do 2.º Grupo de Artilharia de Dorso, agradecendo as homenagens em nome do homenageado.

Aniversarios

28 a senhora Custodio Martins, a escritora Beatriz Delgado, as senhoritas Neuza Rego Pinto e Helena de Carvalho; os drs. Aprígio do Rego Lopes, Pericles Machado de Castro, Sebastião Guaraci Amarante e Vilobaldo Campos.

29 as sras. Julia Rabelo Passos e Georgino Avelino; a senhora Walderith Barroso; o major Napoleão de Alencastro Guimarães, diretor da E. F. C. Brasil; os sr. Armando Rodrigues e Luiz Fernandes Lopes.

30 as sras. Eloisa Teixeira Duarte e Martins Costa; a escultora Lucia Benedetti; as senhoritas Beatriz de Brito Leitão e Hilda Autran; o dr. Roberto Gonçalves Lima; o sr. José Moraes de Carvalho.

31 as sras. Balbina Trávassos de Faria, Clelia Buarque e Hilda Campo; as senhoritas Jurandir Cardoso e Déa Smith de Vasconcelos; o desembargador Saboia Lima; o general Silio Portela; os sr. João Luiz Pereira e Manoel Ribeiro Guimarães; o menino Roberto Henriques Delforges.

1 as sras. Maria Vitoria da Costa Correia e Lucila do Nascimento; as senhoritas Zina Joviano e Noemia Paiva; o ministro Joaquim Eulálio; o general Toledo Bordini; o almirante Gustavo Coelho.

2 a sra. Ana Hungria; as senhoritas Joia Machado Drummond, Lidia Tomassi e Edith Zagari Leite; o sr. D. Aquino Corrêa, arcebispo de Cuiabá, da Academia Brasileira; o menino Mario Amaral Junior.

3 a senhora Zelia Autran; os drs. Carlos Ferreira de Almeida, Francisco Sá Filho, e Faustino Furquim

Werneck; o professor A. Cardoso Fontes; o sr. Moacir Freitas.

CASAMENTOS

— a senhora Laura Walker Viana e o dr. Joaquim Cerqueira Montebello.

INSTITUTO BRASILEIRO DA HISTORIA DA ARTE

Essa conhecida associação de estudos promove para domingo, 5 de Abril, uma excursão aos studios em que Carmen Santos está ultimando o filme *Inconfidência Mineira*. Serão projetados trechos dessa película e apreciados o cenário, a indumentária, as alfaias e o mobiliario do século XVIII mineiro, utilizados no filme.

A nossa capa

A nossa capa, reprodução de soberba fotografia de Arnaldo Vieira, está definida na propria legenda que a acompanha.

O artista soube colher da altura, de um ponto magnífico, uma formidável visão de uma parcela do Rio moderno,



apertada entre as aguas da lagôa Rodrigo de Freitas e as do mar alto, proporcionando-nos um curioso aspecto da cidade e da natureza que a enfeita.

E o contraste do outeiro próximo e das serras distantes?

Faz-nos evocar o nosso José de Alencar, a "Iacema", e pensar na "serra que ainda azulava no horizonte"...

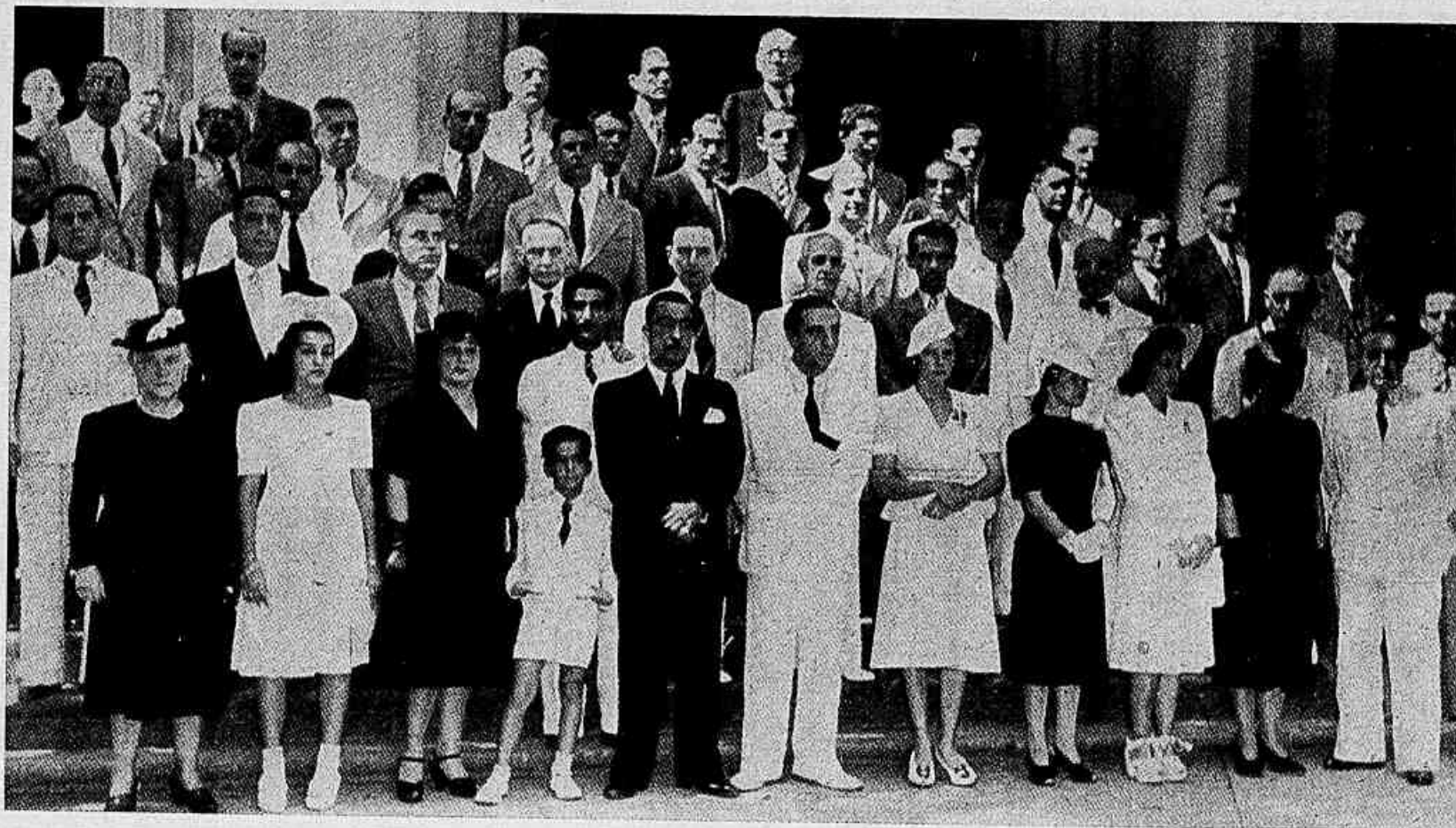
O quadro é bem brasileiro, é bem carioca, da terra onde há sempre ao lado da beleza criada pela mão do homem a beleza ainda maior criada pela mão de Deus.



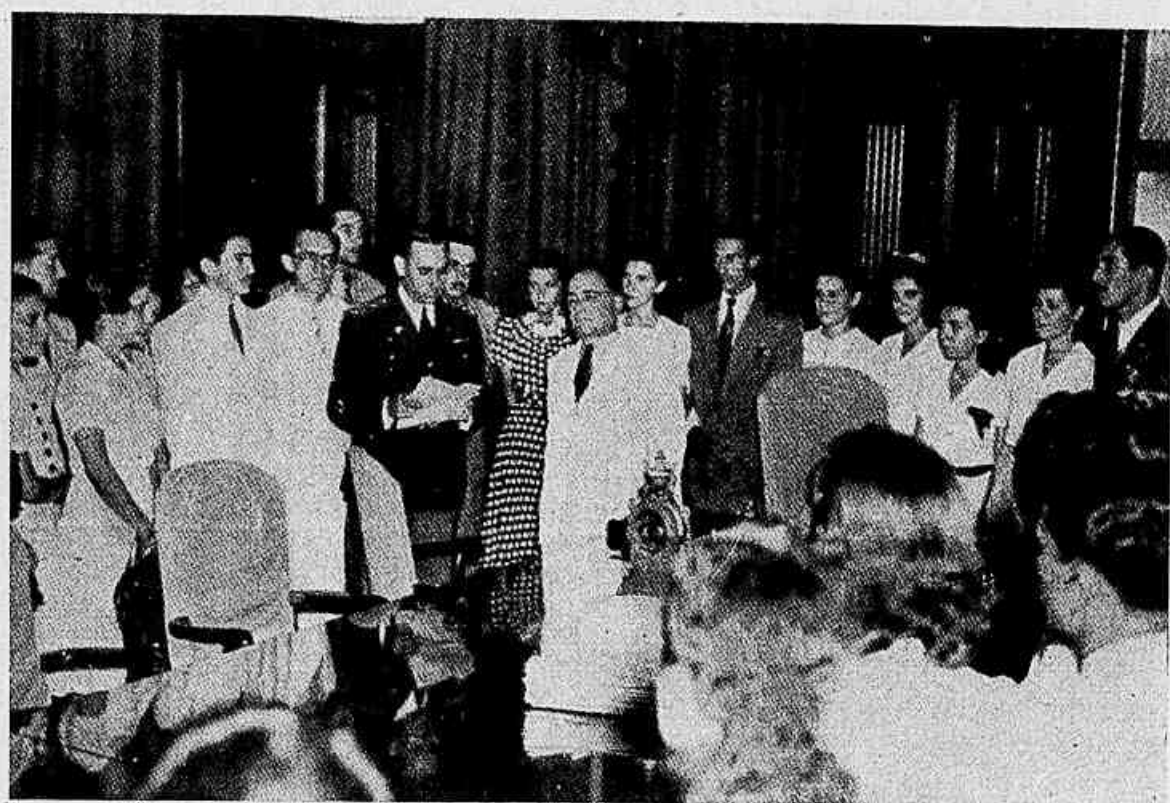
CONFERENCIA DO JUIZ RIBAS CARNEIRO NA ASSOCIAÇÃO COMERCIAL DO RIO DE JANEIRO — Flagrante apanhado no Gabinete da Presidencia. Da esquerda para a direita, sentados: o dr. Randolpho Chagas, dr. Ribas Carneiro, dr. Rodrigo Otavio Filho, presidente em exercicio, e o dr. Gudesteu Pires, presidente da Associação Bancaria.

FIGURAS E FATOS

A' memoria de Francisco Serrador



Grupo tomado á porta da igreja de S. Francisco de Paula, após a missa de 1.º aniversario mandada celebrar em homenagem á memoria de Francisco Serrador. A' direita reproduzimos a placa que foi recolocada no Edifício Serrador oferecida pela «Associação Cinematografica de Produtores Brasileiros».



NO PALACIO RIO NEGRO — Um grupo de professores de educação física, com atividades nos Estados e na Escola Nacional de Educação Física, esteve no Palacio Rio Negro, em visita ao sr. Getulio Vargas. Os professores foram apresentados ao chefe do Governo pelo major Inacio Rolim, diretor da E. N. E. F.



ARNO KONDER — No cemiterio de S. João Batista. Monsenhor Benedito Marinho encomendando os despojos do diplomata Arno Konder, falecido nos Estados Unidos, cujo corpo foi trasladado para esta capital.

"Provendas" suas novas e luxuosas instalações

O comercio deixou de ser há muito um jogo ambicioso de transações, para se transformar em uma arte, e arte bem difficil de realizar, na qual a psicologia entra como fator essencial.

Saber sugestionar a clientela, arranjar os artigos com bom-gosto, e tratar o público com o devido cavalheirismo, eis aí alguns detalhes que nem todos tem o dom de conhecer.

Em PROVENDAS, existe tudo isso: apuro e requintamento, distinção e polidez. Tivemos oportunidade de admirar as suas novas e luxuosas instalações, á rua da Assembléia, n.º 39, e a impressão que trouxemos de lá foi inesquecível.

As luzes, os balcões, a propria simpatia irresistível do ambiente atraem os que passam. Essa casa é, no gênero, o estabelecimento mais elegante do Rio.

Em material de radio, eletricidade, geladeiras e bijuterias ligadas a esses dois grandes ramos da técnica e do progresso modernos, tudo ali se encontra, do melhor, mais distinto e delicado. A gente de bom-gosto da Cidade Maravilhosa está de parabéns!

"Provendas" (Empresa Promotora de Vendas), com a sua nova e modernissima instalação, dotou o comercio carioca com um modelar estabelecimento comercial digno das capitais mais adiantadas do mundo.

Na direção do estabelecimento encontram-se nomes de remarcado prestigio nos meios comerciais, tais como: Lafaiete Gomes Ribeiro, diretor-presidente; José Carlos Ribeiro, diretor-gerente; Antonio Moreira, socio-gerente, e Ligia Gomes Ribeiro, Decio Pimenta de Melo e Luiz Genesio Gomes, socios.



Flagrante obtido pela nossa objetiva por ocasião da inauguração das novas instalações da "Provendas".



Orson Welles em companhia de Edmar Morel e Fernando Pinto, este presidente do "Jangada Club", na praia de Iracema.

ORSON

Sua viagem ao

Após uma excursão pelo Norte brasileiro, onde colheu material abundante sobre os nossos jangadeiros, regressou ao Rio o cinematografista americano Orson Welles.

À primeira vista Welles, com seu aspecto de gigante-menino, seu riso aberto e maneiras descuidadas, afigura-se nos pueril e absolutamente em antítese com a obra séria cuja autoria se lhe tem atribuído. Mas, à primeira oportunidade, o espírito fino desse homem de vasta cultura se põe todo a descoberto em uma simples observação, ou numa resposta desconcertante dosada do melhor humor.

Dentro do cinema americano, Orson Welles é um caso especial. É um inovador, e um inovador que pode materializar os seus sonhos. Cultura essencialmente moderna, imaginação arrojada e espírito realizador, é possível que esse homem faça pelo cinema o que alguns predestinados fizeram por outras artes.

Até ao presente, o cinema americano tem sido, quase na absoluta totalidade, uma arte criada sob as exigências do gosto vulgar. A distância que existe entre o cinema e a ver-



Jacaré e seus companheiros trabalharam sob a câmara de Orson Welles. As jangadas constituirão o melhor short de seu grande film sobre a América, afirmou o ilustre cinematografista.

WELLES

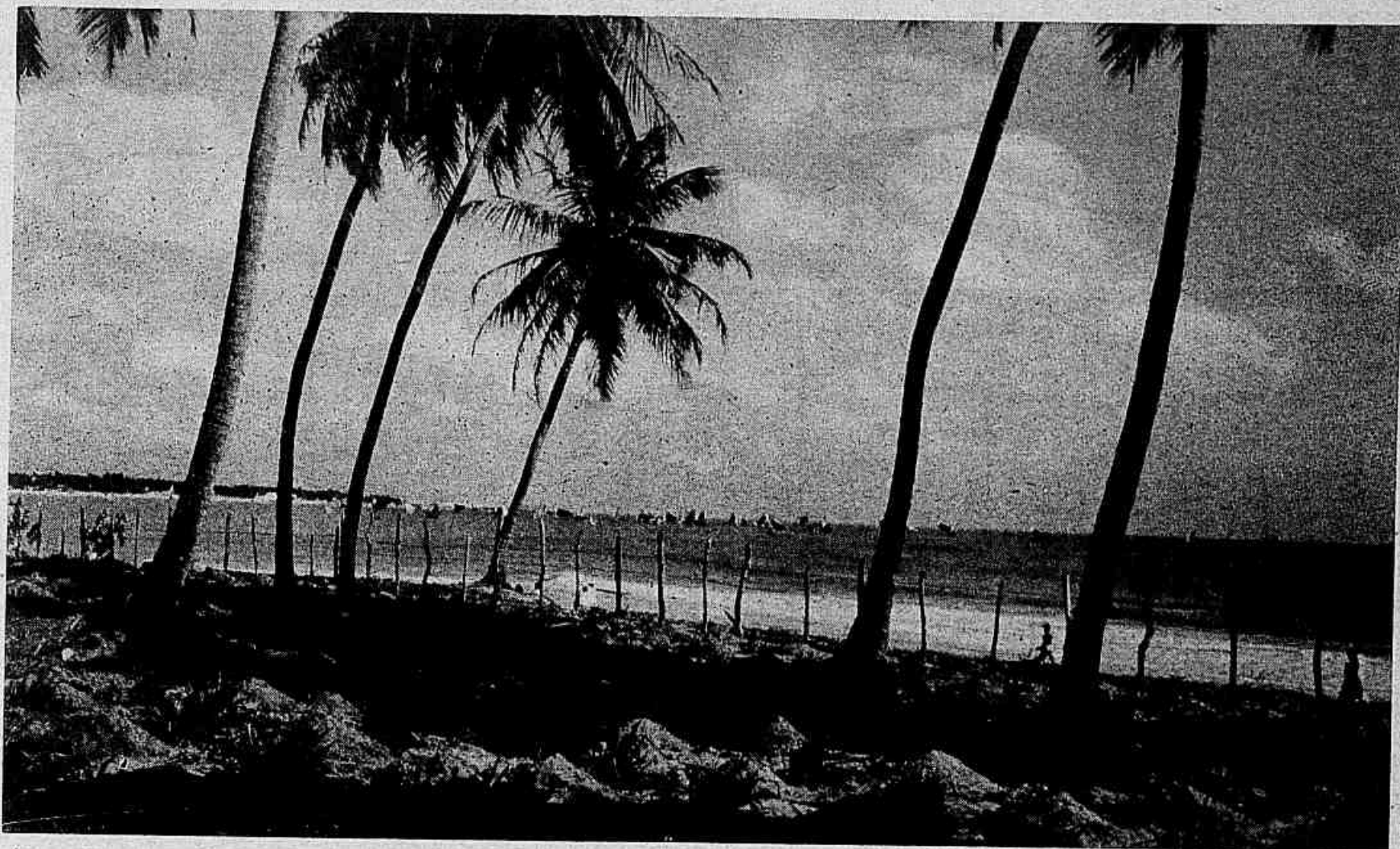
Norte do Brasil

dadeira arte é a mesma que se nota da obra de um artista que trabalha para realizar aquilo que vibra no seu íntimo e a do indivíduo que se improvisa em artista para suprir as exigências do mercado.

Orson Welles tem procurado imprimir um cunho pessoal à sua obra. Tem tentado realizar algo do que "lhe" parece bom.

Presentemente, acompanhado de duas dezenas de auxiliares e munido de completo aparelhamento, Orson viaja por toda a América à procura de matéria prima. Naturalmente ele não se satisfaz com as falsificações que são a especialidade dos homens de Hollywood. No Brasil filmou o que lhe pareceu realmente original no carnaval carioca e colheu material sobre os jangadeiros. Estes, segundo afirmou, impressionaram-no mais que qualquer outra coisa. São algo verdadeiramente desconhecido em todo o mundo.

E' possível que Orson Welles venha a ser um marco na história da arte cinematográfica. Em arte só há progresso quando há audácia. E as audácias de Mr. Welles são erguidas sobre uma magnífica base econômica...



Desfile de jangadas no Ceará, especialmente para ser fotografado pela câmera de Welles.



A chegada das jangadas, após o grande desfile, à praia de Iracema.



Várias homenagens foram prestadas ao ilustre artista pela sociedade carioca. Vemo-l o aqui no Museu Municipal de Belas Artes em palestra com a senhora Adalgisa Nery Fontes.



Orson Welles e seus companheiros de cinematografia foram recebidos pelo presidente da República. Apresentou-os a s. ex. o dr. Lourival Fontes, diretor geral do D. I. P.



O maior centro siderúrgico do Japão,

Da política de "Porta Aberta" à guerra do Pacífico

O memorial Tanaka e o plano japonês de dominação mundial

Por NICOLAS RIVERAS MACHADO

O S trágicos acontecimentos do primeiro domingo de Dezembro passado, em que os militaristas de Tóquio converteram a guerra que vinte-e-sete meses antes Hitler desencadeara na Europa em conflagração universal — ao atacar a aviação japonesa a base naval norte-americana de Pearl Harbour sem prévia declaração de guerra e enquanto os negociadores nipônicos Saburo Kuru e Nomura falavam de paz em Washington — atualizam a dramática história da intervenção dos Estados Unidos nos complicados problemas do Extremo Oriente desde que Matthew Perry, com grande regosijo do povo **yankee**, abriu os portos do Japão ao comércio mundial em 1853.

Ainda que em 1858 — cinco anos depois da visita de Perry ao Japão — o consul norte-americano Townsend Harris firmava o primeiro tratado comercial nipo-americano, os Estados Unidos descuraram os problemas do Extremo Oriente até 1899, data em que John Hay, secretário de Estado, formulou a doutrina da «porta aberta».

Os fundamentos desta conduta eram puramente comerciais e não abrigavam nenhum desígnio de dominação política. O que se pedia era igualdade de vantagens econômicas para os cidadãos **yankees**; nada de concessões territoriais para os Estados Unidos; a proteção da China e demais territórios pouco desenvolvidos da Ásia contra as ambições imperialistas das potências européias; a paz, a amizade e o comércio para todo o mundo.

Segundo disse o professor A. Whitney Griswold, catedrático da Universidade de Yale, em sua obra **A política dos Estados Unidos no Extremo Oriente**, naquela época os plutocratas do Partido Republicano, cheios de dinheiro, estavam interessadíssimos em fazer fortes inversões no norte da China e na Mandchúria. A diplomacia, sempre disposta a racionalizar os mitos econômicos, os idealismos e as ambições dos povos, criou a «porta aberta» e o dogma de integridade territorial e administrativa do país onde fossem feitas inversões.

A «porta aberta» foi, sem dúvida, inspirada no proverbial idealismo dos americanos, que coincidia no caso, por irônicas circunstâncias, com os objetivos maiores do capitalismo inversionista de Wall Street. John Hay, com sua política de «porta aberta», pretendia com uma só cajadada matar dois coelhos: pôr fim ao retalhamento da China e assegurar as inversões dos seus concidadãos.

A China, quando Hay formulou a sua doutrina, havia sofrido já a cobiça do capitalismo anglo-francês e do czarismo russo. O tratado anglo-chinês de Tientsin (1858), que pôz fim à infame guerra do Opio, obrigou os senhores feudais do Celeste Império a cederem à Inglaterra a ilha de Hong-Kong — conquistada agora pelos imperialistas de Tóquio após heroica resistência da guarnição — e permitirem o comércio europeu nos portos de Cantão, Amoy, Fuchou, Nampo e Shanghai. A França por sua vez havia declarado seu protetorado sobre a Cambodgia (Agosto de 1863) apoderando-se de todo o curso inferior do rio Mekong e da região de Annam. A Alemanha ocupou Kiao-chau em 1897. A Rússia por sua vez invadiu a região do Amur, e por último o Japão a ilha Formosa, conquista esta que seria ratificada



situado em Yawata na ilha Hyushu.

pelo tratado de Chafoo. O nascente imperialismo de Tóquio já nessa época dava mostra de seus métodos inescrupulosos violando a palavra empenhada em Chafoo, invadindo a península de Liao-tung, de onde foi expulso à força pela Rússia, França e Alemanha.

Estas invasões das potências imperialistas, como assinalámos, motivaram a declaração em 1899 da política de «porta aberta» por parte dos Estados Unidos. Não obstante, esse nobre esforço de John Hay chegou um pouco tarde e não pôde evitar que um ano depois surgisse na província de Shantung a rebelião dos **boxers**, que culminou em uma matança geral de europeus, japoneses e norte-americanos. O resultado dessa sublevação foi a ocupação de Pekim, a antiga capital do império mândchu, pelas grandes potências e a imposição à China de tratados mais onerosos ainda. Cada nação se reservou o direito de conservar forças armadas em determinadas cidades e Shanghai se dividiu em uma série de zonas submetidas aos caprichos de potências estrangeiras.

Apesar de que o Japão — tanto quanto as potências européias interessadas em assuntos do Extremo Oriente — viu na política de «porta aberta», na anexação das Filipinas e nos esforços da chamada diplomacia do dólar, que consistia em levar capital **yankee** à China e Mandchuria, os sintomas de uma atitude de franca competência com seu crescente imperialismo econômico e dominação militar, as relações de Tóquio e Washington continuaram a ser de franca cooperação.

Quando o Japão foi à guerra contra a Rússia em 1904, o governo e o povo dos Estados Unidos simpatizaram com o Mikado. O Tratado de Portsmouth, que pôz fim ao conflito russo-japonês e foi tão vantajoso para Toquio, fôra elaborado por Teodoro Roosevelt, então presidente dos Estados Unidos.

Em termos gerais podemos dizer que as relações nipo-americanas até à agressão à Mandchuria (1931) foram boas. Não obstante, as iníquas vinte-e-uma exigências que o Japão fez à China em 1915, durante a guerra européia, e as leis discriminatórias que o congresso norte-americano aprovou contra a imigração nipônica em 1924, traduziram-se em certa tensão entre as duas nações. Mas, com exceção das crises temporárias ocasionadas pelos dois fatos, Toquio e Washington mantiveram pacíficas e amistosas relações. Não só os inversionistas americanos, como disse Thomas W. Lamont, ajudaram o Ashai no desenvolvimento de seus serviços públicos, mas o próprio povo **yankee**, como suce-leu quando do grande terremoto de 1923, manifestou sempre acentuada simpatia pela nação do sol nascente. A Cruz Vermelha norte-americana enviou em 1923 ao Japão uma contribuição de 10 milhões de dólares e o governo de Washington concedeu ao de Toquio importantes préstamos para reconstruir as cidades devastadas.

A 18 de Setembro de 1931, data em que se inicia a invasão da Mandchuria e com ela a derrocada de todo o regime de direito internacional, pois o exemplo seria seguido pela Itália e pela Alemanha, começa a tensão nipo-americana que chegou ao climax na presente guerra do Pacífico.

Em 1933 Tóquio se retira da Sociedade das Nações e em 1935 denuncia o tratado naval de Washington, iniciando uma política de competência armamentista. Em 1936 firma com a Alemanha nazista o pacto anti-komintern com o intuito de atrair-se as simpatias das classes reacionárias do mundo inteiro e encobrir seus desígnios de dominação mundial. No famoso memorial Tanaka, que segundo afirmam os chineses foi apresentado ao Mikado em 25 de Julho de 1927 por seu então primeiro ministro, Barão Guchi Tanaka, a China figura com a Indochina, Austrália, Sibéria, Índias Holandêsas, Asia Central e Oriente Próximo como territórios propícios à expansão do Ashai para a conquista do mundo. Este plano foi legado aos japoneses, segundo Tanaka, pelo imperador Meiji, e seu êxito «é essencial à existência» do império de Hirohito.

Em 1937, as condições gerais do mundo, segundo a casta militar de Tóquio, eram propícias a realizações dos ambiciosos projetos do imperador Meiji. Os dramáticos acontecimentos da Renania, da Etiópia e Espanha criavam o momento apropriado à impunidade; iniciava-se a gigantesca campanha do **eixo** contra o **Soviet**; a China, dividida entre brancos e vermelhos, não poderia opor resistência à invasão, e as potências ocidentais, com os graves problemas da Europa, se descuidariam da Asia.

Considerando que o momento supremo havia chegado, as tropas japonesas criaram o incidente da Ponte Marco Polo (7 de Julho de 1937) e iniciaram a guerra contra a China. No transcurso do conflito, o Japão se apoderou de pontos estratégicos no território da China e da Indochina, os quais foram utilizados na conquista das Filipinas, Hong-Kong e outras posições das potências democráticas na Asia Oriental.

A grave situação em que se encontram as Nações Unidas — como denominou o presidente Roosevelt a coalisão de nações que lutam por salvar o mundo dos desígnios escravagistas do sinistro triângulo Berlim—Roma—Tóquio — se deve à monstruosa política de «apaziguamento», da qual Chamberlain, Daladier e alguns outros foram corifeus. Londres fô durante um ano bombardeada porque se deixou tomar Addis-Abeba — já resgatada pelos britânicos; Paris está submetida à escravidão porque se entregou Madrid; conquistou-se o arquipélago filipino porque se deixou que os japoneses ocupassem a Mandchuria e a Indochina.

Felizmente, o «apaziguamento» morreu e o mundo democrático está empenhado em reparar os erros do passado. E não cessará a luta até à queda dos tiranos que provocaram esta terrível conflagração.

Douglas Mac Arthur



Mesmo em uma guerra como esta, em que vitórias parciais pouco significam e a capacidade de sobrepor-se aos reveses é o mais lídimo sintoma de fortaleza, uma série de contratempos — tal a suportada pelos aliados no Extremo Oriente — não deixa de repercutir fundamentalmente nas almas que anseiam pelo retorno à paz e à luz.

A designação do general Douglas Mac Arthur para o comando supremo das forças destinadas à batalha da Austrália, feita após o colapso de Singapura e a mal sucedida defesa de Java, provocou uma espécie de desabafo em milhões de corações por todos os quadrantes da Terra. Não se trata de uma vitória militar, nem de uma ofensiva desfechada contra pontos vitais do inimigo. Mas a figura simpática do bravo defensor das Filipinas e suas palavras positivas sobre o que se pode e o que se deve fazer na nova fase da luta concorreram para devolver as coisas aos seus verdadeiros lugares.

Em face das afirmações sinceras desse homem, a ameaça dos amarelos deixa de ser algo misterioso e irresistível para se tornar um mal debelável. Até ao presente momento, afora as afirmações bastante francas feitas por Churchill perante os Comuns logo no início da guerra no Pacífico, ninguém de autoridade se atrevera a afirmar esta coisa tão simples quão verdadeira: sem armas não se pode lutar. Ora os aliados veem lutando em absoluta inferioridade de armas com as hostes japonesas. E os homens do povo, que são mal informados pela imprensa fantasista, não podem deixar de surpreender-se com a queda das fortalezas, ditas inexpugnáveis, em mãos do inimigo.

Mac Arthur parece disposto a lidar com fatos, a afastar os sofismas e a não iludir a opinião pública, com o que lhe poupará surpresas funestas. A Austrália tem possibilidades de se defender. No entanto, só se levará a bom termo essa defesa, si para lá forem enviadas forças à altura das disponibilidades nipônicas.

Douglas Mac Arthur tornou-se conhecido em todo o mundo, nestes últimos meses, como um militar de fibra de herói. Lutando contra exércitos varias vezes superiores, sem apoio no mar e com uma aviação reduzida, esse velho que fôra reformado há meia dúzia de anos conseguiu, contra todas as expectativas, manter as suas linhas e rechassar todas as investidas inimigas para alijá-lo de uma pequena faixa de terra. Como um leão acuado, Mac Arthur vez por outra reunia suas forças e desfechava um golpe de mestre em algum ponto vulnerável do inimigo. Em um desses momentos, atirou os seus restantes aviões contra um comboio nipônico, mandando para o fundo das águas algumas dezenas de milhares de toneladas inimigas, com respectiva carga de homens e material bélico.

Neste momento o agora famoso marechal de campo das Filipinas tem sobre os ombros seríssimas responsabilidades. Cabe-lhe dirigir as forças aliadas na batalha que decidirá o domínio do Pacífico Centro-meridional e Oceano Índico, inclusive todo o continente da Oceania, que se compreende nessas águas. Os dez milhões de indivíduos que constituem a laboriosa nação australiana confiam em que o seu futuro será assegurado pelos homens que Mac Arthur dirige, e o velho general americano conhece a responsabilidade que essa confiança significa.



Seu pai, general Arthur Mac Arthur, também chefiou as forças armadas das Filipinas.



Sua mãe, fotografada com um retrato do filho nas mãos. Morreu em 1935 aos 82 anos de idade.



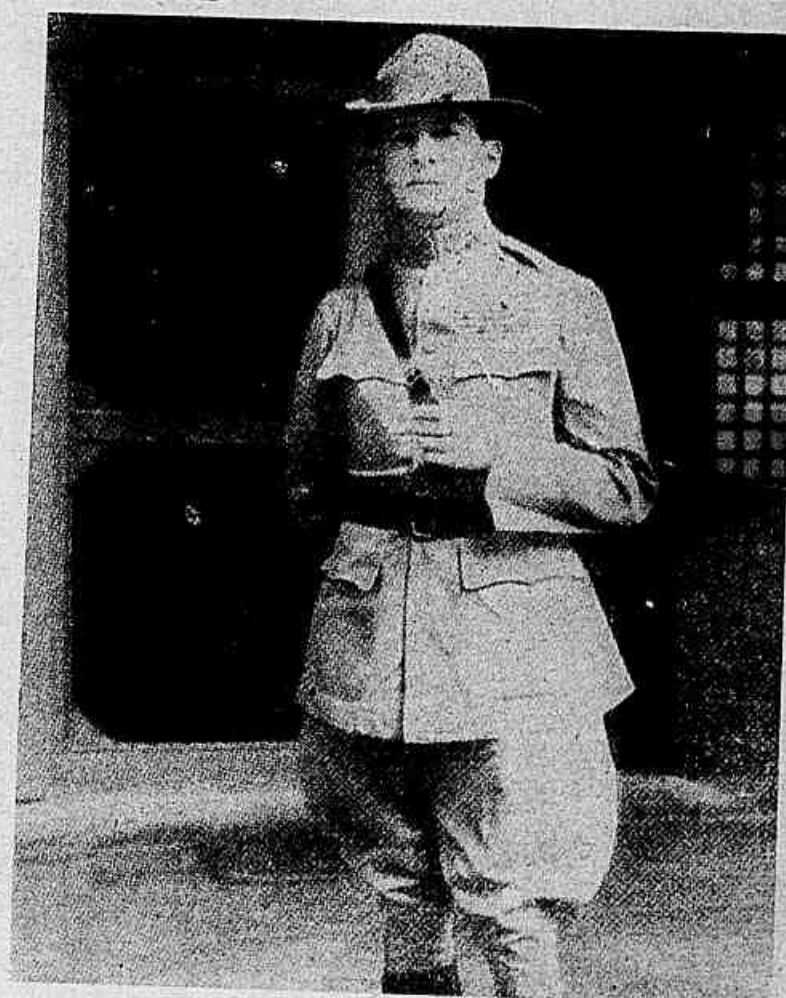
Em West Point, em 1903, foi graduado com o mais alto título concedido em 25 anos. Também fez parte do time de baseball.



Na Grande Guerra ele lutou nos campos de França. Em 1918 se tornou comandante da 42.ª divisão.



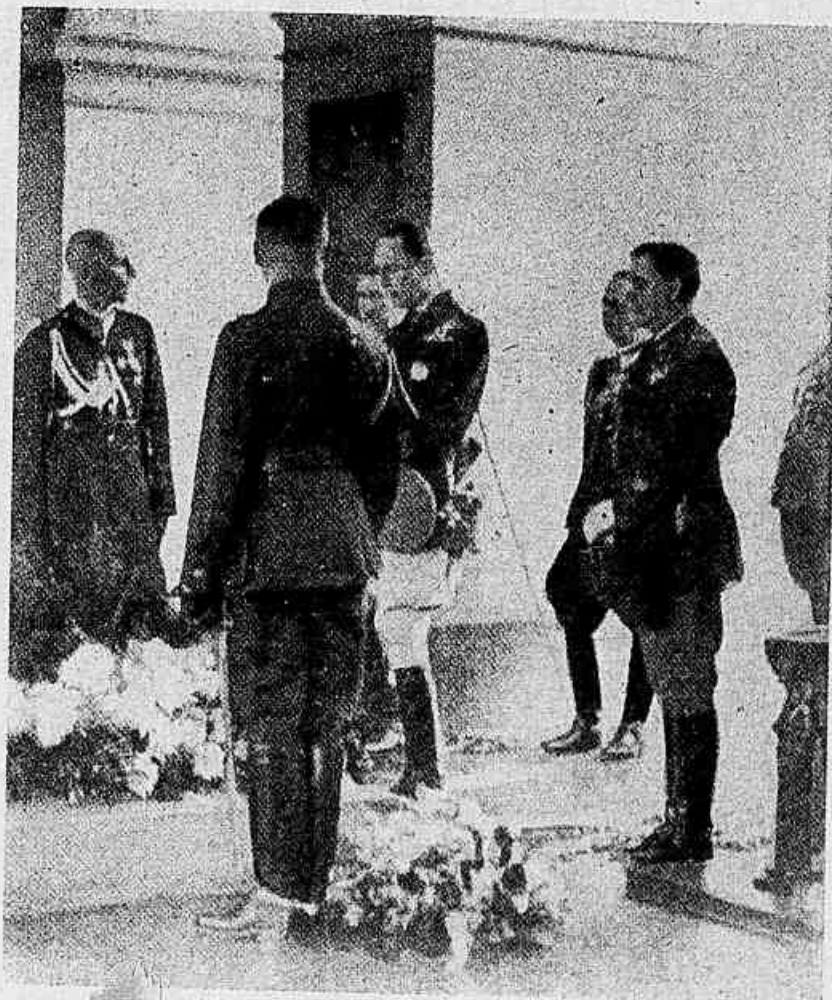
Como o mais jovem superintendente de West Point em toda a história dessa academia, Mac Arthur foi visitado pelo Príncipe de Gales, em 1920.



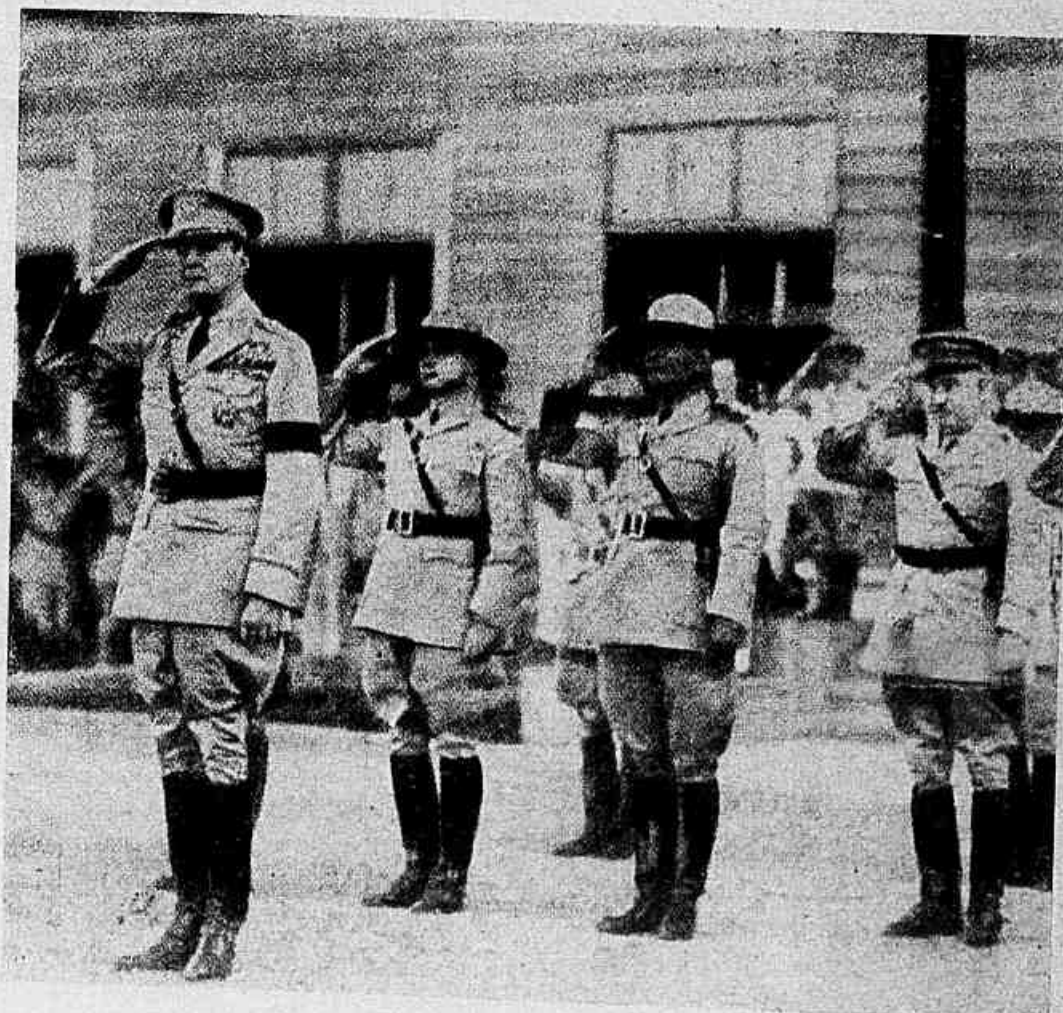
Viajou para as Filipinas, pela segunda vez, em 1925, quando, como seu pai, foi designado comandante da Divisão Filipina.



Ele foi beijado por Maginot, o construtor da famosa linha em uma cerimônia na França (1931)



Visitou a Europa em 1931 como Chefe do Estado Maior do Exército Americano. Vemo-lo aqui em frente ao túmulo do soldado desconhecido da Polônia.



Designado Marechal de Campo do Exército Filipino, seu trabalho consistiu em modernizar e desenvolver as forças nativas. A gravura mostra-o em uma cerimônia militar em Manila.



RITA

O ROMANCE

No dicionário de Hollywood, o nome de Rita Hayworth é hoje sinônimo de "graça, elegância, sex-appeal e beleza de escandalosa perfeição". Bela entre as belas, Rita é a atriz da moda, a menina mimada dos magos da cinematografia... E, como si isto fôra pouco, esta irresistível pequena é também a mais versátil entre as artistas jovens de hoje.

Intérprete de valor autêntico, tanto no gênero dramático como no cômico, e bailarina por excelência, Rita, depois de seu ruidoso êxito em "Sangue e Areia" e "Ao compasso do Amor" (esta última ao lado do genial Astaire), é, indiscutivelmente, estrela de fulgor próprio, consagrada já, merecedora de todos os aplausos.

Sim, esta maravilhosa Rita Hayworth de hoje é a mesma Rita Cansino de ontem, espanhola de pura água, filha de Eduardo Cansino, veterano da dança espanhola que trouxe um pedacinho de Espanha para dentro da América.

E seu triunfo não foi só chegar e vencer. Si Rita Hayworth saboreia hoje o nectar da glória, Rita Cansino experimentou as amarguras do fracasso e do esquecimento.

É um milagre de amor o que se oculta atrás do triunfo dessa jovem espanhola. Foi o amor quem lhe estendeu a mão, quando, desiludida, mortas as ambições, se convertera aos dezenove anos em mais uma que fôra esquecida pela cidade que sonhara conquistar. Depois de haver cumprido um contrato com a 20th Century-Fox, Rita havia descido a fazer películas do Oeste em estúdios de ínfima categoria. E isto em Hollywood, para uma artista que já foi contratada anteriormente por um grande estúdio, é a pior das humilhações... uma confissão pública de fracasso.

Naqueles dias Rita conheceu Edward C. Judson, o homem que mudou o curso de sua vida, seu marido hoje.

Mar, retrocedamos alguns anos; vejamos quem foi e como se formou a nova Rita Hayworth.

O nome de batismo de Rita é Carmen Margarita Cansino. Nasceu em Nova York onde, então, seus pais tinham uma Academia de Danças Espanholas. Quando Rita completou dez anos, a família se mudou para Hollywood, onde Cansino, homem providente e grande realista, percebia melhores oportunidades para o futuro de sua filha.

Aos quatorze anos a pequena fazia seu "début" como bailarina em um cine-teatro de Hollywood, o Carhay Circle. Apesar da pouca idade, Rita já era uma mocinha... morena de tipo nitidamente espanhol, aparentando bem mais idade do que tinha.

Dois anos mais tarde, Rita, dansando com seu pai em um café de Tijuana, no outro lado da fronteira mexicana, conheceu Winfield Sheehan, chefe supremo da então Companhia Fox. O sr. Sheehan, fervente admirador do bailado espanhol, ofereceu-

HAYWORTH

DE SUA VIDA ARTISTICA

lhe um vantajoso contrato, o qual Rita firmou sem grande entusiasmo, aconselhada pelo pai.

Fez seu "début" cinematográfico em "O Inferno de Dante", ao lado de Spencer Tracy. Desde o primeiro momento em que se viu diante da câmara, Rita sentiu nascer no fundo de sua alma essa emoção que tão bem soube descrever a exímia atriz norte-americana Katharine Cornell: "Quando a chama do desejo de ser atriz invade um coração, só se pode extinguir de uma maneira: sendo atriz".

Com o natural otimismo dos dezesseis anos, Rita acreditou ver a sua carreira e o seu futuro assegurados.

Mas, pouco depois, ao unirem-se as companhias 20th Century e Fox, o sr. Sheehan abandonou a empresa que passou às mãos de Darryl F. Zanuck. Este pouco depois chamava Rita e informava-a de que decidira terminar o seu contrato. Como motivo disse que seu tipo nitidamente latino tornava difícil o encontrar papeis adequados, e que, por outro lado, ela carecia de personalidade e "sex-appeal" que justificariam sua falta de experiência.

Esta franqueza cruel do grande produtor foi o primeiro capítulo da odisséia de Rita. Sofrendo a primeira decepção de sua vida, a jovem desenvolveu um complexo de inferioridade e certa timidez que lhe cerrou as portas dos grandes estúdios, onde a competência é tal que é imprescindível essa agressividade que os diretores interpretam como mostra de personalidade e talento. E assim passou Rita a trabalhar para "filmes" do Oeste.

Mas aqui interveio a mão do Destino. Edward Judson, homem mundano, cheio de dinheiro, gostava de passar as tardes em Hollywood em companhia de uma ou outra jovem artista. Em uma dessas visitas, seu habitual companheiro, alegando uma viagem, deculpou-se por não poder acompanhá-lo. No entanto, pôs em suas mãos vários números de telefones de amigas suas que provavelmente teriam prazer em vê-lo. Entre os nomes estava o de Rita Cansino, que o amigo apontou como sendo uma pequena muito caseira, que detestava a vida noturna de Hollywood e que deveria ser posta de lado. Por arte do acaso, no entanto, as outras pequenas estavam ocupadas naquela tarde e Judson, como último recurso, telefonou para Rita, que lhe respondeu dizendo não ter o costume de sair com estranhos...

as que o convidava com prazer a vir a sua casa conhecer os seus pais. Cheio de curiosidade ante tal procedimento, Judson foi visitá-la e, para surpresa sua, passou agradáveis momentos falando com os pais, o avô e o irmãozinho da moça.

No dia imediato Judson partiu e voltou aos seus afazeres, mas, nos dias que se seguiram, várias vezes se surpreendeu pensando na espanhola de olhos grandes e tristes. Não tardou muito a voltar a Hollywood, e desta vez já não pensou em

diversões vãs. Assim passaram a ver-se tão a miúdo quanto permitiam as ocupações de Judson, e Cupido pôde contar com mais uma vitória. Rita contou-lhe as suas ilusões perdidas, e Judson compreendeu o segredo que se escondia na tristeza daqueles olhos. Uma vez que a adorava, decidiu devolver-lhe a fé em si mesma e com ela a ambição de triunfar. Rita e Eddie se casaram e a nova felicidade apagou um tanto a lembrança do fracasso, mas Judson, homem inteligente, sabia que aquela lembrança seria a sombra que teria de centurbar sua felicidade futura. E decidiu fazer de sua mulher uma estrela.

Assim começou a metamorfose da senhora de Judson. A mocinha tímida, um tanto rotunda, de carinha redonda e amenizada, tinha de converter-se em "uma mulher interessante".

A massagista tratou de estilizar-lhe a silhueta...

Os professores de literatura, idiomas e dição se encarregaram de dar brilho à sua conversa.

E o técnico em "maquillage", o mestre de expressão dramática e o cabeleireiro (que cortou e fez ruivos os seus cabelos outrora negros) lhe devolveram o orgulho de mulher bela... bela como poucas.

Rita trabalhou e estudou intensamente até que se sentiu apta para dar o passo adiante... e chegou o dia em que seu esposo teria de apresentá-la ante os "grandes" de Hollywood.

E foi assim que, trajando uma criação de Paris tão atrevida quanto elegante, com a cabeleira sedosa e ruiva caindo suavemente até os ombros, Rita entrou majestosamente uma noite, pelo braço do seu marido, no "cabaret" de luxo onde costumavam reunir-se as notabilidades do cinema.

E fez-se o milagre. Howard Hawks, notável diretor, conheceu-a nessa noite, e ficou tão impressionado com a encantadora mulher que lhe ofereceu imediatamente um dos papeis principais na película que ia filmar, "Only Angels Have Wings". Nesta película, digamos de passagem, nasceu Rita Hayworth, pois, um tanto supersticiosa, Rita quis começar sua nova vida artística sob um novo nome.

Ao êxito alcançado por Rita nessa película, sucederam-se muitos outros, culminando em "Ao compasso do Amor", na qual divide as glórias com Fred Astaire. O seu triunfo dramático em "Sangue e Areia" (para o mesmo Zanuck que um dia a dispensara) tê-la aclamada pela crítica e pelo público. Em "Ao compasso do Amor" surge como a melhor parilha que já teve Fred Astaire, bailarino incomparável, sendo opinião unânime que superou a própria Ginger Rogers.

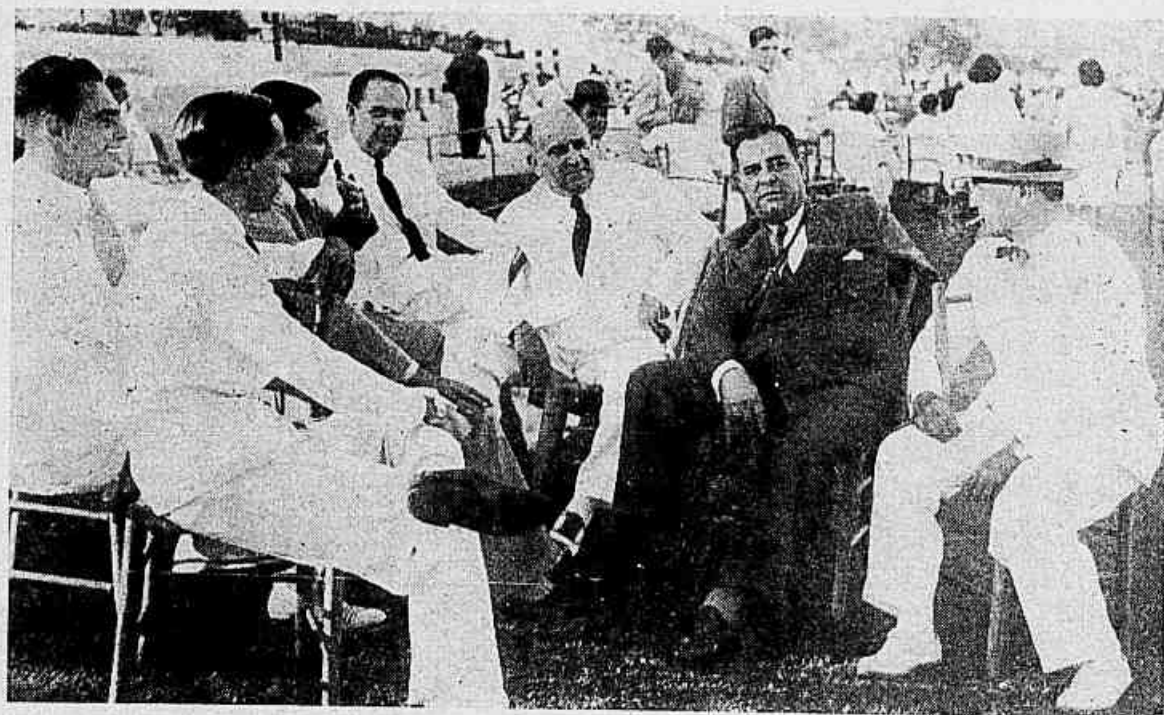
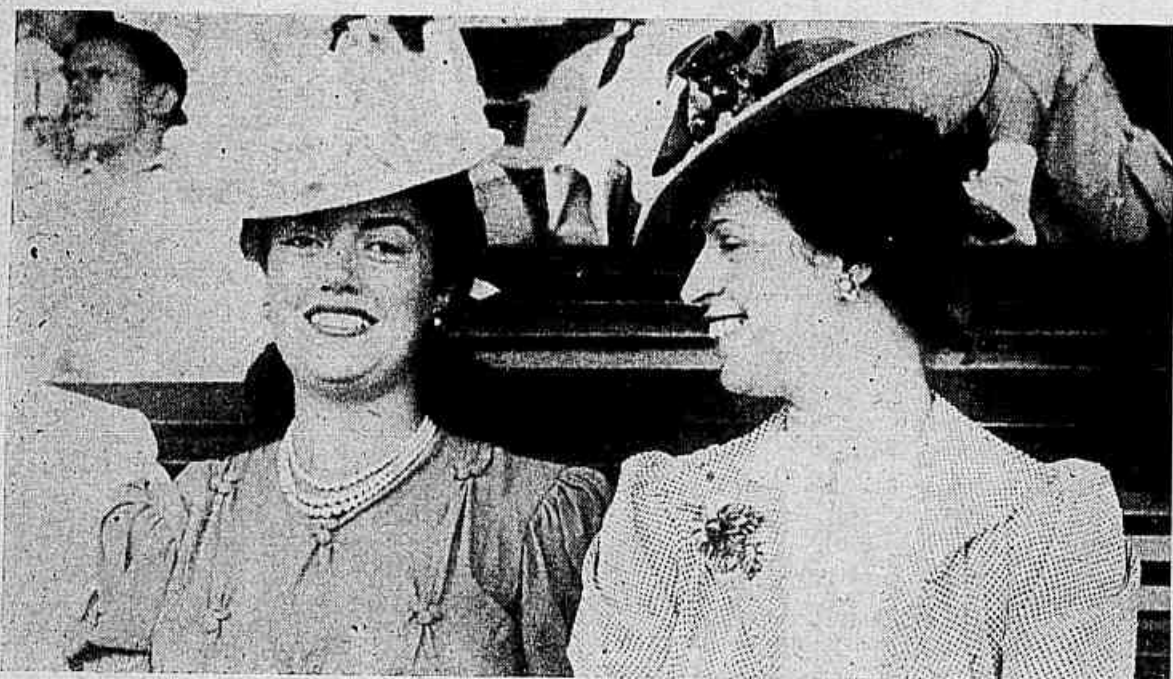
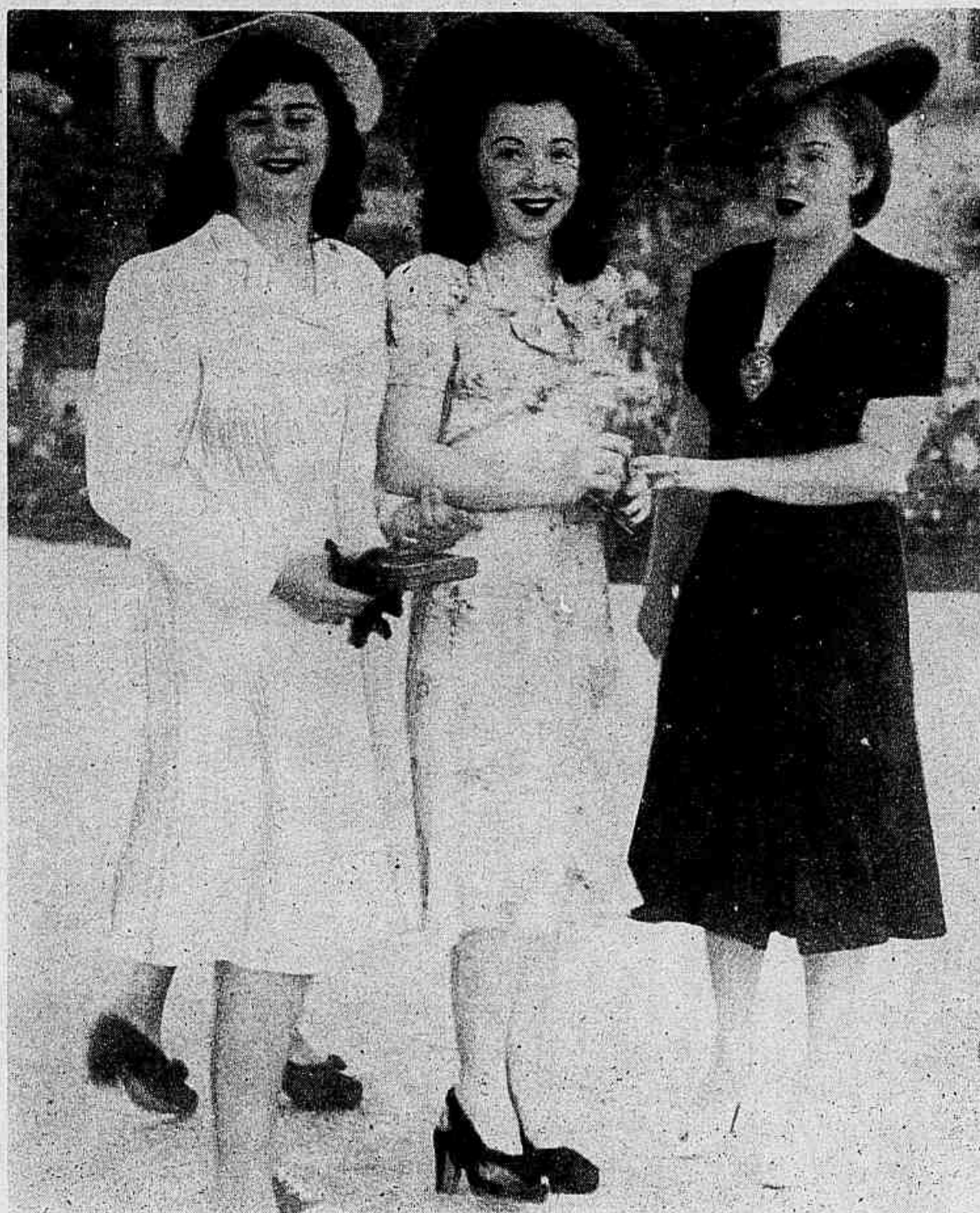
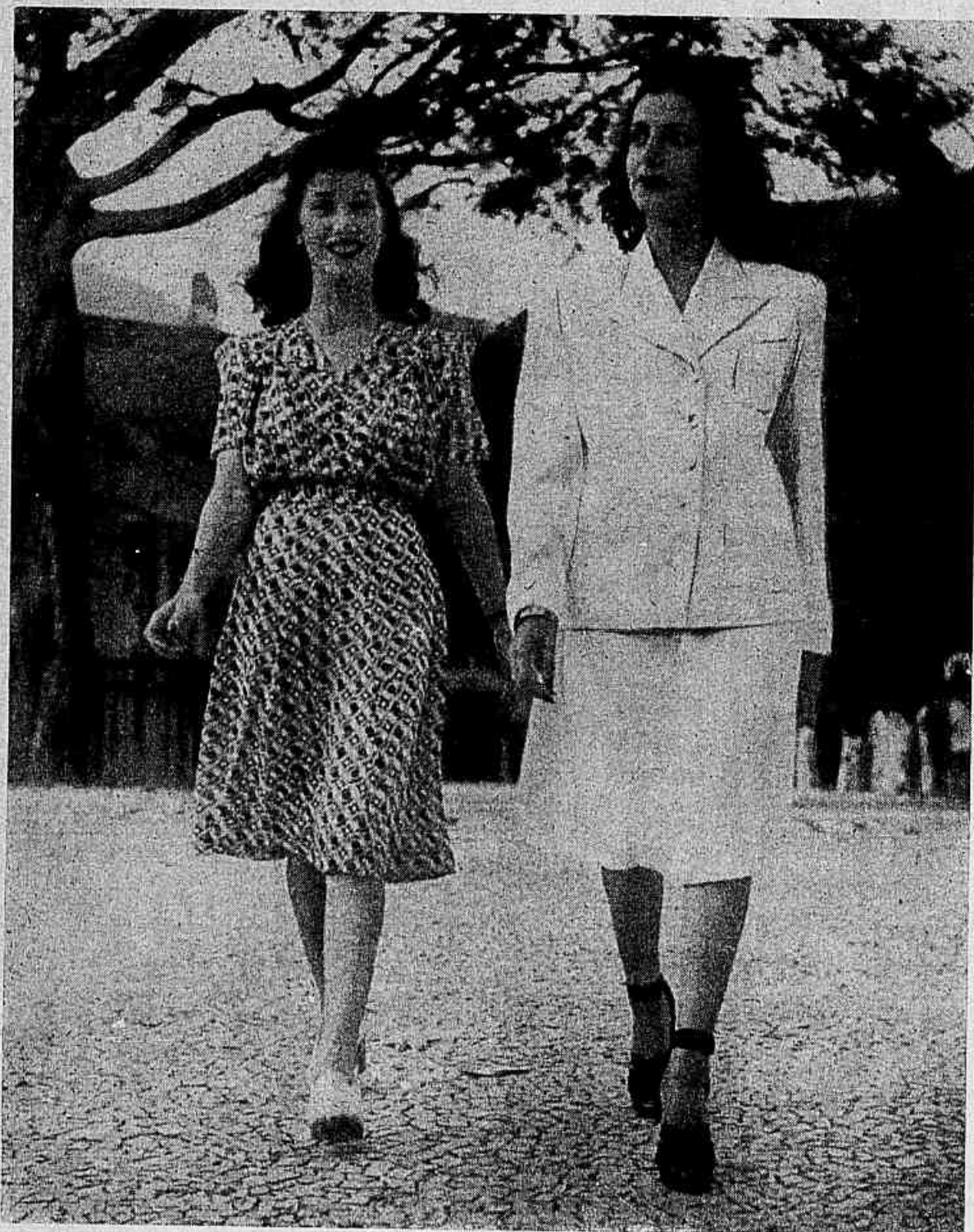
Rita é hoje uma mulher feliz. E essa felicidade se reflete na sua deslumbrante personalidade... Simpática e simples, tem conquistado a admiração não somente do público, mas de quantos hajam trabalhado ao seu lado.

Rita é a primeira "glamour girl" autenticamente hispânica que é ao mesmo tempo uma grande artista.

Consuelo de Córdoba.

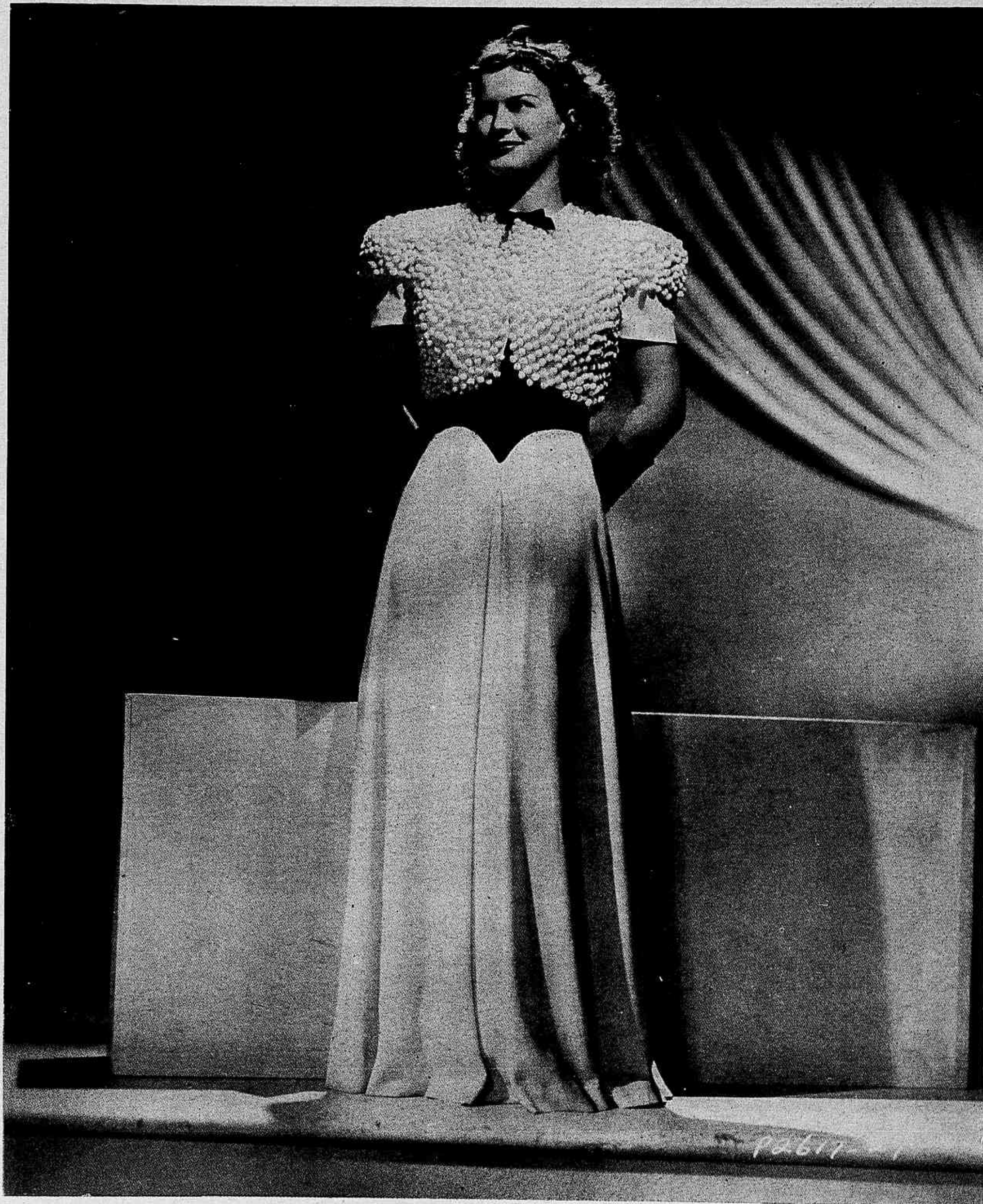


Jockey Club Mundano



Turistas, socios do Jockey Club Brasileiro e demais pessoas da alta sociedade carioca, todos acorrem ao Hipódromo da Gavea nas tardes de domingo, afim de se deleitar com as emoções das corridas e com a beleza da paisagem, que é realmente deslumbrante. Aqui estampamos os aspectos mais interessantes colhidos no Hipódromo da Gavea na semana que passou.

JORNAL DAS FAMÍLIAS



Original vestido de «soirée» em seda branca, apresentado por Osa Massen.

Apezar da guerra, a moda não perdeu os seus direitos e continua a evoluir. As transformações são notadas de uma maneira sensível, comparando-se os modelos atuais com os da estação passada, sobretudo no que diz respeito aos detalhes. Por exemplo, nota-se que já não se abusa tanto dos bolsos; estes são encontrados muito raramente nos vestidos elegantes, mas continuam a guarnecer naturalmente os costumes, as saias para blusas, assim como os vestidos singelos para a manhã,

Cronica da Moda

mas sem o exagero no tamanho e na quantidade. Alguns bolsos modernos são guarnecidos com pregas.

Quanto às saias observa-se que muitas são as que têm toda a roda levada para a frente, formando pregas finas, largas,

nervuras e franzidos. A saia toda franzida em volta, pregada numa pala ou num corpo longo, é notada sobretudo nos vestidos singelos da manhã ou nas saias longas dos vestidos para a noite; algumas destas saias são cortadas *en-forme* e fran-

zidas. A saia toda plissada acompanha alguns casacos de costumes.

Os chapéus modernos, quando pequenos de preferencia, são de colorido claro, mas isto não quer dizer que os chapéus no tom escuro — marron, azul marinho e sobretudo o preto — não continuem muito em moda. Ao lado dos chapéus de palha muitos são os chapéus de tecido, dominando os de *faille* e de colorido azul.

Marinette

VESTIDOS SINGELOS



CREME DE MASSAGEM
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
ALIMENTA A PELE — CONTRA AS RUGAS
A VENDA EM TODA A PARTE

- 1 — Vestido singelo de linho branco, na pala, bolsos e punhos, nervuras pespontadas com linha azul.
- 2 — Vestido de shantung vermelho coral, gola e punhos de fustão branco, festonado. Os botões são forrados com o fustão.
- 3 — Costume de toile de seda com listas de dois tons de azul, gravata e cinto azul marinho.
- 4 — Vestido singelo de tricoline com listas vermelhas, azues, cinzentas e brancas. Pala pespontada, botões de fantasia, cinto de pelica branca.
- 5 — Vestido de crepe ou zefir escocês, com bolero. Uma larga tira no sentido enviesado rodeia o bolero e garante a frente do vestido de alto a baixo.

Sobre um vestido de crepe verde com desenhos brancos, saia plissada, um casaco de crepe marocain verde escuro, com botões brancos. Pequeno chapéu de palha branca, enfeitado com fita gros-grain verde escuro.

Michel
O BATON
DAS MULHERES BONITAS

Vestuarios para sports



1, 2 e 3 — Vestuário para tenis, composto de uma blusa, um short e uma saia com corselet e pregas, de linho branco, guarnecidos com pespontos. Casaco de linho ou fustão azul ou vermelho. 4 — Vestido de toile de seda ou zefir de listas. Como guarnição, as listas colocadas em diversos sentidos. 5 — Vestido de shantung ou linho branco, com fecho éclair e pespontos. Cinto de fita gros-grain azul, verde, vermelho e amarelo. 6 — Costume de tussor, casaco com basquinha, bolsos bordados no ponto de haste, com linhas de diversos coloridos.

MÁSCARA DE LAMA
RAINHA DA HUNGRIA

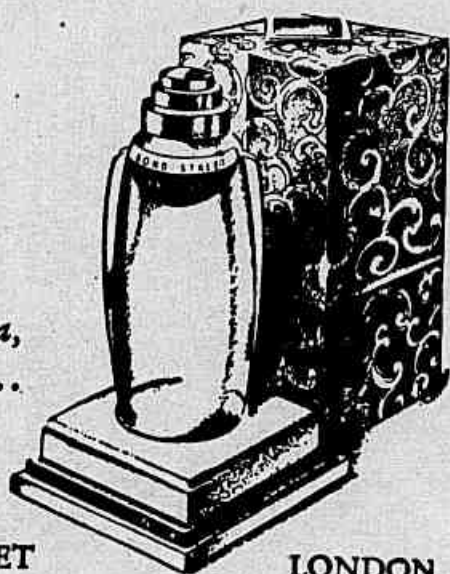
De Mme. Campos
LIMPA OS POROS — MODELA O ROSTO
A VENDA EM TODA A PARTE



BOND STREET

Um perfume de
Yardley
de Londres

Um régio perfume criado para as ocasiões alegres e festivas... "Bond Street" é usado como si fôra uma joia pelas damas elegantes dos grandes centros. Dê-lhe a sua preferência e também o lugar de honra quando quizer fazer um presente fino. Em caixas aristocráticas.



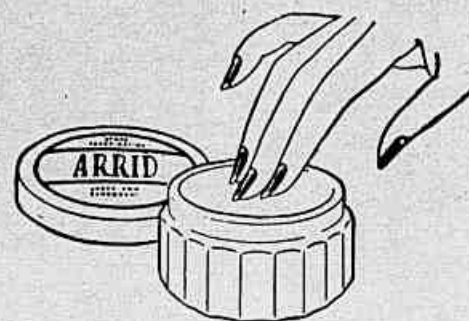
...ela deixa, quando passa,
uma nota subtil de beleza...

YARDLEY 33 OLD BOND STREET

LONDON



Novo... CREME
Desodorante que Detém
A Transpiração
das Axilas sem perigo



1. Não danifica os tecidos, não irrita a pele.
2. Não é preciso esperar que seque.
3. Detém instantaneamente a transpiração de 1 a 3 dias. Remove o odor da transpiração.
4. Um creme evanescente, branco, puro, sem gordura.
5. ARRID traz os Selos de Aprovação dos Institutos Internacionais de Tinturaria, como inofensivo aos tecidos.

ARRID

É usado por mais mulheres do que qualquer outro desodorante.

PREÇO **4\$800** 9\$500
Pote grande
Distr.: S. V. Mangual & Cia. — Rio
Rua Paulino Fernandes, 55
Preços pelo Correio:
5\$000 resp. 10\$000 (grande)



Vestido de crepe verde, guarnecido com listas pretas.

1 — Saia de crepe listado de branco e azul marinho; blusa de crepe branco. 2 — Vestido singelo de cretone ou linho de fantasia.



1 — Vestido de linho azul com desenhos brancos. A frente da saia é guarnecida com pregas pespontadas até certa altura. 2 — Vestido de "shantung" ou cassa, tendo a frente enfeitada com grupos de nervuras e pregas.

REVISTA DA SEMANA

Publicação de arte, literatura e modas — A decana das revistas nacionais Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e nos Grandes Premios nas Exposições de Sevilha e Antuerpia em 1930, e na Feira Internacional de S. Paulo em 1933.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMERICAS

Porte simples: Um ano — 63\$000; seis meses — 32\$000.
Registrada: Um ano — 80\$000; seis meses — 40\$000.

ASSINATURAS PARA O ESTRANGEIRO

Registrada: Um ano — 170\$000; seis meses — 90\$000.

O número avulso custa 1\$500 em qualquer parte do país; o número atrasado: 2\$000.

Rua Visconde de Maranguape, 15 — Endereço Telegráfico: "Revista" — Rio de Janeiro.
Telefones — Direção: 22-2622; Gerência: 22-2550; Redação: 22-4447; Publicidade: 22-9570;
Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602.

Tem agentes em todas as localidades do territorio nacional.

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: S. S. Koppe & Cia. Times Bldg., New York City. Na Africa Oriental Portuguesa: D. Spanos — Caixa Postal 434, Lourenço Marques. No Uruguai: Moratorio & Cia. — Constituyente 1746, Montevideo.

Todos os originaes enviados à REVISTA DA SEMANA devem vir datilografados, e os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores.

ESTE NUMERO CONSTA DE 52 PAGINAS

— Propriedade da COMPANHIA EDITORA AMERICANA. Diretor: Gratuliano Brito —

VESTIDO PARA A NOITE



Toilette de surah branco com bouquets de flôres multicôres, para a noite.



OLHOS *fascinantes*

Accentuando os encantos femininos, é no brilho de uns olhos fascinantes, que se revela a vida e a expressão do rosto.

O "Creme Especial para os Olhos" de Elizabeth Arden, devido às suas propriedades nutritivas, é especialmente recomendável contra olhos fundos e para corrigir a flacidez das palpebras. — A "Loção Especial para os Olhos" limpa e refresca os olhos fatigados e o seu uso diário, proporciona aos olhos uma beleza clara e transparente.

O "Ardena Oleo Adstringente" applicado ao deitar-se sobre as marcas em redor dos olhos (estendido sempre sobre uma fina camada de creme nutritivo), elimina as rugas e restitue ao olhar o frescôr da juventude.

Elizabeth Arden

SALÃO NO RIO: AVENIDA RIO BRANCO, 257
SALÃO EM S. PAULO: CASA ANGLO-BRASILEIRA

BLUSAS SINGELAS



1 — Blusa de tricoline branca com listas azul marinho, a guarnição feita com as próprias listas, gravata de fita azul marinho. 2 — Blusa de setim branco (lavável), com pala na frente e bolsos abotoados. 3 — Blusa de tafetá ou tojle de seda escocesa, com pala na frente. 4 — Blusa de jersey de algodão rosa, guarnecida com pespontos e botões. 5 — Blusa de fustão com pala em bico, guarnecida com pespontos.



FIGURINOS





Estas criações dos costureiros nova-iorquinos, todas de estilo essencialmente moderno, são bastante aconselháveis na estação intermediária que conduz ao Inverno, que ora iniciamos. A simplicidade, sem ser levada ao extremo de prejudicar a harmonia, continua a ser a linha mais incisiva do gosto moderno.



Saude e Beleza pelo Exercicio



De joelhos, inclinar o busto para trás, assim como os ombros e a cabeça, o mais possível, voltar à posição réta e repetir a inclinação para trás dez vezes seguidas.

Costas arqueadas e proeminencia do abdomen



Sentada no chão, cruzadas as pernas inclinar o mais possível o corpo para a esquerda, até apoiar o braço no solo, tendo o outro braço erguido, voltar à posição réta e inclinar-se para o outro lado, repetir dez vezes para cada lado.

A curvatura exagerada da coluna vertebral, arqueando completamente as costas e projetando a cabeça para a frente traz forçosamente a proeminência do ventre, o que não é somente desagradável à vista, mas extremamente nocivo à saúde.

As pessoas que são atingidas por esta curvatura, em geral, não praticaram a ginástica, a qual teria corrigido a tempo suas costas curvas. Têm elas, pois, muito poucos músculos e suas paredes abdominais não oferecem resistência ao impulso das vísceras, levadas para a frente por esta atitude defeituosa.

É sobretudo na posição sentada que essas pessoas distendem a membrana abdominal. Nunca se sentam corretamente no fundo da cadeira; mantêm-se sempre em equilíbrio sobre a extremidade do assento. Suas costas formam um arco; só uma parte pôde encostar no espaldar da



Sentada no chão, segurar os joelhos com as mãos e inclinar-se o mais possível para trás, voltar à posição de descanso e repetir o exercício dez vezes seguidas.

cadeira, enquanto o ventre sobe para a frente.

É preciso, antes de tudo, exigir dessas pessoas curvas que se esforcem por manter-

CONSELHOS PRATICOS

Utilizações diversas do sabão preto — Todas as donas de casa deviam saber de todas as vantagens do sabão preto, para que nunca faltasse nas cozinhas.

Como sem ele limpar perfeitamente uma pia, como ter bem limpo os azulejos e ladrilhos da cozinha sem a ajuda deste sabão e da água quente?

A água quente adicionada com sabão preto dá brilho às pratas muito melhor que qualquer pasta ou pó! Também o mesmo processo para a lavagem dos cristais.

Soalho brilhante — Obtem-se um grande brilho esfregando-o com uma flanela embebida no óleo de petróleo. Mas é preciso esfregar com vigor.

se sentadas na posição impecável e fazerem muita ginástica apropriada.

Damos aqui alguns movimentos destinados a reforçar os músculos do abdomen. Estes

exercícios são também estudados para agir sobre os músculos dorsais e lombares e dão excelentes resultados quando praticados de maneira regular.

INFORMAÇÕES SOBRE O NOVO ANO

O calendário está antiquado. Efemérides cariocas. Festas religiosas fixas. Festas religiosas moveis. Concordância das principais éras. Começo das estações. Feriados nacionais. Calendário completo. Os signos dos meses.

FIGURAS DA HISTÓRIA E DA HUMANIDADE

Jean Rameau — Ticiano — Margot, rainha de França e do amor — Camilo Desmoulins — Sarah Bernhardt — Lorrain — Miguel Angelo — Charles Lebrun — Cimabue — Giotto — Rembrandt — Velasquez — Wan Dyck — Leonard Da Vinci — Frei Angelico — Rafael Sanzio — Durer — Rubens.

CONTOS ILUSTRADOS

No arrozal — Ressurreição — Remédio de amor — O louco — A estátua — Mau olhado — O milagre da porcelana — A obsessão do banqueiro — O caçador e o advogado — O Cônego do estilo.

CURIOSIDADES DIVERSAS

A prova de fogo — A árvore de Turene — Desvendando o futuro — Brady, precursor dos reporteres fotográficos — Causas e sentenças contra animais — Os últimos samaritanos — O maior convento do mundo — A paternidade das frases célebres — Provérbios de todos os povos — O canal de Suez — O vinho que vira água — Um peixe que pesca — Estômagos incríveis — Chamam Paleosiberiano — Quem foi Barba Azul? — A árvore tunel — A aranha que pesca — De quando datam os cachimbos — Gargantua — Um inseto que hipnotiza — Os juramentos de felicidade — Calendário de 1942.

ÚLTIMAS PALAVRAS

De filósofos e sábios; de mulheres célebres; de chefes de Estado; de guerreiros; de homens políticos e de letras.

ALMANAQUE EU SEI TUDO para 1942,
à venda.

Redação: Visconde Maranguape, 15 — Rio
Preço: 5\$000 no Rio, e 6\$000 nos Estados

VINOVITA

TONIFICA O SANGUE ESTIMULA O CEREBRO DÁ ENERGIA AOS MUSCULOS

Os objetos de madreperola — Não se devem lavar os objetos de madreperola com sabão, porque este pode tirar seu irisado, que é o que mais encanto dá a madreperola. São perfeitamente limpos com água e branco de Espanha desfeito na água fria. Mas é preciso muito cuidado; ficar bem desfeito o pó, para não arranhar a madreperola.

PENSAMENTOS

A noção de imortalidade acha-se na origem de todas as tradições, porque é um princípio interno real do próprio ser humano.

G. B.

O amor próprio é o amor de si mesmo e de todas as coisas para si. Ele torna os homens idólatras de si próprios e os tornaria tiranos dos outros, se a fortuna lhes facultasse os meios.

La Rochefoucauld.

A mulher na sua nobre missão de tratar dos feridos

AS ENFERMEIRAS NORTE-AMERICANAS AGINDO
NOS CAMPOS DE BATALHA



E' atualmente empregado um novo instrumento para fazer respirar o ferido, é ele acionado por uma bomba de mão ou pela bateria do carro.



A unidade Santa Monica aplicando talas e bandagens num ferido com fraturas.



O grupo de salvação demonstra aqui como carregar um ferido. Mesmo as vítimas muito pesadas podem ser carregadas facilmente por este sistema.



O corpo feminino de defesa e ambulancia sabe prestar auxilio em qualquer emergência nacional.

**"Agora, o sol
não offende mais
a sua pelle!"**

**Basta resguardar sua cutis
de manchas e sardas com
LEITE DE COLONIA**

Aproveite bem as suas férias, longe da cidade! Dê ao seu repouso a alegria dos campos, onde o Sol é um imenso sorriso de luz! Proteja, porém, a sua pelle para evitar manchas, sardas e queimaduras. Sempre que sair para fóra, leve em sua companhia o Leite de Colonia. Leite de Colonia neutraliza a acção do Sol sobre a cutis e corrige as suas imperfeições. Leite de Colonia, limpa, alveja e amacia a pelle.

Leite de Colonia

STAFIX fixa o penteado e dá brilho ao cabelo de senhoras e cavalheiros.

Um livro para todos

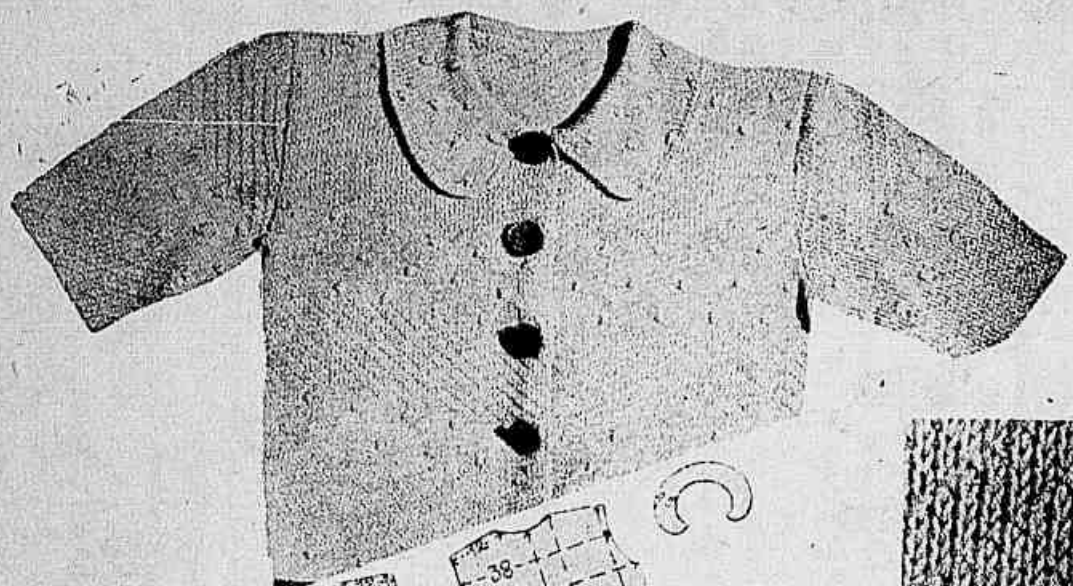
V. S. ainda poderá encontrar nas livrarias e bancas de jornais o **"Almanaque Eu Sei Tudo"** para 1942, em cujo texto constam, entre mil assuntos, os seguintes:

A prova de fogo — A árvore de Turene — Desvendando o futuro — Brady, precursor dos reporteres fotográficos — Causas e sentenças contra animais — Os últimos samaritanos — O maior convento do mundo. A paternidade das frases célebres — Provér-

bios de todos os povos — O Canal de Suez — O vinho que vira água — Um peixe que pesca — Estômagos incríveis — Chaman Paleosiberiano — Quem foi Barba Azul? A árvore fatal — A aranha que pesca — De quando datam os cachimbos — Gargantua — Um inseto que hipnotiza — Os juramentos da felicidade — Calendário de 1942. **"ALMANAQUE EU SEI TUDO"** — Maravilhosa edição à venda por 5\$000, no Rio, e 6\$000 nos Estados.

Redação: Maranguape, 15 — Rio.

BLUSA DE TRICOT DE LINHA



Os moldes com as suas medidas.

A' direita — Os pontos empregados na execução da blusa.

Para manequim 44 as medidas dadas. Executado com linha vermelha para renda C. B. (A la Croix), botões e cinto pretos.

Pontos empregados — Ponto em *viez*: 4 malhas pelo direito, 1 malha pelo avesso, etc... na carreira seguinte: 4 malhas pelo avesso, 1 malha pelo direito; as malhas pelo avesso da primeira carreira serão deslocadas de um ponto para a esquerda em todas as carreiras. Ponto de *jersey* com bolinhas: 2 carreiras no ponto de *jersey*, na 3.^a carreira, tricotar 9 malhas, tricotar 6 vezes a malha seguinte, repassar sucessivamente 5 alças sobre a última, tricotar 9 malhas, outra vez 6 vezes a malha seguinte, etc... na carreira seguinte tricotar todas as malhas pelo avesso. Fazer em seguida 8 carreiras no ponto de *jersey* e recomençar uma carreira com as bolinhas, mas deslocando-as, como mostra o desenho.

Execução da frente esquerda — O desenho é assim formado: fazer 6 centímetros no ponto em *viez*, as malhas deslocadas para a esquerda, 26 carreiras no ponto de *jersey* com bolinhas, 6 centímetros no ponto em *viez*, as malhas pelo avesso deslocadas para a direita, 16 carreiras no ponto de *jersey* com bolinhas, 6 centímetros no ponto em *viez*, as malhas deslocadas para a esquerda, 26 carreiras no ponto de *jersey* com bolinhas, 6 centímetros no ponto em *viez*, as malhas deslocadas para a direita, 16 carreiras no ponto de *jersey* com bolinhas, terminar em ponta em *viez*, as malhas deslocadas para a esquerda.

Execução — Pôr na agulha de tricot 85 malhas (25 centímetros), tricotar 52 carreiras (10 centímetros), a direito fazer uma diminuição todas as 10 carreiras, devem restar 80 malhas (24 centímetros). Continuar a direito durante 110 carreiras, a direita fazer um aumento todas as 14 carreiras. Obtem-se assim 87 malhas (25 centímetros). Fechar a direita para a cava: 4 malhas, 2 vezes 3 malhas, 2 malhas, 3 vezes 1 malha devem restar 72 malhas, tricotar a direito durante 9 centímetros e começar o decote, fechando a esquerda: 9 malhas, 2 malhas, 3 vezes 2 malhas e 1 malha todas as 2 carreiras até que restem apenas 40 malhas para o ombro que são fechadas em cinco vezes.

Frente direita — Como a esquerda seguindo as indicações em sentido inverso. Na beirada da frente formar 7 casas, a primeira feita a 2 centímetros, medindo de baixo, as outras com uma separação de 6 centímetros e meio, para cada casa, fechar 5 malhas a 4 malhas da beirada, repor as malhas na agulha na carreira seguinte.

Costas — Pôr na agulha de tricot 146 malhas (43 centímetros) tricotar durante 52 carreiras, fazer de cada lado 1 diminuição todas as 10 carreiras. Na altura da cintura devem

restar apenas 136 malhas (40 centímetros), continuar durante 110 carreiras, fazendo de cada lado um aumento todas as 14 carreiras. Obtem-se assim 150 malhas (46 centímetros). Para formar as cavas fechar de um lado e do outro: 2 vezes 3 malhas, 22 malhas e 3 vezes 1 malha, restam 124 malhas. Tricotar a direito até medir 17 centímetros na altura da cava. Formar o decote fechando as 14 malhas do meio, ficam para cada lado 55 malhas, trabalhar cada lado separadamente, fechar do lado da cava: 5 vezes 8 malhas e ao mesmo tempo do lado da gola: 5 malhas, 4 malhas, 2 vezes 3 malhas.

Mangas — Pôr na agulha de tricot 90 malhas (26 centímetros). Tricotar durante 82 carreiras fazendo de cada lado um aumento todas as 8 carreiras. Obtem-se 110 malhas (33 centímetros). Para formar o arredondado, fechar de cada lado: 3 malhas, 3 vezes 2 malhas, 5 vezes 1 malha, 12 vezes 2 malhas, 4 vezes 3 malhas, fechar numa só vez as 10 malhas restantes.

Gola — É feita no ponto de *jersey* com bolinhas. Pôr na agulha de tricot 130 malhas, tricotar durante 8 carreiras, depois formar uma carreira de bolinhas, entre cada bolinha tricotar somente 7 malhas no ponto de *jersey*. Na carreira seguinte fazer um aumento em cada bolinha. Fazer em seguida 8 carreiras no ponto de *jersey*, depois uma nova carreira de bolinhas (colocar cada bolinha bem no meio das 7 malhas de *jersey* da primeira carreira de bolinhas). Na carreira seguinte, formar um aumento em cada bolinha. A partir desse momento, fazer uma diminuição no começo de cada carreira. Fazer ainda 8 carreiras no ponto de *jersey* 1 carreira de bolinhas, 2 carreiras no ponto de *jersey* e fechar em seguida todas as malhas, Fazer nas beiradas das frentes assim como em volta da gola 1 carreira de pontos baixos executados com a agulha de *crochet*.

Vestidinho de tricot sem mangas



Fig. 1

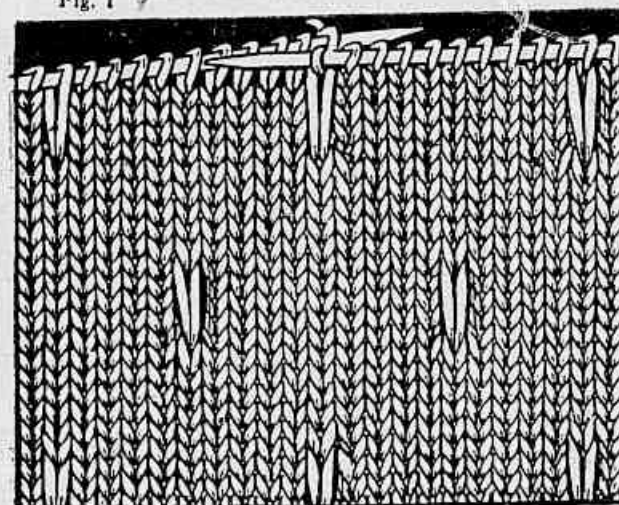


Fig. 2

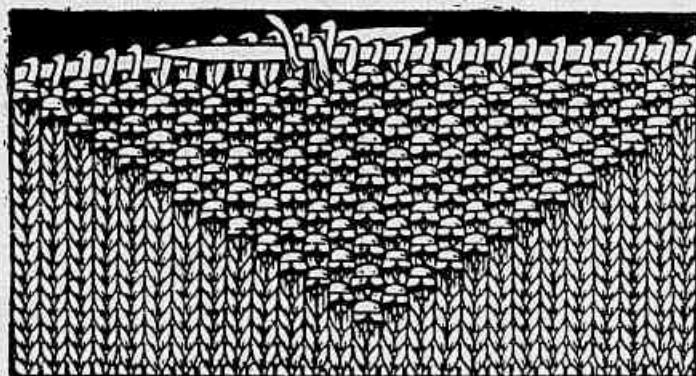


Fig. 3



O molde com as suas medidas.

Para uma criança de um ano a ano e meio são necessárias 100 grs. de lã de 3 fios cor de rosa e 2 agulhas de tricot de 3mm. de diâmetro.

Começar pela parte de baixo da saia pondo na agulha de tricot 150 malhas, trabalhar no ponto de areia: 1.^a malha pelo direito, 1 malha pelo avesso invertidas em cada carreira, até obter 4 centímetros de altura. Depois fazer o seguinte ponto: 1.^a carreira: 9 malhas pelo direito, 1 malha escorregada e alternar assim até o fim da carreira. 2.^a carreira: fazer as 6 malhas pelo avesso e escorregar a mesma malha da carreira precedente. 3.^a carreira: como a 1.^a 4.^a carreira: como a segunda. Na carreira seguinte fazer todas as malhas pelo direito, depois fazer no ponto de *jersey* as 6 seguintes carreiras. Começar em seguida como na 1.^a carreira, mas fazendo primeiro 14 malhas pelo direito, para que as malhas escorregadas fiquem intercaladas (fig. 1). Tricotar depois 22 centímetros a direito. Depois tricotar uma malha e tomar 2 malhas juntas até o fim de maneira a ficar só com 86 malhas. Fazer 6 carreiras no ponto de *jersey* e começar a pala em ponta fazendo 1 malha pelo avesso no meio do trabalho. Na carreira seguinte fazer 1 malha pelo direito de cada lado da malha pelo avesso do meio, porque a pala é feita no ponto de areia. Tem-se que aumentar de 1 malha de cada lado das malhas do centro em todas as carreiras (fig. 2) quando medir 30 centímetros de altura, fechar, primeiro 5 malhas de cada lado para as cavas, depois três vezes 1 malha. Continuar em seguida a direito durante 8 centímetros, depois fechar uma malha no começo de cada carreira, até medir 41 centímetros de altura. Quando medir 35 centímetros de altura fechar as 22 malhas do meio e trabalhar cada lado separadamente, continuando o ponto de areia e fechando 1 malha do lado da gola. Quando medir 41 centímetros de altura fechar a direito as malhas restantes (umas dez ou doze somente).

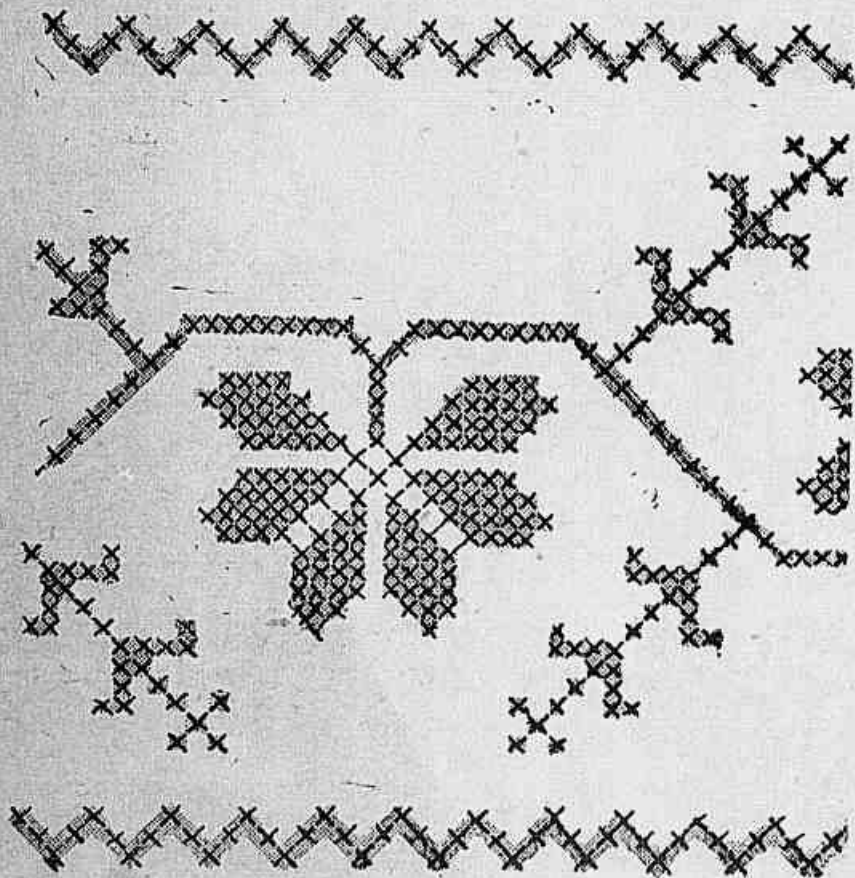
Fazer o outro lado da mesma maneira. As costas são iguais a frente.

A pequena guarnição é feita com a agulha de *crochet*: fazer um ponto baixo na beirada do tricot do decote, 3 malhas de trancinha, fazer novo ponto baixo, 3 malhas de trancinha etc. Rodear todo o decote e as cavas como mostra a fig. 3.

Pregar duas fitas de setim rosa em cada ombro para fecha-los com um laço.

O PONTO DE CRUZ

Este bordado está muito em moda. Guarnece não só as toalhas de mesa e cobertas de cama, como os vestidos singelos de linho e fustão mas é sobretudo muito empregado nas roupas das crianças. Quando o fio do tecido é bastante grosso e bem regular pôde-se fazer o ponto de cruz sem a ajuda da talagarda.

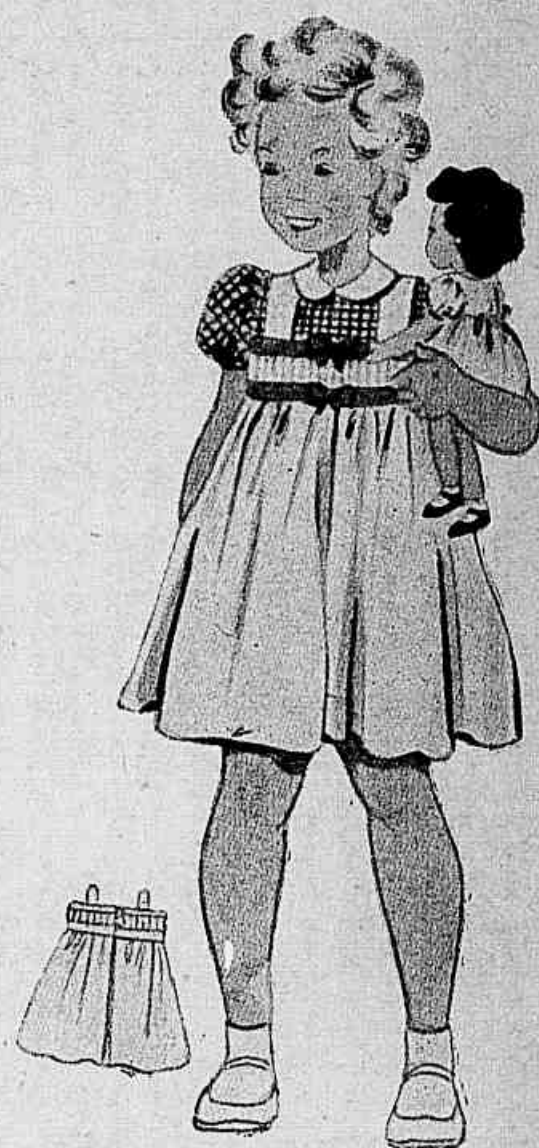


Vestidos curtos para a 1.^a Comunhão

1 — Vestido de crepe branco, com jasmims bordados aplicados, na gola, punhos e barra da saia. Bolsa coberta com jasmims. Véu de organza. 2 — Vestido de crepe Georgette branco, corpo guarnecido com ordens de franzidos. Corôa de rosas na cabeça. 3 — Vestido de crepe da China branco, ordens de franzidos nos ombros, na saia guarnição com babadinhos. Grinalda de rosas mantendo o véu de tule.

Modelos para
creanças

Vestido de crepe ou voile de fantasia, guarnecido com babadinhos do mesmo tecido.



Avental de linho branco, com preguiinhas e viéses de linho azul.



1 — Vestidinho e chapéu de zefir de xadrez, guarnecidos com bordado branco. 2 — Vestidinho de linho branco enfeitado com galão de fantasia.



1 — Vestido de batizado, de nanzouk ou cambraia, guarnecidos com preguiinhas, renda e fitas, branca, rosa ou azul claro. 2 — Pijama de linho de fantasia ou flanela de algodão. 3 — Vestido de crepe de seda ou voile, com preguiinhas e renda. 4 — Vestido longo para bebê, de crepe branca com pala longa de crepe rosa, enfeitado com nervuras e fita de setim rosa.



1 — Vestido de fustão branco sem mangas, cinto de lona de tres tons. 2 — Vestidinho sem mangas de fustão vermelho, guarnecido com pespontos.

Problemas do lar



Guarnições para roupas de cama

Lençóis e fronhas guarnecidos com pontos abertos e incrustações de renda de Veneza. Como se pôde verificar, são de fácil execução estes entre-meios confeccionados sobre tecido desfiado. Póde-se aproveitar este modelo para fazer toalha de mesa.

CONSELHOS AS FACEIRAS PARA A BELEZA DOS CABELOS

Uma massagem quotidiana do couro cabeludo para ativar a circulação e fortificar a raiz dos cabelos

O primeiro dever da faceira consiste em ocupar-se com os seus cabelos. Os cabelos são muito sensíveis e exigem

certos cuidados para conservarem uma saúde perfeita.

O primeiro — é a escovação de manhã

e à noite, ou pelo menos à noite, para libertá-los de todas as poeiras e microbios acumulados durante o dia. Com a ajuda de uma escova, de fios longos e duros presos na borracha — são estas as melhores escovas — não escovar rapidamente, mas durante uns dez minutos, me-

chas por mechas e em todos os sentidos: frente, atrás, e de cada lado, sem preocupação de risca, ondulações e de cachos. Uma escovação cuidadosa é indispensável à higiene dos cabelos e para a areação do couro cabeludo.

De tempos em tempos, para melhor

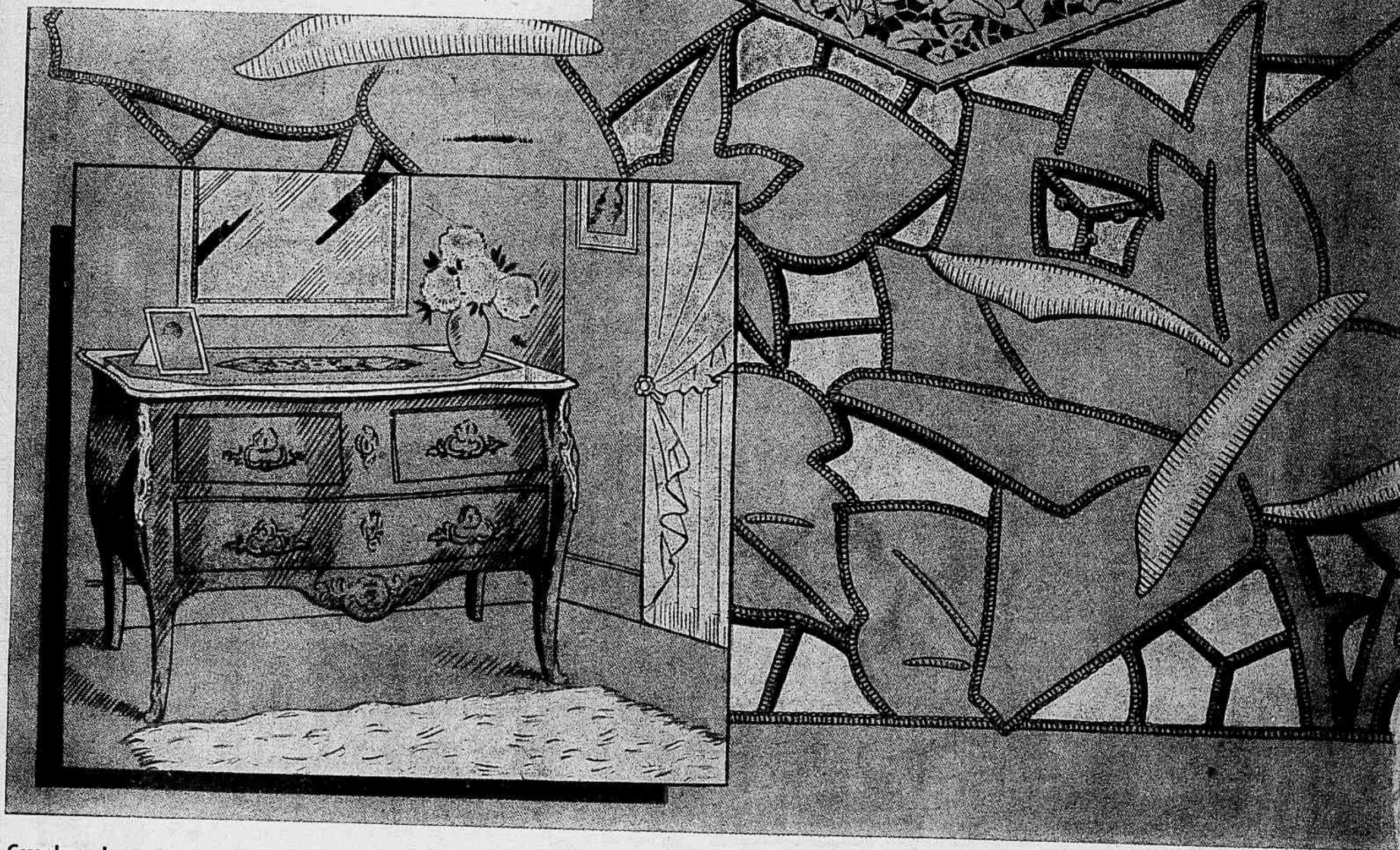
Panos para guarnecer os moveis

MOBILIARIOS PARA ESCRITÓRIOS

A Fábrica de Moveis "Lamas" em seus grandes mostruários anexos às oficinas à rua Melo e Souza n.º 102 (próximo à estação principal da Leopoldina), expõe inúmeros conjuntos em estilos diversos, para Residências e Escritórios comerciais, modelos mais ricos para gabinete e mais simples para funcionários, dispondo de funcionamentos práticos e garantidos.

A Fábrica "Lamas" encarrega-se da execução de Divisões-Balcões e Instalações completas de Escritórios, tendo competente secção de desenho para projetos e orçamentos, facilitando em certos casos o pagamento.

Os moveis "Lamas" são vendidos exclusivamente nos mostruários junto à Fábrica.



Cercaduras de rosas para guarnecer os moveis de um dormitório, podendo guarnecer também a coberta de cama e os estores. O bordado é executado com linha rosa, num tom mais carregado e mais palido, para as pétalas viradas.

limpar, passar um pente fino, antes ou depois da escovação.

Que os cabelos sejam secos ou gordurosos, uma massagem quotidiana do couro cabeludo se impõe para ativar a boa circulação do sangue e fortificar a raiz dos cabelos.

A noite antes de deitar-se, dissipará toda a tensão nervosa e provocará um sono conciliador.

Com as pontas dos dedos, friccionar—docemente para começar, e acentuando pouco a pouco a rapidez e a força—todo o couro cabeludo. A massagem

convem a todos os temperamentos, sómente nos dias que a cabeça está dolorida e não pôde suportar as fricções, passar simplesmente os dedos fazendo uma leve massagem.

Puchar os cabelos, em pequenos golpes constitue um excelente exercício para o couro cabeludo.

Não se deve usar uma risca durante muito tempo no mesmo lugar, seja ela no meio ou de qualquer lado, porque os cabelos começam a rarear ao longo da lista.



DECORAÇÕES-CAPACHOS
TAPETES-STORES
CASA BEIRIZ

JUNTO A' AVENIDA

RUA 7 DE SETEMBRO-82-TEL.42-6964

Anjo da Guarda

(Continuação da pagina 6)

— Ainda ontem estive em casa dele. Sabes o que fui fazer lá? Esmolar! Pedir-lhe algumas moedas para tratar de tua irmãzinha doente... Porém, desta vez ele recusou. Mas falou-me de ti, com interesse, confirmando desse modo o que venho notando há muito... Ele te quer! Tenho até a certeza de que si tivesses ido em meu lugar, não, teria recusado...

— Por Deus, não continue — implorou a moça, cheia de vexame, cobrindo o rosto com ambas as mãos.

— Tens que ouvir. É necessário que reflitas bem sobre a nossa situação. Bem sabes que desde o dia em que, estendido num caixão, teu pai deixou esta choupana a miséria entrou por ela e aqui ficou. E ficará para sempre se insistires em te fingir de inocente... Si não o fizeres por mim, ou por ti, lembra-te ao menos que tua irmãzinha doente definha á mingua, sem ter ao menos agasalho.

Lisete buscou com o olhar a menina adormecida num catre á um canto do aposento. Era sua irmã por parte de pai, mas não gostava dela. Má e impicante como a mãe, vivia a atormentá-la e acusava-a constantemente por qualquer motivo...

Contudo, naquele momento era mesmo digna de compaixão. Ardía em febre sem assistência e sem o menor conforto, naquele ambiente miserável...

Lisete achegou-se dela e beijou-lhe a testa escaldante.

Em face a tal atitude da jovem, a perversa mulher rejubilou-se. Adoçando a voz, prosseguiu:

— Como vês, falo com prudência. É preciso arranjar-se um meio de melhorar a nossa condição desesperadora. Isso não é vida!...

— Essa quadra há de passar — ponderou Lisete cogitativa. — Amanhã de manhã, irei á herdade vizinha. Oferecerei á senhora Nadia, mel e algumas frutas silvestres de que ela gosta. Aproveitarei o ensejo para lhe contar o que vem se passando em nossa casa. É uma mulher caridosa... Talvez me arranje um emprego de criada...

— Idiota! — interrompeu a ouvinte aumentando em colera. — Pensas que isto adiantaria? O que fariamos com as migalhas que porventura conseguisses?

— Já seria alguma coisa...

— Quando o senhor Hébert promete tudo!

— O senhor Hébert é um devasso e devemos evitá-lo. Sejamos pobres mas honradas.

— Que entendes tu da vida para falares em honra? De que vale ela quando se morre á fome e ao frio? Quando ninguém se apieda da gente? Não julgas assim porque não tens a minha experiência. Tivesse eu a tua idade e com certeza não me perderia neste recanto miserando a esperar pelo "maná" do céu...

Querendo esquivar-se daquela insinuação que a escandalizava, Lisete silenciou. E muito á jeito foi remexer num cesto ao alcance de onde tirou umas meias necessitadas de concerto. Sentando-se á soleira da porta, distraiu-se a serzi-las.

A menina moveu-se no catre. A mãe acercou-se do mesmo.

— Tenho sede — queixou-se a enferma.

A mulher trouxe-lhe agua na caneca de folha.

Lisete largou o serviço e veio para junto da irmã. Esta, cravando nela os olhos que brilhavam febris, murmurou ansiosa:

— Estou tão doente... E cansada! Doi-me o peito. Tenho medo... Não quero morrer...

Lisete enterneceu-se. Chegou até á porta e fitou o céu que estava escuro e triste. Permaneceu alguns momentos indecisa. A menina continuava delirando. A madrastra foi para a cozinha preparar umas hervas que talvez a aliviassem e, enquanto assim fazia, lastimava-se e praguejava contra ela e contra tudo.

A moça decidiu-se. Conhecia bem o caminho que ia ter á mansão onde residia o senhor Hébert. Era bem distante mas podia ir correndo... Quem sabe chegaria lá antes de cair a chuva.

Saiu sem avisar a madrastra, tal qual estava, sem mesmo se lembrar de prevenir-se com um agasalho.

Desceu pelo trilho fronteiro á choça, atravessando a seguir um bom pedaço de campo. Quando alcançou o riacho, era já quasi noite. Transpôs a pontezinha e, uma vez do outro lado, tomou pela estrada que, infundavel e silente, era ladeada por florestas.

Durante o trajeto, a jovem ia revivendo com amargura a vida martirizante que vinha levando desde que lhe morrera a mãe. Quão diferente era ela da segunda mulher do seu pai. Aquela era delicada e meiga, de uma meiguice unica! Esta, brutal ao extremo, não passava de uma criatura odienta e sem carater. Maltratava-a por motivos de somenos, não titubeava sequer em lhe prodigalizar conselhos vis, instigando-a a que aceitasse propostas infamantes.

Quando seu pai vivia, ainda se resignava. Pelo menos podia contar com a sua proteção. Mas desde que Deus o levara, deixando-a ao desamparo, agravaram-se os seus pesares...

E agora, não podia compreender como adquirira coragem tanta para ir assim, estouvadamente, ao encontro da adversidade... Conhecia pouco o senhor Hébert, apenas de vista, mas de nome conhecia-o a fundo. Ninguém falava dele sem horror. Cruel para com os seus subalternos, era também um libertino ousado, um "Don Juan" bestial, aproveitando-se da sua superioridade e da inesgotavel fortuna para gozar a vida a seu modo...

Costumava atrair a si as raparigas que lhe caíam no agrado e mandava-as depois com um punhado de moedas pelo caminho da desgraça...

Lisete apressou o passo, pois, a noite tinha caído de todo. Orientava-se pelos relampagos que alumíavam as trevas com persistencia continua. A estrada parecia-lhe agora, assustadora! A solidão reinante impressionava-a! As arvores mais esguias, sobressaindo-se das outras, punham-lhe arrepios pelo corpo fino e cansado. Via nelas almas castigadas a elevarem aos céus os braços descomunais...

Sentia cada vez mais e mais o medo triunfar dentro de si. Pôs-se a correr e a sua angustia recrudesceu quando experimentou no rosto os primeiros pingos da chuva que instantes depois se desencadeou furiosa.

Transida de aflição a moça corria, corria sem procurar abrigar-se do aguaceiro que a encharcava da cabeça aos pés.

Os trovões repetiam-se sucessivamente ao tempo que a ventania sibilava terrificante varrendo o folheto, arrancando galhos e até mesmo as arvores mais frageis.

A coitadinha avançava sempre, atolando os pés nas pequeninas lagoas formadas pela enxurrada.

É no meio daquela tormenta, como para lhe enaltecer a magua, parecia vêr a cada passo a figura hedionda e repelente do senhor Hébert interpondo-se-lhe á vanguarda...

La suplicar-lhe auxilio para uma criança enferma. Saberá ele compreender e respeitar o seu sacrificio e a sua desdita? A ocasião não era para reflexões, mas mesmo assim torturava-se em raciocinar sobre que sorte lhe estaria reservada. Estava aventurando-se com o destino numa cartada arriscadissima! E horrorizou-se ao perceber que se aproximava cada vez mais daquela estancia maldita...

Subito estacou petrificada e levando aflitamente as mãos no peito, libertou um grito que repercutiu na floresta, casando-se ao zunir da ventania. E' que, através da escuridão predominadora, divisou na sua deanteira, á pequena distancia, um desproporcional vulto branco que, de braços abertos, parecia movimentar-se enigmático e sinistro.

Supersticiosa que era, a moça continuava paralizada sem conseguir adiantar-se mais um metro no solo. Que seria aquilo? Talvez algum espirito desviado errando na tempestade...

O vulto avolumava-se, bailando no ar. Depois veio rumando na sua direção. "Deus meu, válei-me!" — pdeu, enfim, balbuciar a pobrezinha.



QUASI sempre o sucesso na vida social e comercial depende da boa apresentação. Homens moços, não podem ter cabelos brancos ou falta de cabelo. A Loção Brilhante acaba com a caspa, seborréia e parasitas do couro cabeludo, evitando a calvície e restituindo a cor primitiva, sem tingir.

● Pense mais em "manter os cabelos", evitando sua queda ou embranquecimento. 70% dos homens têm propensão para calvície, que é favorecida pelo descuido no tratamento do cabelo antes dos 30 anos! A Loção Brilhante remove completamente as partículas invisíveis de pó que se depositam sobre o cabelo e obstruem os bulbos capilares. Use diariamente Loção Brilhante em uma enérgica fricção de 40 segundos. A Loção Brilhante elimina a caspa, a seborréia e as afecções do couro cabeludo.

LOÇÃO BRILHANTE destrói os germens da caspa infecciosa.



Estes são os germens da caspa infecciosa; que se pode contrair a qualquer momento. Para combater os germens e evitar a caspa faça uso diário da Loção Brilhante.



LABORATÓRIOS ALVIM & FREITAS

Loção Brilhante

E naquele trecho angustioso a sua imaginação volveu momentaneamente ao passado: Viu-se muito pequenina á beira de um abismo; uma flôr azul, um susto e uma corrida louca... Sua mãe, muito linda e muito fragil erguendo-a nos braços. O badalar de um sino ao crepúsculo... O Anjo da Guarda!... Sim, quem estava ali toldando-lhe a passagem, não era decerto nenhum duende do mal, mas o seu Anjo da Guarda... Tal suposição não deixava de ser bastante infantil, mas ainda assim em nada impediu que tomasse vulto no cerebro agitado da moça que a aceitou incontinentemente. Raciocinou de pronto que si o seu protetor outra vez ali tinha se revelado, era sem duvida alguma porque algum grave perigo a ameaçava...

MAIS LUZ

em todos os cômodos

SEM DESPESA EXTRA!



NA SALA DE-ESTAR
Uma lâmpada de 150 watts junto à sua poltrona tornará repouso a leitura.

Evite cortes e falhas, tendo uma lâmpada de 40 watts em cada arandela.



NO BANHEIRO

Lâmpadas
EDISON-MAZDA
GENERAL ELECTRIC



NA COZINHA
A cozinha também requer boa iluminação: no mínimo uma lâmpada de 100 watts.

2 lâmpadas de 60 watts no teto e outra de 60 para a leitura proporcionam iluminação satisfatória.



NO DORMITÓRIO

uma vez me favorecia. Encontrei nela a "tia" Josina que, substituindo a minha ausência, a procurara para abrigar-se da chuva e deixara-se ficar depois por ser muito tarde... E isto me valeu de muito porque a confiei aos seus cuidados... Imagine se ela aqui não estivesse! O que faria eu com a menina desmaiada e ainda por cima, com a roupa em charco!

Lisete mirou-se surpresa. Só então notara que vestia um traje que não lhe pertencia.

— Foi de minha mãe. Dei a "tia" Josina para que o trocasse pelo que você trazia...

— Quem é a "tia" Josina? — perguntou a jovem, começando a simpatizar-se com ela.

— Uma mulher que mora nas proximidades. Costuma vir aqui de vez em quando. É muito servicial e auxilia-me sempre que necessito dela. Parece até que chega sempre no momento oportuno. Entendida em medicamentos caseiros, pode-se contar com ela. Tanto assim que não sossegou enquanto não a viu reanimada...

— Não me lembro dela!

— Sim, porque uma vez livre do perigo, e ainda na inconsciência, você dormiu profundamente. Ela se foi muito cedo, mas terá ocasião de conhecê-la...

E agora, — continuou o rapaz mudando de assunto — conte-me onde mora e porque se expôs à tempestade, tão tarde da noite e num lugar como aquele onde a encontrei... Depois irei levar você para junto dos seus que com certeza devem estar aflitos com a sua ausência...

— Quanto a isso poderemos ficar tranquilos. — interrompeu Lisete, persuadida.

— Como? Não tem família que se interesse por você?

Retrocedeu. Auxiliada ainda pelos clarões que antecediam as descargas, corria sempre, agora com bastante dificuldade pelos caminhos alagados... Enquanto isso, através do frio e do cansaço, experimentava um imenso alívio no coração. Dir-se-ia mesmo que readquirira energia suficiente para vencer a vida de qualquer maneira... Enfrentando aquele lance aflitivo, veio-lhe num grande alento a esperança de melhores dias, de um porvir menos cruel...

Moderando o passo, Lisete andou ainda por um tempo indeterminado e quando a chuva amainou, pôde distinguir de forma vaga o sítio em que pisava. Desesperou-se. Outra vez um pavor intenso apoderou-se dela. Tinha-se desorientado e não sabia agora que rumo levava. Sem parar, atirava-se com insanidade à mercê do imprevisível. O trajeto apresentava-se-lhe então, medonhamente solitário, espantosamente sombrio...

Estava extenuada. Os pés, metidos em alpercatas de couro duro, grudavam-se na barreira dificultando-lhe o andar. Em dado momento, descalçou-as, atirando-as na estrada.

Afinal, o cansaço dominou-a por completo. Tentou ainda prosseguir, mas uma atordoação repentina, perturbando-a nos sentidos, impediu-lhe a tentativa. Faltaram-lhe as forças, e ela caiu irremediavelmente ao solo.

A chuva cessara de todo. O vento abrandara sem obstar no entanto que continuasse gelado, varrendo do céu os derradeiros vestígios da tempestade.

Mais lindas, mais cintilantes, foram aparecendo as estrelas...

—oOo—

Como si estivesse despertando de um sono letárgico, Lisete descerrou os olhos, de leve e, fixou-os a esmo. Depois dilatou-os com desmedido espanto, não atinando bem com o que via em sua volta.

Pareceu-lhe na ocasião, estar sonhando acordada. Desvanecida esta primeira impressão, o seu cérebro fatigado aos poucos se foi recordando do que aconteceu na véspera. E viu que repousava agora entre alvissimos lençóis, num leito humilde e ainda para lhe aumentar a estupefação, em quarto estranho...

Com embevecida curiosidade passou o olhar pelo ambiente procurando notificar tudo que a envolvia: No aposento que era bastante espaçoso reinava absoluta ordem, apesar de mais que modesto. Havia nele, além do leito, uma mesa de cabeceira e uma cómoda encimada por um espelho. Esse móvel servia também de penteador e possuía outras utilidades mais... A um canto, um canapé antigo forrado de damasco descorado. Ainda uma banqueta de madeira, completava o simples mobiliário. Das janelas que eram duas, pendiam cortinas de cassa florada, em cores alegres...

Lisete saltou da cama e, achegando-se a uma delas, correu-a. E através daquela esplêndida manhã de sol, pôde constatar maravilhada o lugar em que se encontrava: A casinha que lhe dava guarida plantava-se em meio a jardins, e além, pelos terrenos fronteiros, a se perder de vista, desenvolvia-se um panorama agradávelíssimo, onde extensas florestas de eucaliptos preponderando em toda a região, expandiam-se até sumir-se no horizonte. Outras árvores mais copadas espalhavam-se pelas proximidades, oferecendo ao caminhante toda a frescura convidativa das suas sombras...

A moça permaneceu alguns momentos contemplativa, depois voltou-se num impeto com o intuito de se identificar sobre o que representava a sua estadia ali, e como isso se dera.

Deixou o quarto e correu até a saleta contígua e a seguir, aos outros poucos cômodos da habitação sem encontrar em qualquer deles, pessoa alguma.

Intrigada, saiu da casa e ao se vêr fora, sentiu-se cheia de animo e possuída de um bem estar perceptível. Respirou com prazer os ares benéficos daquele lugar aprazível.

O jardimzinho em que se via era pequeno, porém, bem cuidado. Nos canteiros húmidos, quasi ocultas entre outras flores mais vaidosas, vicejavam as singelas violetas cujo aroma suave deliciava o olfato.

Lisete estava encantada! Percebia dentro de si, uma exquisita sensação de júbilo, o pressentimento, quicá, de uma transformação na sua vida até o presente tediosa e insípida...

Subito entristeceu-se voltando à realidade. Nem ao menos sabia ao certo onde se encontrava e a quem pertenceria aquela casinha ideal e deserta. Pensou em vaguear pelas imediações a vêr si descobria alguém que a informasse e, decidia-se já a isso, quando o rumor de uma pessoa que se aproximava fê-la quedar-se. E estremeceu ao vêr achegar-se de si um rapaz alto e robusto que, ao tempo que a mirava com simpatia, apressou-se em lhe dirigir a palavra, tirando-a daquela duvida embarçosa. Depois de saudá-la, falou com indissimulado interesse:

— Folgo em vê-la tão bem disposta depois do que aconteceu ontem...

— Oh! — interrompeu ela vexada. — Lembro-me bem que me perdi na tempestade... Parece-me também que caí... Mas ignoro como e por que aqui me vejo...

— Sentemo-nos ali, — convidou ele apontando um banco tosco que havia sob um manacazeiro roxinho de flores — e explicarei como isso se deu.

Sentaram-se, e o rapaz assim começou:

— Voltava eu da vila onde fôra em busca de provisões para o mês quando a tormenta alcançou-me em meio do caminho, mas por minha sorte, justamente ao frentear uma cabana deshabitada que existe no trajeto. Salvei assim os mantimentos e resguardei-me da chuva. Acalmada essa, montei outra vez o animal que me conduzia e continuei a viagem. Era já bem tarde e ainda havia muito a vencer, mas em compensação o tempo foi melhorando com rapidez, facilitando a andadura.

E foi quando o céu limpou-se completamente de nuvens e a lua pôde alumiar com presteza as cousas todas, que me surpreendi... Sabe com que?

— Causei-lhe desprazer... E trabalho... — adiantou ela, ruborizada adivinhando o resto.

— Nem tanto; porém, não nego que receei por você. Quando dei com o seu corpo caído à margem da estrada, assustei-me. Julguei a princípio que estivesse morta. Cientifiquei-me depois que me enganara, felizmente...

— Apressi-me em colocá-la no meu cavalo, o que não foi feito sem dificuldade. Uma hora depois cheguei em casa e tive a satisfação de observar que a sorte ainda

- Minha madrastra aborrece-me!
- E seu pai?
- Não tenho pai, e mais ninguém com quem possa contar...

E Lisete relatou ao jovem, não só toda a sua vida, mas também porque se ariscara a sair na véspera, enfrentando a escuridão da noite e os possíveis perigos que a acompanham. Relatou com minúcia a sua odisseia, sem esconder detalhes.

O rapaz ouviu-a sem interromper. Aquela confiança enternecera-o. Ela o conhecia há poucos minutos e se estendera em demasia...

Meditou alguns momentos com os olhos fixos no chão. Erguendo-os depois, pôs-se a chorar. Lembrou-se dos dias da infância, dos dias de liberdade e de felicidade. Estudou-os bem, como se por intermédio deles pudesse sondar-lhe o recôndito da alma antes de se aventurar a lhe oferecer proteção. E ficaram largo tempo silenciosos, concentrando as ideias, procurando uma solução para o caso.

— Gostaria de se ver livre de sua madrastra? — perguntou ele de repente, quebrando a quietude.

— Talvez! É uma criatura de maus sentimentos. Confesso que receio pelo meu futuro...

— Mas se você não voltar ela virá a sua procura, naturalmente...

— Duvido!

— Sim, virá... Ainda que seja para supliciá-la...

A jovem fixou o horizonte angustiada.

— Nada tema — disse resolutamente o rapaz, tomando com arrobo as mãos pequenas da jovem. — Ficaré morando aqui!

— Oh! — expandiu-se ela, exultante, sem a menor reflexão.

— Ficaré aqui — repetiu ele. — Sou o guarda destas florestas e tenho a minha casinha completamente organizada...

— Mora com alguém?

— Não. Há um mês atrás Deus levou a santa velhinha que guiou com carinho a minha existência durante vinte e dois anos: Minha mãe, mas agora, para remediar a falta, colocou você no meu caminho... Bendigo a providência benfazeja. Já não estarei tão solitário. Terei doravante alguém que me fará companhia nesta encantadora paragem em que sempre tenho vivido. Você alegrará os meus dias, se interessará por mim... Adivinho-a uma companheira ideal!

— E cuidarei das suas roupas, e lhe prepararei as ceias... — ajuntou ela possuída de estranha alegria.

— Estou contente com o sucedido. Tenho até o pressentimento de que, lá das alturas, minha mãe nos observa em atitude de embevecida aprovação... — assegurou ele, satisfeito com o seu pressentir...

—oOo—

Naquele dia Lisete madrugara. Nunca o céu lhe parecera tão lindo e nunca percebera antes que, ao alvorecer, a passarada gorgoeando em conjunto forma nos arvoredos uma orquestra singularmente divina. E nunca tinha notado ainda que a vida não é má, e sim deliciosa e cheia de encantos quando se tem o coração satisfeito...

Após ter arrumado com capricho todos os compartimentos da casa, estendeu sobre a mesa de refeições uma assada toalha de algodão branco com barra vermelha e foi colocando em cima dela, com muita arte, os alimentos que compunham a habitual refeição de toda a manhã. Esta, constava apenas de queijo, mel e leite de cabra.

Quando o jovem guarda sentou-se à mesa, Lisete apressou-se em servi-lo com solicitude cativante... Ele agradeceu com um sorriso e, enquanto dourava com mel uma fatia de queijo, falou com sincera espontaneidade:

— Sabe o que me está parecendo e o que venho pensando desde que nos conhecemos?

— Não. Mas quisera poder adivinhar...

— Parece-me que estou vivendo a vida através de um sonho muito lindo, o qual receio venha a se desvanecer...

Ela fitou-o por momentos e a seguir baixou os olhos, pensativa.

— Gosto de você — confessou ele, desistindo da merenda e vindo sentar-se ao lado dela. — Não sei o que seria de mim no futuro se viesse a me deixar. Habituei-me com a sua companhia...

— Acabaria esquecendo-me.

— Impossível! Há passagens na vida que nunca mais a gente esquece...

— Conhecemo-nos há pouco. Você precisa de mais tempo para consultar o coração... Para ter a certeza...

— Que a quero? Estou convicto disso. As horas que não a vejo, tenho-a no pensamento. Você me acompanha como a minha sombra... Vejo-a em toda a parte, nas florestas, nos campos, nos caminhos...

Houve uma ligeira pausa.

— Estou triste — queixou-se ela a seguir, concentrando-se no infinito.

— Por que?

— Porque depois do que acaba de me dizer, já não posso mais ficar aqui. Voltarei para a minha madrastra. Será um gesto mais digno, não acha?

— Você não gosta de mim?...

— Gosto sim. E muito... Mas deve compreender...

Conservaram-se calados mais algum tempo olhando um para o outro.

— Compreendo perfeitamente! — disse ele afinal. — E por isso mesmo vou lhe fazer uma proposta.

— Diga.

— Case-se comigo.

— Está falando sério?

— Sim. Quisera lhe oferecer o mundo! Mas na impossibilidade disso, ofereço-lhe o meu ninho em meio a este oceano de verdura. Quer?

— Si quero! — concordou ela com as lágrimas nos olhos.

— Chora?

— De comoção. O que acaba de propor representa demasiada ventura para mim...

O guarda correu ao quarto que fôra de sua mãe, agora pertencente a Lisete e, chegando-se da cómoda, abriu uma das gavetas e tirou de dentro um vestido branco, muito bem conservado. Apresentou-o à moça, dizendo:

— Vista-o. Pertenceu a minha mãe, que também o vestiu no seu dia de bodas.

Lisete examinou-o, encantada! O rapaz deixou-a só.

Momentos depois, toda garrula, muito graciosa dentro dos tufos de merinó e rendas, apresentou-se a ele que, entusiasmado, não pôde esquivar-se de exclaimar com exaltada admiração:



Em viagem

Ha pessoas, principalmente senhoras, às quais as viagens por mar ou por terra agitam enormemente o sistema nervoso, produzindo mal-estar, tonteiras, sensações de apreensão e medo. Um ou dois comprimidos por dia, de ADALINA, são suficientes para restituir a normalidade ao sistema nervoso, permitindo o bem-estar durante a viagem e um sono calmo e tranquilo. ADALINA é remédio inofensivo a qualquer órgão.

ADALINA
CALMANTE DOS NERVOZ
SUAVE E INOFENSIVO

— Bravos! Assenta-lhe maravilhosamente! Minha mãe, ao vesti-lo, ficou também com certeza uma noiva tão linda quanto estás!

E agora, vamos... — instigou ele, arrastando-a pela mão. — Vamos!... A vila não fica tão distante. Existe lá uma igreja. O cura é meu amigo e nos abençoará...

Sairam correndo, de mãos dadas, como duas crianças. Ao passarem pelo laranjal engrinaldado de flores aromáticas, o rapaz, deixando a companheira, correu a uma das árvores e, atraindo a si alguns galhos floridos, colheu diversas pencas imaculadas...

Voltando-se depois para ela, arrumou-as graciosamente entre os seus cabelos de um negrume azulado.

Rumaram a seguir, esperançosos e cheios de júbilo pelo caminho que os conduziria a tão invejável, quanto inesperada felicidade...

—oOo—

Horas depois, voltavam confiantes, des-cuidados e prazerosos, perante Deus e os homens, unidos para toda a vida.

Mas, chegados à casa, uma surpresa desconcertante ali os aguardava: Dois personagens de antipática aparência, um homem e uma mulher, estacavam-se à espera, do lado de fora da vivenda.

Perplexa e temerosa ante a revelação, Lisete não ousou balbuciar palavra. Apres-sou-se, apenas, em se agarrar ao braço do marido que era bastante perspicaz para identificar com acerto e sem o auxílio de apresentações, quem seriam os visitantes. Na mulher, de fisionomia dura e estúpida, reconheceu a madrastra de Lisete, e no homem, o miserável e asqueroso senhor Hébert.

Aprimeirou-se sem rodeios, com aspereza: — Podem ir explicando sem subterfúgios o que os traz em minha casa...

— Andamos atrás dessa descarada — gritou a megera, dirigindo-se à moça. — Porque há uma semana fugiu de casa e não deu mais sinal de si... Uma ingrata! Em verdade, uma ingrata... E depois de tudo o que fiz por ela...

— Como soube que ela se encontrava aqui? — perguntou o guarda, impaciente, e já entediado com os dois intrusos.

— Ora, — adiantou o senhor Hébert — o mundo não é tão grande como parece! E ademais, não nos separa um oceano... Não nos conhecemos, o que me causa admiração, visto como meus domínios não distam muito daqui...

— Folgo em nunca o ter conhecido pessoalmente — interrompeu o jovem com altivez. — A tua amizade não me honraria... Em absoluto!

— Não importa — replicou o outro, fechando ainda mais a expressão desagradável do rosto. — O que me interessa é unicamente a posse da pequena. E vamos levá-la sem mais demora...

— Isso diz você! — bradou o guarda, começando a encolerizar-se.

— Que graça! — berrou a velha com faíscas no olhar selvagem. — Como te atreves a tanto? Pensas que a deterás? Ela é ainda uma criança e não desistirei dela... E de mais a mais, o senhor Hébert prometeu...

— Prometeu o que? — interrogou o rapaz fora de si.

— Casar-se com ela. Sim, — repetiu a infame quasi ao rosto da moça. — Quer casar-se contigo porque te aprecia e está farto de aventuras... Terá daqui por diante tudo o que quiseses e me livrarás da miséria e mais a tua irmãzinha...

O senhor Hébert exibiu um sorriso de triunfo. Fez menção de tocar no braço da jovem, mas o guarda o deteve com mãos de ferro ao tempo que ameaçava:

— Si toca em minha mulher, mato-o, como a um réptil pernicioso...

E com um violento empurrão, decerto o teria atirado ao solo si não encontrasse, ele, na parede da casa, um apoio providencial.

— Tua mulher?! — bramiu a velha, irritadíssima.

— Sim. Chegamos da vila onde acabamos de nos casar.

— Vejam só, a inocente, a santinha ingenua... Uma desavergonhada!...

— Cala-te! — exigiu o guarda, autoritariamente.

O senhor Hébert acovardou-se. Aconselhou-a com prudência:

— Si estão casados, não adianta protestar.

— Tens razão. Voltemos — concordou ela. — Melhor fôra si não tivéssemos perdido tempo em procurá-la. E' indigna de que se interesse a gente em seu favor... E mal agradecida...

Os dois indesejáveis retiraram-se decepcionados e cheios de despeito, perdendo-se através do folhado que envolvia as árvores vizinhas.

Ao ficarem sós, atraindo a si a jovem esposa, o rapaz beijou-lhe a fronte palida e tomado de profunda emoção, sussurrou-lhe ao ouvido:

— Contente?

— Muito!

— A que devemos agradecer tamanha felicidade?

— Já digo — lembrou ela pondo nos lábios um sorriso doce. — Devemos agradecer ao meu Anjo da Guarda...

— Muito bem. Louvemos o seu Anjo da Guarda... — aprovou ele. — E bendigamos também as tempestades, principalmente quando derrubam árvores floridas pelos caminhos onde devem passar as meninas medrosas...

Ela fixou-o com certa duvida. Ele continuou:

— Estamos na primavera. Glorifiquemos também a primavera, pois, nesta estação do ano as florestas transformam-se em Paraíso onde os Anjos da Guarda brincam pelas copas perfumadas dos arvoredos... — rematou ele significativamente, apontando com o dedo uma árvore que balouçava ao vento as suas ramas salpicadas de flores alvissimas!...

Ornamentação do Lar

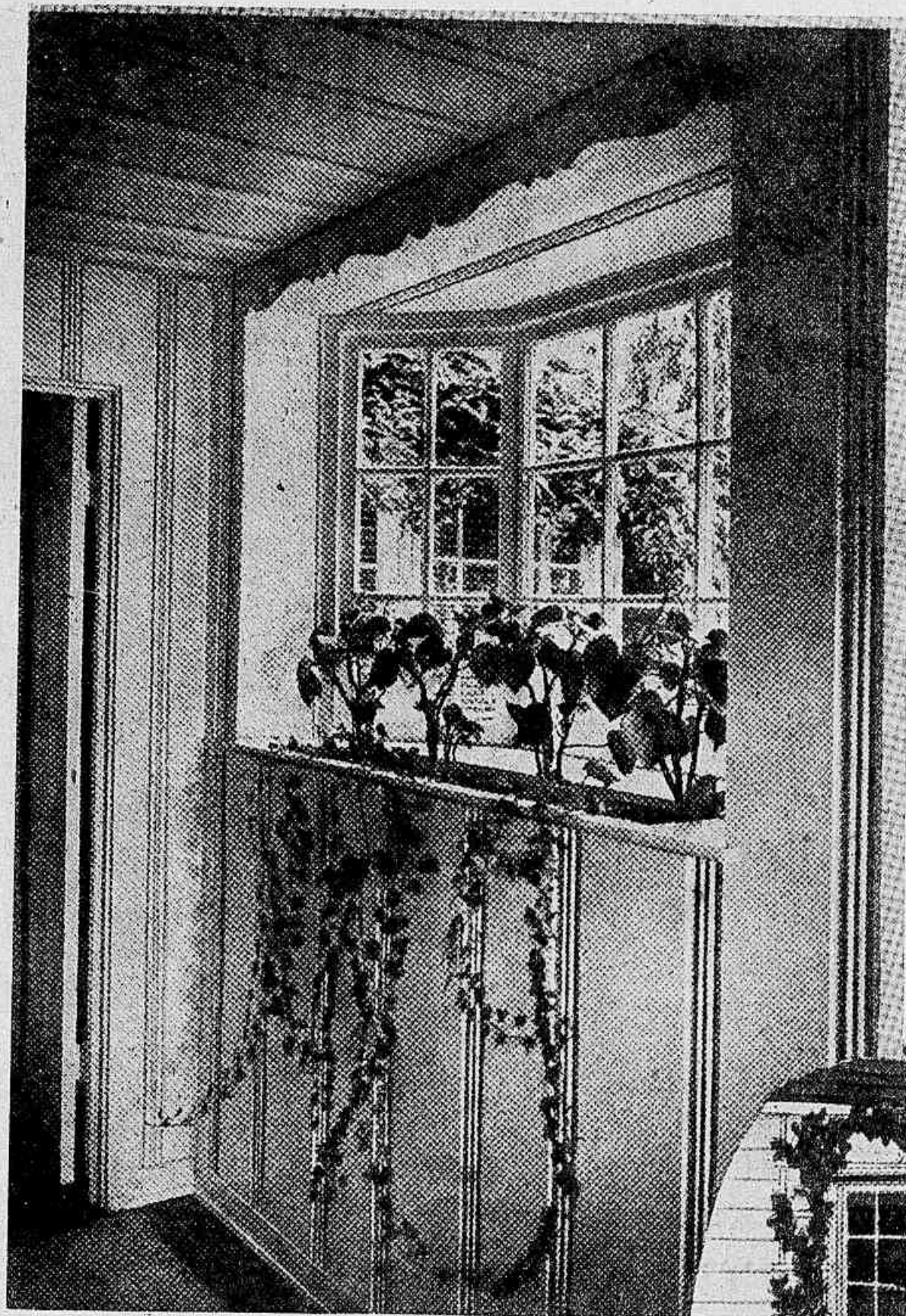
*Mobiliários,
Tapeçarias e
decorações*

CORTINAS
PASSADEIRAS
TECIDOS

ASA **UNES**

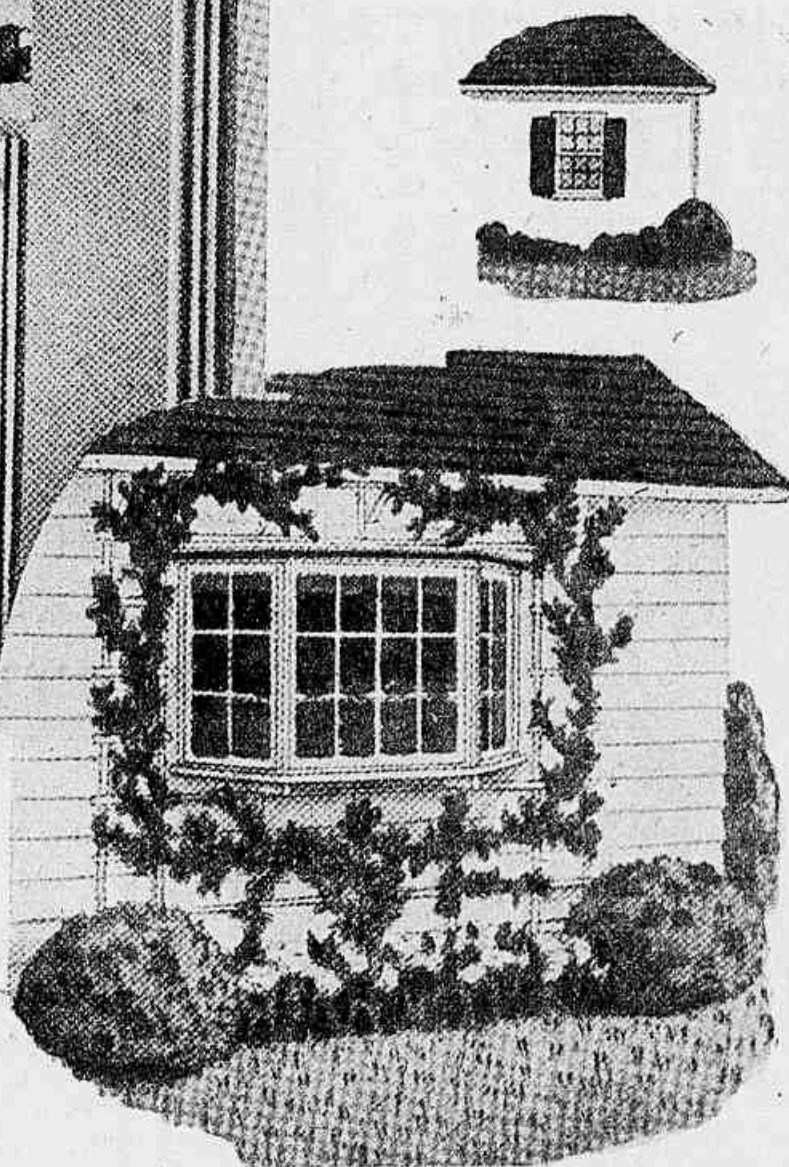
A MAIOR E MELHOR ORGANIZAÇÃO DO BRASIL

65-RUA DA CARIOCA-67-RIO



Jardineira com folhagens no parapeito da janela. Galhos graciosos de hera completam a guarnição.

Ao lado — Transformando-se uma simples janela num bow-window e guarnecendo-se interior e exteriormente com plantas, a casa toma logo um aspecto elegante e alegre.



Janela guarnecida com vasos de flores e trepadeiras. Reposteiros de cretone florido completam a guarnição desta bela janela.

Mas o melhor descanso é aquele que se goza alongado ou assentado, sem pensar em nada. Distender os nervos, os músculos, e que o corpo descanse com todo o seu peso como o duma criança.

Póde-se ler ou tricotar em seguida. O essencial é não impor ao espírito o cansaço que se está evitando ao corpo e de saber tirar como partido dessas distrações calmas outras possibilidades de descanso.

Para aquelas que não querem ficar deitadas, ha jogos socegados; paciência, dominós, etc.

Uma alimentação bem compreendida póde tambem completar os beneficios do repouso. Fazer refeições leves compostas de quatro refeições em vez d'um almoço e d'um jantar copioso.

Não comer caças, peixes salgados, charcuterias, conservas; não beber alcool, mas beber bastante liquido entre as refeições; agua natural, mineral, suco de legumes e de frutas. Não hesitar de privar-se totalmente de alimento nas noites em que sentirem um grande cansaço.

Não esquecer que, sem repouso, não se tira beneficio algum das férias.

PENSAMENTOS

Há tantos modos de ler um livro como de ver uma paisagem; o que dá interesse a um e a outro é o sentimento do leitor ou do espectador.

Voltaire.

LEIAM

Esporte Ilustrado

A MELHOR REVISTA

ESPORTIVA DO BRASIL

PRECEITO DE HIGIENE

O descanso indispensavel

O corpo não é um brinquedo mecânico. Sua resistencia tem limites que nunca se devem ultrapassar.

Primeiro saber controlar-se em plena

ação para combater a nervosidade que faz ter um ardor excessivo: dominar seus esforços.

Executando movimentos de cultura fisica, evitar os impulsos violentos e bruscos. Impedir ao rosto de fazer caretas e os musculos de endurecerem. Quando partir para um passeio, não abandonar um passo

rasoavel, não se deixar levar por uma rapidez extenuante.

De tempos em tempos, parar e deixar-se cair molemente no chão, como uma roupa sem corpo. Dar dois ou tres suspiros para dilatar o diafragma e encher os pulmões. Esticar-se diversas vezes como o fazem os gatos.

Não deixe a criança jogar!

Há pais que, por inadvertência, ignorância ou desleixo, permitem o jogo às crianças. Si avaliassem quantos males podem brotar da sementeira feita na infância!

A escolha de brinquedos para as crianças é mais seria do que se imagina. Nun-



Enrique, filho do casal Nadyr—José Soto Aljan.



Elza Fraga, Helena, Antoninho e Josephina Romeu.

ca se deve permitir que as criaturinhas inocentes tomem contacto com o que pode levar ao mais hediondo vício que o homem pode ter.

Entretanto, é comum verem-se crianças de tenra idade "brincando" com baralhos de cartas, dados e coisas semelhantes. O "brinquedo" degenera em breve, e os pequeninos seres começam a adquirir o hábito das apostas. Não é só a aposta a dinheiro que leva ao descalabro; há outras apostas igualmente funestas, porque viciam. A criança começa por apostar isto ou aquilo — um crômo, um brinquedo qualquer — e vai tendo a noção de ganhar e de perder. Ninguém quer perder; querem todos ganhar. Por isso, o que joga e ganha quer lucros maiores, e o que joga e perde insiste para recuperar o perdido...



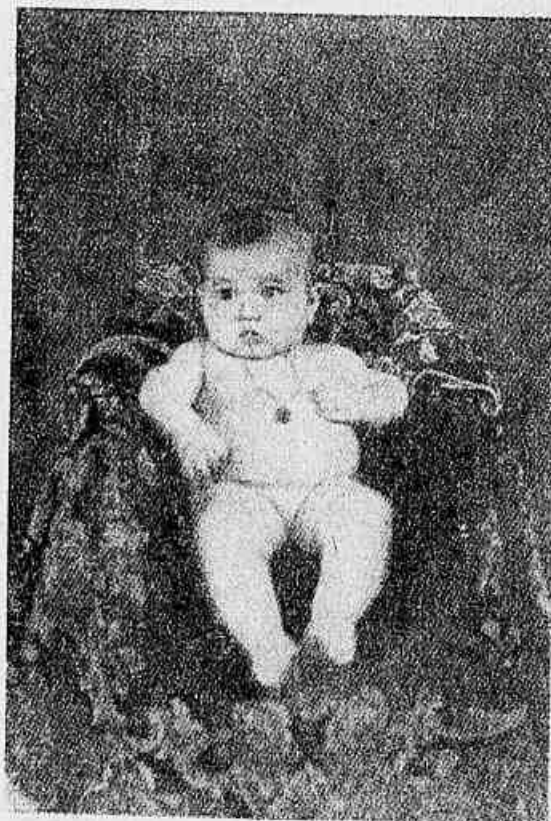
Ao completar 3 anos, o menino Frederico, filho de d. Heloisa da Silva Vilhena e do tenente Felisberto Vilhena, ofereceu uma festa da qual colhemos este grupo.



Milton, filho do casal dr. Wilson Pinto Ribeiro e d. Silvia Belucci Ribeiro.

Habituada de pequenina, a criança que joga terá no futuro natural predisposição para o jogo. E, no entanto, os pais, que devem sentir a obrigação de afastar dos filhos tudo o que possa macular-lhes o carácter, permitem muitas vezes que vivam de baralho na mão!

Há tantos brinquedos honestos, que instruem, que distraem! Para que o jogo?



Carmen Antonia de Laurentis, filha do casal Alberto—Maria de Lima, aos quatro meses de idade.



Com paciência e calma tudo se obtém

A paciência é uma virtude modesta. O paciente prova sua superioridade entre aqueles que não possuem esta grande qualidade.

A paciência é um composto de calma, de bom senso, de aceitação, de coragem, de-

ve-se juntar ainda a esta mistura uma parcela de bondade, de tolerância, de otimismo.

A paciência se educa... exercendo-se muitas vezes; é assim que ela é ensinada aos pequenos como aos grandes. O resultado não é imediato; só com tem-

po se podem verificar os bons efeitos.

A educação não é mais que uma série de esforços indefinidamente impostos: as mesmas recomendações feitas às crianças acabam por impressioná-las e elas ficam compenetradas.



Adilson, filho do casal Waldemar da Silva—Anita de Carvalho Silva.

Os chapéus modernos



1 — Chapéu de faille, azul claro, guarnecido com fita e veu azul marinho. Echarpe azul claro sobre vestido azul marinho. 2 — Beret de faille amarela, coberto com rede de crochet de seda preta. 3 — Chapéu de organza vermelha, enfeitado com fita preta. 4 — Pequeno chapéu de palha azul guarnecido com fita plissada do mesmo colorido. De faille azul a écharpe sobre vestido preto. 5 — Pequeno chapéu de palha verde, enfeitado com laço de fita gros-grain preta. 6 — Chapéu de faille marrom, guarnecido com fita de faille branca. A écharpe da mesma faille branca. 7 — Turbante de faille azul com guarnição muito alta.

CURIOSIDADES

O maná dos hebreus

Uma vez mais verifica-se a autenticidade da narração bíblica, com respeito ao maná que caía do céu.

Conta-se com efeito, que o sr. Theunis Botha, um primo do grande chefe boer, ao acordar uma manhã na sua propriedade, no distrito de Wryheid (na colônia inglesa de Natal, antiga colônia holandesa) descobriu que, numa distância de um quilômetro da sua residência, a terra estava coberta duma substância esbranquiçada, bastante parecida com a neve.

Os indígenas davam gritos de alegria, corriam para o lugar e comiam e enchiam cestos com essa substância misteriosa. Interrogados, declararam que o céu lhes tinha enviado aquele maná para compensar a perda recente das suas colheitas.

O sr. Botha pôs um pouco desse maná dentro de uma garrafa para que fosse analisado. Foi achado exatamente igual ao citado pelo Gênesis (Exodo, 16, versículo 14).

O gosto mesmo foi julgado idêntico ao que é descrito nas páginas bíblicas.

A data deste fenômeno é o mez de Abril de 1933.



DENTES BRILHANTES....E

Dem Cuidados

Milhões de mulheres, das mais belas, recomendam entusiasmamente as qualidades superiores do CREME DENTAL SQUIBB. A jovem, a esposa, a mãe, todas apreciam o seu sabor delicioso, a sua frescura, a sua pureza. Para assegurar estas qualidades, os Laboratórios Squibb fazem mais de 100 rigorosas provas antes de en-

tregar o creme ao público. O Creme Dental Squibb limpa com perfeição, sem o emprego de substâncias raspantes, adstringentes ou sabão. Contém, também, um eficaz anti-ácido que, ao entrar em contacto com as bactérias na boca, ajuda a neutralizar a acidez por elas provocada. Experimente Squibb e esteja certo de que lhe agradará.

Creme Dental SQUIBB

...O DENTIFRÍCIO ANTI-ÁCIDO

ESCÔVA
ANGLE
SQUIBB

Cientificamente construída e recurvada da maneira mais adequada para atingir, por igual, os interstícios e as superfícies de todos os dentes.



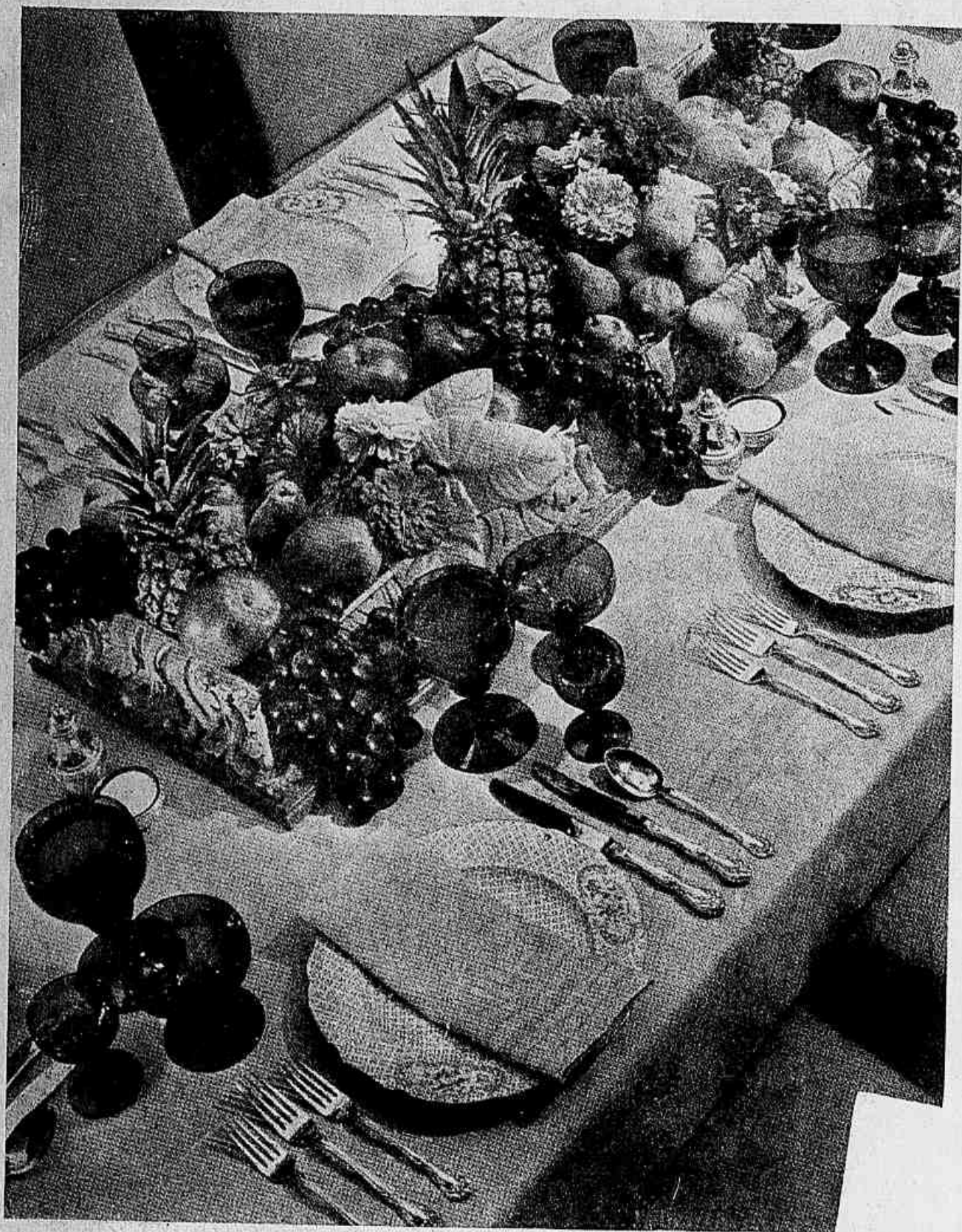
Vestido de voile de fantasia, abotoado na frente.

Ao lado — Vestido de zefir listado de verde sobre fundo branco. Tiras com as listas no sentido horizontal, como guarnição.

Vestido de linho branco, guarnecido com cadarço zig-zag vermelho. No linho rosa, o cadarço preto ou azul marinho.

NOSSA ALIMENTAÇÃO

Pratos de abstinencia para a Semana Santa



Flores e frutas formam esta linda guarnição para a mesa.

FRITADA DE CAMARÕES

Toma-se 1 quilo de camarões e faz-se um refogado bem feito com todos os temperos. Juntam-se dois palmitos cozidos e partidos em rodelinhas, uma chicara de miolo de pão embebido em leite, põe-se o leite grosso de um côco e deixa-se em fogo brando até ficar sem molho.

Batem-se 6 ovos com uma pitada de sal. Mistura-se um pouco dos ovos ao refogado, despeja-se num prato que vá ao forno e põe-se por cima o resto dos ovos batidos. Enfeita-se com rodela de ovos cozidos, tomates e pimentões.

BOLO DE BACALHAU DINAMARQUEZ

Põem-se dentro de uma cagarola 2 colheres das de sopa de manteiga e 2 rasas de farinha de trigo. Vai-se mexendo e juntando 1 litro de leite e 1 pitada de sal até formar um creme espesso; retira-se do fogo e juntam-se 250 grs. de bacalhau aferventado e passado na máquina, 100 grs. de queijo ralado, 100 grs. de passas sultanas, 1 pitada de pimenta do reino, 6 gemas e as claras em neve.

Põe-se em uma fôrma untada de manteiga e polvilhada de farinha de rosca, e leva-se ao forno regular 15 minutos. Vira-se num prato redondo, cobre-se de manteiga queimada derretida, e rodeia-se o prato de batatas cozidas.

ARROZ PALACIANO

Cozinha-se em água e sal 500 grs. de arroz e quando estiver bem seco põe-se o leite puro de um côco. Arruma-se num prato de forno, alto, uma camada de arroz, e outra de camarões bem refogados e com molho grosso; depois nova camada de arroz e uma de **petit-pois** e palmito misturados, e assim até encher o prato. A última deve ser de arroz. Todas as camadas serão cobertas de queijo ralado (parmezo) inclusive a última que se deve cobrir também com pedacinhos de manteiga.

Vai ao forno quente durante alguns minutos.

PUDIM DE PEIXE

Ensopa-se com todos os temperos meio quilo de garoupa ou outro peixe que não tenha espinhas. Depois de cozido, tira-se do molho e passa-se na máquina; junta-se de novo ao molho e mistura-se com 1 chicara das de chá, de miolo de pão molhado em leite e bem esmagado, 2 ovos inteiros, 4 colheres de queijo ralado e 1 colher de manteiga.

Unta-se uma forma alta e lisa, põe-se a massa e vai cozinhar em banho-maria no forno. Quando pronto, vira-se num prato, pondo em volta alface; cobre-se de molho branco e enfeita-se com camarões grandes.

TIMBALE MILANEZA

250 grs. de farinha de trigo, 250 grs. de manteiga, 4 ovos, 250 grs. de açúcar, uma pitada de sal. Mistura-se a farinha com a manteiga e vai-se juntando, aos poucos, um ovo

e um pouco de açúcar, outro ovo mais um punhado de açúcar e assim até acabar. Amassa-se bem com uma colher, evitando pôr as mãos, por causa do calor destas. Depois de bem amassado deixa-se descansar algum tempo.

Cozinha-se em água fervendo com sal, durante 20 minutos 400 grs. de spaghetti e escorre-se.

Põe-se numa cagarola 1 quilo de tomates bem lavados e 2 colheres das de sopa de manteiga; leva-se ao fogo brando. Quando os tomates estiverem cozidos, passam-se numa peneira fina, tempera-se com sal e pimenta do reino, 3 colheres das de sopa de queijo parmezo ralado e 250 grs. de queijo mole e de gosto forte (tipo Clabb ou Polo). Mistura-se o spaghetti a esse molho. Unta-se de manteiga uma fôrma alta e lisa, de tamanho regular. Forra-se esta com a massa um pouco espessa, enche-se com spaghetti e cobre-se de massa. Doura-se com gema de ovo e leva-se ao forno regular mais ou menos 45 minutos. Passa-se uma faca em volta da fôrma para soltar a massa no momento de servir.

Não sendo para abstinência, juntem-se ao recheio 250 grs. de presunto picado, que dá muito sabor.

CANELONIS RIVIERA

Preparam-se algumas panquecas com a seguinte massa: 100 grs. de farinha de trigo 1 colher das de sopa de azeite doce, 2 gemas, 1 chicara das de chá de leite, as claras batidas em neve, e sal. Mistura-se tudo muito bem.

Põe-se numa frigideira um pouco de manteiga; quando bem quente, juntam-se 2 colheres das de sopa, da massa e vira-se a frigideira para que a massa se espalhe; deixa-se dourar de um lado e de outro. Quando todas estão prontas enche-se com o seguinte recheio; Põem-se numa cagarola 1 colher das de sopa de manteiga, 2 cebolas bem batidas, a polpa de alguns tomates e sal. Deixa-se refogar bem; ralam-se 10 espigas de milho verde e junta-se ao refo-

Adeus indigestão!



PARA gozar de melhor saúde, tome a deliciosa Quaker Oats todos os dias. Contém, em abundância, os elementos essenciais para fortalecer o organismo, tonificar os nervos e enriquecer o sangue. Quaker Oats fornece, aos intestinos, o necessário volume para um funcionamento fácil. Preparo simples — experimente e veja!

Insista em comprar a lata com a figura do Quaker — a aveia sem impurezas.



QUAKER OATS

Mais peso e melhor qualidade asseguram maior rendimento por lata.

gado, vai-se juntando leite aos poucos até cozinhar bem o milho, mexendo sempre. Retira-se do fogo e misturam-se 3 colheres de queijo ralado, 1 de manteiga e 2 gemas.

Arrumam-se as panquecas, umas ao lado das outras num prato de forno. Cobre-se de molho branco ou de tomates, polvilha-se de queijo e manteiga derretida; vai ao forno muito quente durante alguns minutos.

PUDIM DE CENOURAS

Cozinham-se em água e sal duas chicaras de cenouras cortadas em tirinhas. Escorre-se bem e junta-se uma colher das de sopa de cebola picada, uma chicara de arroz cozido, um ovo batido, uma colher de manteiga e uma chicara de queijo Clabb ralado, mistura-se tudo muito bem, põe-se numa fôrma furada no meio, untada de manteiga, e leva-se ao forno regular durante uns 20 minutos. Depois de pronto, vira-se num prato, enche-se o centro, e rodeia-se o prato, com **petits-pois**. Deve ser servido muito quente.

BOBO

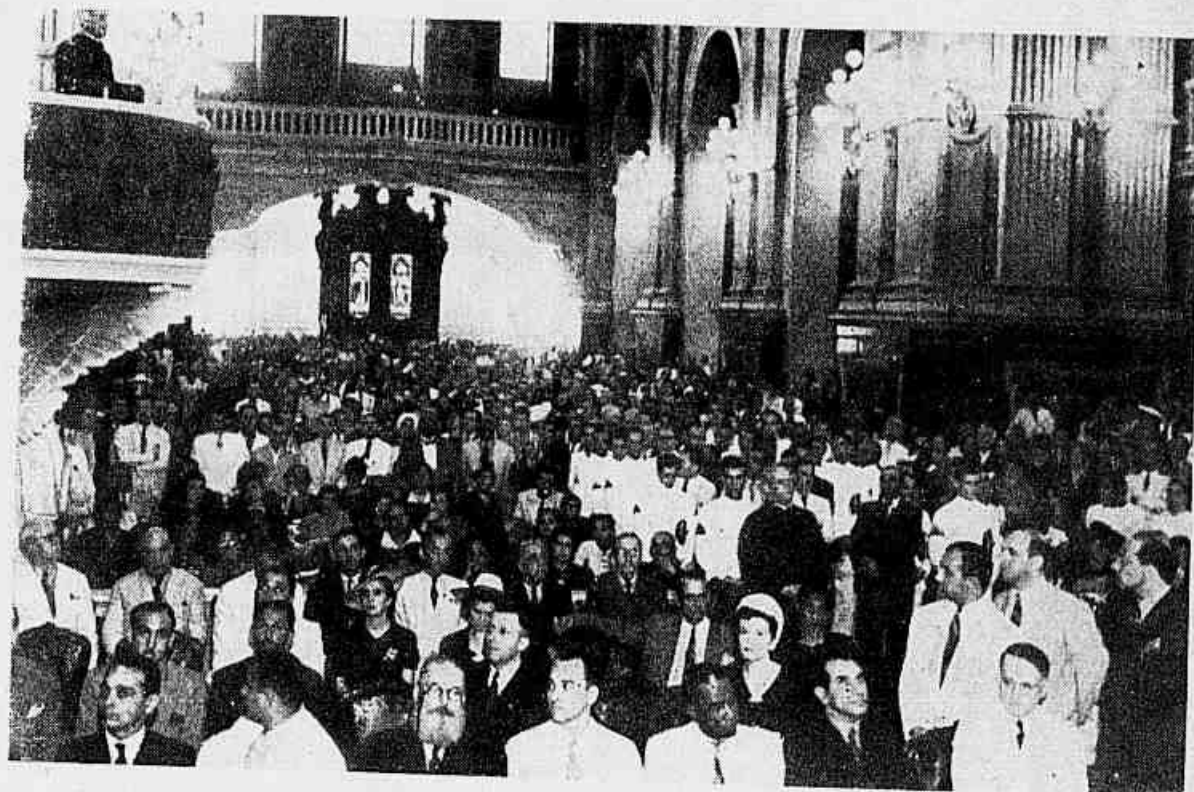
Faz-se um bom refogado com azeite doce, cebolas, tomates e pimentões passados na máquina. Junta-se 1 quilo de aipim descascado e partido em pedaços pequenos; deixa-se refogar uns minutos. Ralam-se 3 côcos grandes, tira-se o leite puro, põem-se 3 copos de água fervente no bagaço e tira-se o segundo leite; junta-se este ao aipim e deixa-se cozinhar, mexendo de vez em quando. Se engrossar muito, põe-se um pouco d'água.

Refoga-se com todos os temperos, em azeite, um quilo de camarões.

Quando o aipim estiver na consistência de um creme bem grosso, misturam-se os camarões, o leite puro dos côcos e azeite de dendê até ficar bem amarelo. Tempera-se com sal e pimenta a gosto.

Serve-se com pirão de arroz, como o vatapá.

Em memória dos marinheiros do Brasil



Aspectos colhidos na matriz da Candelaria ao se realizarem os ofícios fúnebres em sufrágio da alma dos tripulantes dos [navios mercantes "Buarque", "Olinda", "Arabutan" e "Cairú", torpedeados covardemente em águas americanas nos dias 16 e 18 de Fevereiro e 7 e 8 de Março respectivamente.



Estampamos acima dois aspectos colhidos por ocasião da missa de 7.º dia mandada celebrar em memória do desembargador Antonio Eugenio Magarinos Torres, vendo-se pessoas de sua exma. família, alunos e membros da Escola de Comercio do Rio de Janeiro, da qual o ilustre extinto era Diretor Geral.



CIA. DE CIGARROS SOUZA CRUZ

Epoca